

MESTRADO EM ENSINO DE GEOGRAFIA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO

# **A INCLUSÃO DOS DESPORTISTAS NO ENSINO**

Beatriz Adriana Carvalho da Silva

**M**

2018



**Beatriz Adriana Carvalho da Silva**

**A inclusão dos desportistas no ensino**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientada pela Professora Doutora Laura Maria Pinheiro de Machado Soares e coorientada pela Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018

# A inclusão dos desportistas no ensino

Beatriz Adriana Carvalho da Silva

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientada pela Professora Doutora Laura Maria Pinheiro de Machado Soares e coorientada pela Professora Doutora Elsa Maria Teixeira Pacheco.

## Membros do Júri

Professora Doutora Fátima Matos  
Faculdade de Letras. - Universidade do Porto

Professora Doutora Cristiana Martinha  
Instituto de Educação – Universidade do Minho

Professora Doutora Laura Soares  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 18 valores

*Aos meus pais pelo seu apoio incondicional e aos meus  
alunos porque sem eles nada seria possível! O meu muito  
obrigada*

## Sumário

Declaração de honra .....	7
Agradecimentos .....	8
Resumo .....	9
Abstract.....	11
Índice de ilustrações e gráficos.....	13
Índice de tabelas (ou de quadros) .....	17
Lista de abreviaturas e siglas .....	18
Introdução .....	19
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico.....	24
1.1 Enquadramento legislativo dos alunos atletas .....	25
1.2. Atletas federados no ensino: ponto da situação no contexto nacional e internacional .....	31
1.2.1. O projeto das UAARE .....	32
1.2.2. Como é que lidam com esta problemática fora de Portugal?.....	36
1.2.3. Metodologias de trabalho das escolas nos diferentes países .....	37
1.2.4. O Currículo.....	40
1.3. A inclusão dos desportistas na Escola Secundária António Nobre .....	41
Capítulo II. – Enquadramento do estudo de caso .....	47
2.1. Escola Secundária António Nobre.....	51
2.1.1 Oferta educativa da ESAN: O curso técnico de apoio à gestão desportiva....	53
2.2 Caraterização das Turmas alvo do nosso estudo .....	54
2.3. Enquadramento Metodológico .....	61
Capítulo III. – Apresentação e análise dos resultados .....	63
3.1. A perspetiva dos alunos “não atletas” .....	63
3.2. A perspetiva dos alunos atletas.....	76
3.2.1. Elementos de identificação.....	76
3.2.2. Dificuldades na articulação escola-desporto .....	86
3.2.3. O Estatuto de Alto Rendimento .....	95
3.2.4. Perspetivas de futuro .....	97
2.2.5 Opiniões globais: o Estatuto de Alto Rendimento, alterações a concretizar e os protocolos entre as escolas e os clubes .....	100
3.3. Os resultados escolares.....	102

Conclusão (ou Considerações finais) .....	110
Referências bibliográficas .....	116
Anexos.....	119
Anexo 1 – Inquérito por questionário aos alunos atletas das turmas LH10.1, LH10.2, LH12.1 e LH12.2.....	120
Anexo 2 - Inquérito por questionário aos alunos não atletas das turmas LH10.1 e LH12.2.....	129
Anexo 3 – Entrevista à professora Salomé Ribeiro, orientadora de estágio do Núcleo da Escola Secundário António Nobre .....	134
Anexo 4 – Quadro Legislação .....	139

## **Declaração de honra**

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 29 de novembro de 2018

Beatriz Adriana Carvalho da Silva

## **Agradecimentos**

Aos meus pais pelo apoio incondicional que sempre me deram durante todo o meu percurso escolar, sem o seu esforço e dedicação nada seria possível. Os incentivos, o acreditar e a disponibilidade foram sem dúvida os impulsos que precisei para concluir com sucesso este longo percurso. Obrigada, ontem, hoje, amanhã e sempre!

Aos meus avós pelo apoio e pelas aprendizagens. A força e determinação que têm mostrado ao longo dos anos é sem dúvida uma inspiração para todos os que vos conhecem.

Ao meu tio Paulo, tia Sílvia, Hélder e Carolina por sempre se mostrarem interessados com os meus estudos e sempre estarem lá quando é preciso.

À Professora Doutora Laura Soares, a minha orientadora, pela paciência e pelo trabalho excecional que tornou tudo isto possível. Sem a sua preciosa ajuda nada seria possível, “adotou-me” durante este ano e não poderia estar mais agradecida, a si um muito obrigada.

Ao meu colega de núcleo de Estágio, Luís Loureiro, um amigo ‘para a vida toda’. Um Amigo com ‘A’ grande, que sempre mostrou apoio nos bons e principalmente nos maus momentos. Obrigada pela ‘estupidez diária’.

À minha colega de núcleo de Estágio, Sílvia Oliveira, que foi uma das melhores surpresas que tive este ano. Sem dúvida que sem a tua ajuda e incentivo diário o estágio não teria corrido tão bem. Obrigada por nos teres aturado e por te juntares à ‘brincadeira’!

*Team Nobre*, um muito obrigada, adoro-vos!

Aos meus colegas de mestrado, por todos os momentos que passamos, os bons e os maus. Formámos uma pequena família durante estes dois anos e espero que a consigamos conservar por muitos e longos anos.

Às minhas turmas, 10º LH1, 10ª LH2, 12º LH1 e 12º LH2, pois sem eles nada seria possível. Obrigada pela disponibilidade que sempre mostraram quando vos pedia algo.

À D. Elisabete e D. Paula pela ajuda durante todo o ano letivo. A vossa boa disposição diária contagiava toda a gente.



## **Resumo**

A escolaridade obrigatória, orientada segundo o princípio da inclusão, coloca vários desafios a todas as instituições e agentes do processo educativo. Estes desafios relacionam-se com o facto de as escolas integrarem alunos que, vivendo num ‘mundo global’, apresentam perfis distintos do ponto de vista socioeconómico e cultural, que se refletem em termos cognitivos e motivacionais, condicionando o seu percurso escolar e projeto de vida. A todos é preciso dar resposta garantindo um ensino que promova o seu desenvolvimento integral, mas um ensino que reconheça que cada aluno é ‘único’, aprende de forma diferente, possui capacidades e aspirações distintas. Se queremos uma ‘escola de todos, para todos e com todos’ é preciso criar condições para tal, tentando conciliar ou ‘flexibilizar’ a escola/ensino com as expectativas dos nossos jovens.

É neste contexto que se integra o nosso Relatório de Iniciação à Prática Profissional, pretendendo-se analisar como se articula a atividade escolar e a prática desportiva de alunos-atletas da Escola Secundária António Nobre, tentando perceber que ‘condições’ lhes são/devem ser proporcionadas para que possam concluir com sucesso o ensino obrigatório mas mantendo a sua formação desportiva.

Para o efeito, utilizamos uma metodologia de trabalho centrada na aplicação de questionários a alunos atletas e não atletas do 10º e 12º ano de escolaridade, envolvendo um total de 42 alunos com idades compreendidas entre os 15 e os 20 anos de idade, dos quais 24 são atletas federados. Estes inquéritos permitiram-nos caracterizar os estudantes sob diversos pontos de vista, ‘ouvindo’ a suas opiniões sobre a conciliação ensino-desporto, os benefícios de que usufruem e as implicações (vantagens/desvantagens) para atletas e não atletas. Na parte final, procedeu-se a uma comparação entre a avaliação final de alunos praticantes e não praticantes de desporto, sendo ainda identificadas as perspetivas dos alunos em relação ao seu futuro (académico e profissional).

Os resultados demonstram que permanecem dificuldades na conciliação ensino-desporto, centradas sobretudo na flexibilização de horários. No que diz respeito à avaliação comparada atletas-não atletas não é possível definir uma tendência clara, pois

se no 10ºano a classificação dos primeiros é superior – embora mais desnivelada na turma com horário adaptado aos treinos - no 12º ano os alunos não atletas apresentam um melhor desempenho, mesmo na turma com horário adaptado.

**Palavras-chave:** Ensino, Desporto, Articulação, Flexibilidade, Aluno-atleta.

## **Abstract**

Guided by the principle of inclusion, mandatory school put every institution and every entity of the educational process through many challenges. Those challenges, are related with the fact of schools combining students that live in different realities, having several socioeconomics and cultural origins, although they live in a “global world”, those differences reflect in cognitive and motivational issues, that could harm their academic course and their life project. To all the students is vital to ensure that the educational system promotes their absolute development, and recognizes that every student is “unique”, that learns different from the next one and each one have different abilities and ambitions. If we want a “school to everyone, for everyone and with everyone” is necessary to create conditions to make it happen, by trying to conciliate or “flexibilize” the school/education with our student’s expectations.

In this context, we build our Professional Practice Initiation Report, to analyse how the academic course and sports practice interlock with each other, to the athlete-students of António Nobre High School, trying to realize what are the “conditions” that are given to them so they can achieve with success mandatory school and at the same time their sports training.

To do it, was used the following methodology, we applied surveys to athlete-students and non-athlete-students of 10<sup>th</sup> and 12<sup>th</sup> years of school, resulting in the participation of 42 students between the age of 15 and 20 years old, of those 42 students, 24 of them are federated athletes. The surveys made also possible to characterize the students in many aspects, “listening” to their opinions about how education and sports practice interlock, the benefits and the implications (advantages/disadvantages) that they bring to athletes and non-athletes. In the finish line, we have compared the final grades of the non-athlete and athlete-students and were identified the students perspectives about their future (academic and professional).

The results show us that there are some issues on the conciliation of the education and the practice of sports, mostly on the adaptation of their schedules. Concerning to the evaluation between the athletes-students/non-athletes-students, it was not possible to define a tendency, because in the 10<sup>th</sup> year, the grades of the first ones were higher than the second ones – although the grades of the class with adapted schedules for training were more unlevelled – in the 12<sup>th</sup> year the non-athletes-students shows us a better grades even in the class with adapted schedules.

**Keywords:** Education, Sports, Articulation, Flexibility, Student–athlete

## **Índice de ilustrações e gráficos**

Figura 1: Horários das turmas do 10º ano LH10.1 e LH10.2.....	42
Figura 2: Horários das turmas de 12º ano LH12.1 e LH12.2.....	44
Figura 3: Localização das escolas do AEAN.....	47
Gráfico 1: Número de alunos inscritos nos diferentes níveis de ensino no Agrupamento de Escolas António Nobre. Fonte: Projeto Educativo do AEAN.....	49
Gráfico 2: Número de docentes por nível de ensino no Agrupamento de Escolas António Nobre.....	50
Gráfico 3: Número de Docentes por Vínculo Contratual do AEAN, em 2017/2018.....	50
Gráfico 4: Distribuição etária do corpo docente do AEAN, por faixa etária, em 2017/2018.....	51
Ilustração 4: Lema e tapeçaria da autoria do Prof Américo Moura. Esta imagem tem sido utilizada como imagem de marca da escola desde os últimos 4 anos.....	52
Gráfico 5: Idades dos alunos da turma 10º LH1.....	54
Gráfico 6: Percurso Escolar dos alunos do 10º LH1.....	55
Gráfico 7: Idade dos alunos da turma 10º LH2.....	58
Gráfico 8: Percurso escolar da turma do 10º LH2.....	58
Gráfico 9: Idade dos alunos da turma do LH12.1.....	59
Gráfico 10: Idades dos alunos da turma 12º LH2.....	60
Gráfico 11: Conheces o protocolo que o FC Porto tem com a Escola António Nobre?.....	64
Gráfico 12: Achas que és de alguma forma prejudicado face aos alunos que beneficiam desse protocolo?.....	65
Gráfico 11: Achas que és de alguma forma beneficiado por integrares uma turma com alunos que usufruem desse protocolo?.....	65
Gráfico 14: Problemática do horário escolar.....	67

Gráfico 15: Problemática das constantes interrupções no início da aula devido aos atrasos.....	69
Gráfico 16: Benefícios desses alunos em relação às faltas.....	70
Gráfico 17: Problemática: Esses alunos são pouco motivados e desconcentram-me.....	72
Gráfico 18: Problemática: Os professores são menos exigentes e aprofundam menos os conteúdos.....	73
Gráfico 19: Problemática: É difícil estabelecer relações de amizade com esses alunos, porque tendem a formar "grupos fechados".....	74
Gráfico 20: O facto de teres várias horas sem aulas na transição entre o horário matinal e o da tarde dificulta a tua concentração nas aulas?.....	75
Gráfico 21: Os teus pais/encarregado de educação já se manifestaram alguma vez contra a tua inclusão numa turma que usufrui de condições associadas ao protocolo que o FC Porto tem com a Escola António Nobre?.....	76
Gráfico 22: Modalidade desportiva praticada.....	77
Gráfico 2: Clubes representados pelos nossos alunos.....	77
Gráfico 24: Os meus pais/encarregado de educação apoiam e incentivam a minha prática desportiva.....	80
Gráfico 25: Os meus pais/encarregado de educação condicionam a minha prática desportiva aos meus resultados escolares.....	81
Gráfico 26: Em que ano(s) de escolaridade reprovou?.....	83
Gráfico 27: O meu clube/treinador incentiva a minha frequência escolar e o meu clube/treinador interessa-se pelos resultados no ensino.....	84
Gráfico 28: O meu Clube/treinador condicionam a minha prática desportiva aos meus resultados escolares e o meu Clube/treinador adapta/facilita o horário do meu treino em função dos meus testes de avaliação.....	85
Gráfico 29: Seria melhor aluno se não praticasse desporto de forma tão intensiva e seria	

melhor atleta se não estudasse.....	86
Gráfico 30: Horário dos treinos e horários escolares.....	87
Gráfico 31: Chegar atrasado aos treinos devido às aulas, chegar atrasado às aulas devido aos treinos e em alguns casos ter de faltar de forma prolongada às aulas.....	88
Gráfico 32: A escola ser longe do clube de prática desportiva e ter de frequentar escolas que tenham protocolo com o clube.....	89
Gráfico 33: Falta de tempo/motivação para estudar.....	90
Gráfico 34: Para além das anteriores, sentes mais algum(ns) obstáculo(s) na articulação entre o ensino e desporto?.....	91
Gráfico 35: O facto de frequentares uma turma com alunos que não praticam uma atividade desportiva com intensidade similar à tua pode trazer-lhes algumas desvantagens? Quais?.....	92
Gráfico 36: Sentes alguma alteração de comportamento por parte dos teus colegas pelo facto de seres praticante desportivo? Se sim, explicita.....	93
Gráfico 37: Sentes alguma alteração de comportamento por parte dos teus professores pelo facto de seres praticante desportivo? Se sim, explicita.....	94
Gráfico 38: Quais os benefícios desenvolvidos pela escola?.....	95
Gráfico 39: Tens conhecimento da existência do Estatuto de Alto Rendimento? És titular do Estatuto de Alto Rendimento? Tens conhecimento dos objetivos que tens de alcançar para adquirir esse Estatuto? Estás ciente das vantagens que o Estatuto de Alto Rendimento? És atleta federado?.....	96
Gráfico 40: Das seguintes vantagens que o Estatuto de Alto Rendimento oferece assinala as três opções que achas que iriam melhorar o teu percurso escolar.....	97
Gráfico 41: Que curso pretendes frequentar?.....	98
Gráfico 42: Se não vais seguir o ensino superior o que pretendes fazer?.....	99

Gráfico 43: O que achas que será mais útil no teu futuro: o Desporto ou os Estudos?.....	100
Gráfico 44: Avaliação final dos alunos das turmas LH1 e LH2 do 10º ano em Geografia.....	102
Gráfico 45: Avaliação final dos alunos das turmas LH1 e LH2 do 12º ano em Geografia.....	104
Gráfico 46: Notas dos alunos Atletas e Não Atletas da turma LH1 do 10º ano.....	105
Gráfico 47: Notas dos alunos Atletas e Não Atletas da turma LH2 do 10º ano.....	106
Gráfico 48: Notas dos alunos Atletas e Não Atletas da turma LH1 do 12º ano.....	107
Gráfico 49: Notas dos alunos Atletas e Não Atletas da turma LH2 do 12º ano.....	108
Gráfico 50: Notas dos alunos atletas que beneficiam do protocolo e dos alunos que não beneficiam.....	109



## **Índice de tabelas (ou de quadros)**

Quadro 1 - Classificação dos atletas do Programa Olímpico, considerando os resultados desportivos obtidos em modalidades coletivas.....	29
Quadro 2 - Classificação dos atletas que não pertencem ao Programa Olímpico, considerando os resultados desportivos obtidos em modalidades coletivas.....	30
Quadro 3 - Escolas constituintes do A.E.S.N. e os respetivos níveis de escolaridade...	48

## **Lista de abreviaturas e siglas**

AC – Alta Competição

AEAN – Agrupamento de Escolas de António Nobre

AR – Alto Rendimento

ESAN – Escola Secundária António Nobre

FCP – Futebol Clube do Porto

GAAR – Gabinete de Apoio ao Alto Rendimento

INSEP - Institut National du Sport, de l'Expertise et de la Performance

IPDJ – Instituto Português do Desporto e Juventude

POCH - Programa Operacional Capital Humano

SSS – Singapore Sports School

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UAARE – Unidade de Apoio ao Alto Rendimento na Escola

UEFA – Union of European Football Associations

## Introdução

Quando somos crianças e sonhamos com o dia em que nos tornamos adultos e profissionais, também pensamos no longo caminho a percorrer - que pode implicar um percurso aproximado de 18 anos, considerando a escolaridade obrigatória e a formação académica posterior - caminho esse que os nossos alunos estão a atravessar neste momento. Talvez por isso nos seja mais fácil perceber, enquanto ‘aprendizes’ de professor, as suas expectativas, dúvidas e hesitações, assim como a dificuldade em assumir um determinado rumo em detrimento de outro.

Embora numa perspetiva diferente, um dos desafios que se nos colocam durante um estágio profissionalizante associado à docência, é o relatório (para todos os efeitos uma dissertação de mestrado) que temos de escrever. Pensando bem, não é o ‘problema’ de o escrever, mas sim que tema escolher, porque consideramos essencial abordar uma temática de que gostamos verdadeiramente, com que nos identificamos. Percebemos assim, tal como refere Tuckman (2000), que esta escolha pode ser a fase mais complexa de um projeto de investigação.

Considerando várias opções, a nossa primeira ideia, pela sua atualidade, foi abordar as Tecnologias de Educação e Informação (TIC) aplicadas ao processo de ensino-aprendizagem. Mas após uma breve pesquisa bibliográfica, apercebemo-nos que existiam já vários relatórios de estágio sobre esse mesmo tema, para além de diversos artigos e livros científicos, pelo que não seria fácil definir um contributo inovador.

Decidimos então olhar para ‘dentro’, para a realidade do contexto escolar em que nos inserimos: o que é que as nossas turmas/alunos/escola têm de diferente dos restantes núcleos de estágio? Refletindo sobre esta questão e analisando alguns dos problemas com que nos debatemos nos primeiros meses passados na Escola Secundária António Nobre (ESAN), chegamos à conclusão que a diferença mais relevante assentava no facto de termos turmas com alunos que praticavam desporto regularmente, alguns competindo mesmo ao mais ‘alto nível’ tendo em conta o escalão que representam, o que interferia não só com a sua vida académica, mas também com a gestão escolar e o planeamento dos professores. Nesse sentido decidimos que um tema

pertinente seria refletir sobre a inclusão dos alunos atletas federados no sistema de ensino. Efetivamente, desde o início do ano letivo reparamos que existia uma certa dificuldade por parte de professores e alunos em perceber a realidade de ambas as partes. Se por um lado os alunos desportistas ‘não entendem’ que os professores têm um longo programa a cumprir e que a sua prestação/comportamento em sala de aula interfere com o trabalho docente e com a aprendizagem dos colegas, por outro lado os professores/escola por vezes ‘esquecem’ que para estes alunos o futebol faz parte do seu plano de vida, encarando o ensino como algo ‘secundário’ ou que poderão retomar futuramente. Para eles esta fase de formação desportiva é essencial para serem bem-sucedidos, para chegarem às equipas seniores com distinção.

Para além destas questões, outras são colocadas principalmente por parte dos professores e alguns encarregados de educação. Referimo-nos, designadamente, à crítica aos horários escolares, principalmente quanto às aulas concentradas da parte da tarde e ao último tempo. Efetivamente, uma das ‘exigências’ do Futebol Clube do Porto (FCP) – clube que a maior parte dos estudantes integra - é que os treinos sejam matinais, justificando que desta forma os atletas ficam com o tempo necessário para estudar como os restantes estudantes. Mas como é que lidam os alunos sem ligação ao clube ou ao desporto com estes horários e mesmo tempos livres entre aulas? Outro problema está associado aos estudantes que pertencem aos sub-19 do FCP, por estarem sempre a transitar entre os treinos da equipa B e o escalão de formação, pois como são alunos de 12º ano têm aulas apenas no horário da tarde e esta transição faz com que cheguem atrasados ao primeiro tempo.

Note-se, ainda, que estes alunos não se enquadram em nenhum estatuto especial, apesar de alguns deles serem atletas federados. Efetivamente, só os praticantes desportivos de ‘alto rendimento’ (Decreto-Lei n.º 272/2009 de 1 de outubro) ou que integram ‘seleções nacionais’ (Decreto-Lei n.º 45/2013 de 5 de abril) possuem alguns benefícios conferidos pela legislação. Com efeito, embora a Lei de Bases do Desporto (Lei n.º 30/2004, de 21 de julho<sup>1</sup>) reconheça como (...) *praticantes desportivos aqueles que, a título individual ou integrados numa equipa, desenvolvam uma atividade*

---

<sup>1</sup> . Embora revogada pela Lei n.º 5/2007, de 16 de janeiro, a informação referida mantém-se.

*desportiva [o seu estatuto] é definido de acordo com o fim dominante da sua atividade (Art.º 34), sendo da responsabilidade do Instituto Português do Desporto e Juventude, IP (IPDJ) registar esses estudantes e comunicar ao Ministério da Educação “no início do ano letivo, a integração de alunos no registo referido.*

De qualquer modo, as escolas podem estabelecer Parcerias com diferentes entidades, integrando, como se pode ler na Secção III (Art.º 93) do Regulamento Interno (RI) do Agrupamento de Escolas António Nobre (...) *programas e métodos capazes de prosseguir na formação de perfis profissionais, cada vez mais adequados à realidade de trabalho onde, potencialmente, os seus alunos exercerão a sua atividade profissional.*

A ESAN tem uma parceria com o FCP desde há vários anos, pelo que os alunos que integram o clube usufruem dos benefícios que constam do RI, fundamentado na legislação adequada, designadamente nos decretos acima referidos e na Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro que aprova o Estatuto do Aluno e Ética Escolar, mas cumprindo o (...) *acordado entre as partes envolvidas e tendo sempre em conta a salvaguarda dos interesses dos alunos* (RI, Art.º 93, ponto 1). É neste contexto que se justificam algumas das prerrogativas que se lhes aplicam, tais como *[u]sufruir de um horário escolar adequado ao ano frequentado, bem como de uma planificação equilibrada das atividades curriculares e extracurriculares, nomeadamente as que contribuem para o desenvolvimento cultural da comunidade* (Art.º 7 da Lei n.º 51/2012). Mas esta questão será discutida com mais pormenor na primeira parte do nosso relatório.

Após esta breve reflexão e pesquisa preliminar, consideramos que o tema em causa era pertinente, definindo-se como pergunta de partida da nossa investigação: *Como conciliar atividades ensino/aprendizagem com a prática desportiva?* Ou seja, o objetivo geral do nosso estudo visa analisar como se pode articular/integrar o ensino ‘formal’ na ESAN com atividades desportivas que, para todos os efeitos, são ‘extracurriculares’, sem pôr em causa as expectativas dos alunos - que vêm na modalidade que praticam um rumo profissional - mas tentando proporcionar-lhes condições que, simultaneamente, lhes permita completar o ensino obrigatório não lesando os outros estudantes ou dificultando o trabalho dos professores/escola.

Para responder a esta problemática, definimos como objetivos específicos:

- Analisar a legislação geral que enquadra os alunos praticantes de desporto, bem como o RI da ESAN e o contrato de parceria estabelecido com o FCP, de forma a perceber as medidas/alterações que facilitam a articulação entre as atividades de ensino-aprendizagem/desporto, permitindo a integração destes estudantes no ensino regular;
- Definir a opinião dos estudantes desportistas relativamente à compatibilização entre o ensino curricular e a prática desportiva;
- Comparar os resultados de avaliação obtidos pelos alunos praticantes e não praticantes de desporto;
- Identificar a perspetiva dos alunos em relação ao seu futuro académico e profissional;
- Aferir a opinião da nossa orientadora de estágio, professora Salomé Ribeiro, sobre a integração destes alunos no ensino regular e a forma como condiciona (ou não) a sua prática letiva.

Para concretizar a nossa investigação, optamos por uma metodologia de trabalho centrada na realização de inquéritos por questionário aos alunos-atletas, assim como a alunos das turmas que incluem os praticantes de futebol, para saber a sua opinião quanto a possíveis interferências na sua vida escolar (ou até na vida familiar) de eventuais alterações logísticas e métodos de ensino.

Assim, o nosso Relatório de Estágio está dividido em três capítulos:

O Capítulo I – Enquadramento teórico/conceptual – destina-se à apresentação/discussão do tema selecionado, procedendo-se a uma síntese da legislação relacionada com a prática do desporto em contexto escolar, assim como à definição de conceitos considerados pertinentes, designadamente os vários estatutos que podem ser atribuídos aos praticantes desportivos. Reflete-se ainda sobre a compatibilização entre o ensino e o desporto, recorrendo a vários autores que já se debruçaram sobre o assunto.

O Capítulo II – Estudo de caso – engloba dois subcapítulos: o primeiro destina-se à apresentação do contexto onde este Relatório de Estágio foi realizado, procedendo-

se a um enquadramento do Agrupamento de Escolas António Nobre (AEAN) e, de forma mais específica da ESAN, com referência ao seu projeto e comunidade educativa, principalmente alunos e docentes; o segundo, consiste numa descrição pormenorizada dos materiais e métodos aplicados na nossa investigação.

Finalmente o Capítulo III - Apresentação e análise dos resultados – centra-se na discussão dos resultados obtidos, visando dar resposta às questões/objetivos formulados.

Concluimos o nosso estudo sintetizando os aspetos principais, propondo ainda, com base nas respostas de todos os inquiridos, algumas medidas que podem permitir conciliar de forma mais eficaz as atividades ensino/aprendizagem com a prática desportiva, ajudando os estudantes a serem bem-sucedidos ‘dentro e fora das quatro linhas’.

## Capítulo 1 – Enquadramento Teórico

O ensino em Portugal continua a apresentar algumas fragilidades, apesar das tendências positivas que demonstra em vários aspetos, tal como é salientado no *Monitor da Educação e da Formação* relativo ao nosso país (DGEJDC, 2017)<sup>2</sup>. Constituindo um dos sistemas mais importantes na ‘vida’ de uma sociedade, uma vez que é responsável pela educação das gerações futuras, deve garantir a formação de cidadãos com conhecimentos, capacidades e atitudes que lhes permitam enfrentar os desafios de um mundo em constante mudança. Como é referido no Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho (p. 2928),

(...) a sociedade enfrenta atualmente novos desafios, decorrentes de uma globalização e desenvolvimento tecnológico em aceleração, tendo a escola de preparar os alunos, que serão jovens e adultos em 2030, para empregos ainda não criados, para tecnologias ainda não inventadas, para a resolução de problemas que ainda se desconhecem.

Estas ‘exigências’, que se encontram plasmadas no Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória (2017) e nas diretivas que enquadram a (...) *gestão flexível das matrizes curriculares-base* [aprendizagens essenciais] *adequando-as às opções curriculares de cada escola*, preconizam que

Uma escola inclusiva, promotora de melhores aprendizagens para todos os alunos e a operacionalização do perfil de competências que se pretende que os mesmos desenvolvam, para o exercício de uma cidadania ativa e informada ao longo da vida, implicam que seja dada às escolas autonomia para um desenvolvimento curricular adequado a contextos específicos e às necessidades dos seus alunos (op. cit., p. 2929).

Assim sendo, é importante as escolas olharem para dentro e identificar as características da área em que se inserem, tentando perceber o quadro socioeconómico e cultural dos seus alunos...pois cada escola é diferente, como são diferentes os projetos de vida de cada aluno.

---

<sup>2</sup>. Documento disponível em [https://ec.europa.eu/education/sites/education/files/monitor2017-pt\\_pt.pdf](https://ec.europa.eu/education/sites/education/files/monitor2017-pt_pt.pdf). Acesso a 20-08-2018.



Foi neste sentido, que surgiu o tema ‘A inclusão dos desportistas no ensino’, uma vez que a ESAN, como referimos, possui um número significativo de estudantes atletas, vários beneficiando do protocolo entre a escola e o FCP, que lhes permite usufruir de condições que visam conciliar a aprendizagem com o desporto.

Desde o início do nosso estágio curricular percebemos que esta conciliação não é fácil e, por vezes, gera mesmo situações ‘desconfortáveis’ para vários membros da comunidade escolar da ESAN, desde professores a alunos.

Se o objetivo geral do nosso estudo visa contribuir para uma melhor compreensão do problema – ou seja, como articular o ensino escolar (na ESAN) com atividades desportivas que os alunos encaram como um rumo profissional – vamos iniciar este capítulo do nosso relatório com uma abordagem sobre a legislação que em Portugal existe neste contexto.

## **1.1 Enquadramento legislativo dos alunos atletas**

Não sendo nosso objetivo uma análise exaustiva da legislação que se aplica aos alunos atletas, procedemos à elaboração de um quadro-resumo das leis que enquadram o tema em causa (ver Anexo nº4). No entanto, consideramos importante fazer referência aos aspetos que permitem compreender melhor o que está em causa para os alunos da ESAN, pelo que começamos por focar o significado de ‘Alta Competição’ (AC) e a quem se aplica este estatuto.

Se a Portaria n.º 730/80 de 26 de setembro é, segundo Carvalho (2002), um marco importante para a valorização ‘política e conceptual da alta competição’ – uma vez que aprova o Regulamento de Apoio ao Desporto de Alta Competição - no Decreto-Lei n.º 257/90 de 7 de agosto define-se que a AC, inserida (...) *no âmbito do desporto-rendimento, corresponde à evidência de talentos e de vocações de mérito desportivo excecional, aferindo-se os resultados desportivos por padrões internacionais sendo a respetiva carreira orientada para o êxito na ordem desportiva internacional* (Artigo 2º, p.3227).

Este decreto estabelecia os direitos/vantagens conferidos aos praticantes de AC que frequentavam estabelecimentos públicos de qualquer grau de ensino, designadamente: um horário escolar adaptado à sua preparação desportiva; a alteração

das datas das provas de avaliação; uma maior flexibilidade na transferência de estabelecimento de ensino; a oportunidade de terem um professor acompanhante que teria a responsabilidade de acompanhar a evolução do aluno e o seu aproveitamento escolar e ainda estaria encarregue de detetar as dificuldades e propor algumas medidas para que lhe seja dado o apoio necessário, tal como aulas de compensação, cursos ou lições.

Mas o acesso a estas vantagens era limitado e o próprio decreto referia que o desporto de alta competição é (...) *um subsistema a que apenas muito poucos podem aceder* (op. cit. p.3227). Até à publicação da Lei de Bases do Desporto (Lei n.º 30/2004, de 21 de julho) e da Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto (Lei n.º 5/2007, de 16 de janeiro) foram editados alguns decretos e portarias estabelecendo normas (ou o seu aperfeiçoamento) para aspetos específicos da alta competição (i.e. concessão de bolsas académicas, seguro desportivo especial, regimes especiais de acesso e ingresso no ensino superior). Na Lei n.º 5/2007 fala-se agora de ‘desporto de alto rendimento’, entendido como a (...) *prática desportiva que visa a obtenção de resultados de excelência, aferidos em função dos padrões desportivos internacionais, sendo objecto de medidas de apoio específicas* (p.362).

No entanto é o Decreto-Lei n.º 272/2009 de 1 de outubro que vai estabelecer as medidas específicas de apoio ao desenvolvimento do desporto de alto rendimento (AR) que, segundo o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), está (...) *relacionado com um elevado cariz de seleção, rigor e exigência*<sup>3</sup>, pelo que é um estatuto difícil de alcançar. De acordo com o decreto referido (p.7080), a definição de alto rendimento não é muito distinta da anterior, entendendo-se como a (...) *prática desportiva em que os praticantes obtêm classificações e resultados desportivos de elevado mérito, aferidas em função dos padrões desportivos internacionais*. Ou seja, para que os atletas se juntem a este grupo restrito têm de obter as melhores classificações e resultados no plano desportivo internacional, usufruindo de medidas de apoio escolar expressas dos artigos 14º (Matrículas e inscrições) a 22º (Bolsas

---

<sup>3</sup>. Adaptado do site oficial do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ): <http://www.idesporto.pt/conteudo.aspx?id=13&idMenu=5>. Acesso no dia 18 de abril de 2018.

académicas), que aperfeiçoam e precisam os benefícios já referidos no Decreto-Lei n.º 257/90, nomeadamente:

- facilidade na inscrição em estabelecimentos de ensino que se localizam fora da sua área de residência, assim como na transferência para outros estabelecimentos *se (...) o exercício da sua actividade desportiva o justificar* (p.7083);
- adaptação do horário escolar e regime de frequência, podendo (...) *ser admitida a frequência de aulas em turmas diferentes, bem como o aproveitamento escolar por disciplinas* (p.7083);
- justificação de faltas durante a preparação e participação em competições;
- alteração de datas de provas de avaliação, podendo mesmo ser definidas épocas especiais de avaliação;
- nomeação de um professor que deve acompanhar a evolução do seu aproveitamento escolar, designado pelos órgãos de gestão do estabelecimento;
- lecionação de aulas de compensação, repondo as sessões letivas a que teve de faltar ou revendo matérias em que sente mais dificuldade;
- possibilidade de lhe ser atribuída uma bolsa académica, caso (...) *desejem frequentar, no País ou no estrangeiro, estabelecimentos de ensino que desenvolvam modelos de compatibilização entre o respectivo plano de estudos e o regime de treinos daqueles* (p.7084).

Note-se que o Decreto-Lei n.º 45/2013 de 5 de abril retoma o assunto, precisando (...) *as medidas específicas de apoio à preparação e participação internacional das seleções ou outras representações desportivas nacionais* (p.1978). Um dos aspetos que consideramos importante é a referência, no âmbito do Aproveitamento Escolar, ao envolvimento das federações, que nas leis anteriores não era explicitamente contemplada. Assim, no ponto 2 do Artigo 10º do decreto em causa, especifica-se que devem (...) *as federações desportivas promover, junto dos estabelecimentos de ensino, um modelo de compatibilização entre o plano de estudos e o regime de preparação desportiva, no sentido de promover o êxito escolar em conjunto com o sucesso desportivo.*

Ao nível do horário escolar e regime de frequência, considera-se que a sua adaptação se destina aos alunos (...) *que integram com regularidade as seleções nacionais*, e que (...) *a frequência de aulas em turmas diferentes é permitida (...) desde que não seja ultrapassado o limite máximo de alunos por turma, legalmente fixado para cada nível de ensino*. No entanto estas medidas exigem a (...) *apresentação de declaração emitida pelo IPDJ, I.P., a confirmar que tal regime se mostra necessário ao exercício da atividade desportiva dos praticantes (...) mediante solicitação devidamente fundamentada da respetiva federação desportiva*. No fundo, este decreto atribui maiores responsabilidades às federações desportivas e ao IPDJ, impondo igualmente alguns limites no acesso aos apoios, limites que contemplam, por exemplo, aspetos relacionados com as disponibilidades do próprio estabelecimento de ensino.

Mas o importante é percebermos, de forma mais clara, a quem pode ser atribuído o estatuto de AR, o que se encontra expresso no já referido Decreto-Lei n.º 272/2009 de 1 de outubro (Diário da República n.º 191/2009, Série I de 2009-10-01) e na Portaria n.º 325/2010 de 16 de junho. Assim, são considerados Praticantes Desportivos de Alto Rendimento (...) *aqueles que, preenchendo as condições legalmente estabelecidas, constarem do registo organizado pelo Instituto do Desporto de Portugal, I. P.* (p.7080.). Este registo, que é feito mediante (...) *proposta da respetiva federação desportiva, dirigida ao IDP, I. P* (Artigo 5º)<sup>4</sup>, considerando a divisão dos atletas em três níveis definidos nos Artigos 6º (Modalidades desportivas que integram o Programa Olímpico), 7º (Modalidades desportivas que não integram o Programa Olímpico) e 8º (Cidadãos com deficiência ou incapacidade e alto rendimento). Nos quadros nº 1 e 2, resumimos os critérios principais em que assenta a classificação dos atletas.

No âmbito das modalidades que integram o Programa Olímpico, são consideradas as de carácter individual e as coletivas. No contexto destas últimas, onde se integram algumas das modalidades praticadas pelos nossos alunos, o estatuto de alto rendimento é composto por três níveis (quadro 1) sendo a inserção do atleta em cada um

---

<sup>4</sup> . Note-se, ainda que a (...) *inscrição de praticantes no registo dos agentes de alto rendimento pressupõe a subscrição de um contrato com a respetiva federação desportiva e o IPDJ*, (Instituto Português do Desporto e Juventude, <http://www.idesporto.pt/conteudo.aspx?id=13&idMenu=5#legislacao>. Acesso a 20-07-2018).

deles dependente dos resultados e classificações desportivas, mas todos implicam que faça parte da seleção nacional da respetiva modalidade.

*Quadro 1: Classificação dos atletas do Programa Olímpico, considerando os resultados desportivos obtidos em modalidades coletivas.*

Nível A	<ul style="list-style-type: none"><li>• Tenham integrado seleções nacionais que obtiveram classificação na 1.<sup>a</sup> metade da tabela em campeonatos do mundo ou campeonatos da Europa, no escalão absoluto;</li><li>• Tenham integrado seleções nacionais que obtiveram classificação não inferior ao 3.º lugar em campeonatos do mundo ou campeonatos da Europa, no escalão imediatamente inferior ao absoluto;</li><li>• Tenham obtido resultados desportivos que lhes permitam a qualificação para os Jogos Olímpicos;</li></ul>
Nível B	<ul style="list-style-type: none"><li>• Tenham integrado seleções nacionais em campeonatos do mundo ou campeonatos da Europa no escalão absoluto;</li><li>• Tenham obtido classificação na 1.<sup>a</sup> metade da tabela em campeonatos do mundo ou campeonatos da Europa no escalão imediatamente inferior ao absoluto;</li></ul>
Nível C	<ul style="list-style-type: none"><li>• Tenham integrado a seleção ou representação nacional em competições desportivas de elevado nível.</li></ul>

Fonte: Decreto-Lei n.º 272/2009 de 1 de outubro e Portaria n.º 325/2010 de 16 de junho<sup>5</sup>.

Em relação às modalidades que não integram o Programa Olímpico mantém-se a divisão em modalidades individuais e coletivas, sendo estas igualmente subdivididas em três níveis (quadro 2) e respetivos resultados e classificações desportivas, mantendo a exigência de integração nas seleções nacionais.

---

<sup>5</sup>. Informação adaptada do Diário da República, 1.ª série – N.º 191 – 1 de outubro de 2009 e de Diário da República, 1.ª série – N.º 115 – 16 de junho de 2010.

*Quadro 2: Classificação dos atletas que não pertencem ao Programa Olímpico, considerando os resultados desportivos obtidos em modalidades coletivas.*

Nível A	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tenham integrado seleções nacionais que tenham obtido classificação não inferior ao 8.º lugar em campeonatos do mundo ou campeonatos da Europa, desde que corresponda ao 1.º terço da tabela, no escalão absoluto;</li> <li>• Tenham integrado seleções nacionais que obtiveram classificação não inferior ao 3.º lugar em campeonatos do mundo ou campeonatos da Europa, com número de participantes não inferior a 16, no escalão imediatamente inferior ao absoluto;</li> </ul>
Nível B	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tenham integrado seleções nacionais classificadas no 1.º terço da tabela, em campeonatos do mundo ou campeonatos da Europa no escalão absoluto;</li> <li>• Tenham obtido classificação não inferior ao 8.º lugar em campeonatos do mundo ou campeonatos da Europa, desde que corresponda ao 1.º terço da tabela, no escalão imediatamente inferior ao absoluto;</li> </ul>
Nível C	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tenham integrado a seleção ou representação nacional em competições desportivas de elevado nível.</li> </ul>

Fonte: Decreto-Lei n.º 272/2009 de 1 de outubro e Portaria n.º 325/2010 de 16 de junho<sup>6</sup>.

Considerando as modalidades individuais o esquema e critérios são relativamente similares diferindo apenas no número mínimo de participantes exigido.

Como podemos observar, é muito difícil ter acesso ao Estatuto de Alto Rendimento, pelo que é aplicado a um grupo restrito de estudantes, frequentemente do ensino superior ou final do ensino secundário.

Mas e os nossos alunos? Será que podem aspirar a este estatuto? Inseridos sobretudo nas 'Modalidades que integram o Programa Olímpico' (futebol, andebol e basquetebol) – e em menor número no contexto das que não integram o programa anterior (Karaté, Kick Boxing e Futsal) alguns já representaram a seleção portuguesa de futebol e basquetebol, assim como os seus clubes (neste caso, o FCP) em competições

<sup>6</sup>. Informação adaptada do Diário da República, 1.ª série – N.º 191 – 1 de outubro de 2009 e de Diário da República, 1.ª série – N.º 115 – 16 de junho de 2010.

internacionais da *Union of European Football Associations (UEFA)*<sup>7</sup>, mas nenhum detém ainda o referido estatuto, mesmo sendo quase todos atletas federados.

Estas competições ‘obrigam’ os nossos alunos a faltar por vezes de forma prolongada às aulas, uma vez que alguns jogos se realizam fora de Portugal<sup>8</sup>. E apesar da ESAN, face ao protocolo com o FCP, proporcionar alguns benefícios, como estar em funcionamento uma ficha de acompanhamento dos alunos quando estes se ausentam por períodos prolongados, eles acabam por depender da ajuda dos colegas e de alguns professores, mas de caráter informal. Assim, nestas situações usufruem apenas da justificação de faltas, o que não promove o seu desempenho escolar. Seria extremamente importante saber o impacto que um acompanhamento como aquele proporcionado pelo Estatuto de Alto Rendimento (de forma adaptada aos nossos alunos) poderia ter no seu rendimento e sucesso escolar.

## **1.2. Atletas federados no ensino: ponto da situação no contexto nacional e internacional**

Se existe alguma ‘tensão’ entre a prática desportiva e o ensino escolar, é importante analisarmos que possíveis soluções podem ser consideradas para, em simultâneo, permitir que os jovens alcancem o que muitas vezes é o seu projeto de vida – uma carreira profissional no desporto – mas sem descuidar o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, propomos-mos analisar como é que outros países respondem a este tipo de problemáticas, focando ainda algumas perspetivas inovadoras em Portugal.

Muitos países estão na mesma situação do nosso país. Confrontados com a dualidade em causa, optam por adaptar o ensino ao desporto, ou, privilegiando o

---

<sup>7</sup>. Destaca-se sobretudo a participação na UEFA Youth League, *competição que integra as equipas Sub-19 dos clubes que se qualificaram para disputar a fase de grupos da UEFA Champions League* (caso dos nossos alunos do 12º ano dos Sub-19 do FCP) e as equipas campeãs nacionais sub-19 das (...) 32 federações com melhor classificação no ranking de coeficientes. Informação adaptada da página oficial da UEFA: <https://pt.uefa.com/uefayouthleague/season=2018/competitionformat/>. Acesso a 13 de agosto de 2018.

<sup>8</sup>. Durante o presente ano letivo (2017-18), tivemos vários alunos a jogar no Mónaco, Istambul, Leipzig, Enfield e Nyon, entre outros locais.

primeiro, tentam encontrar na atividade desportiva uma forma de melhorar os resultados académicos. Mas esta última perspetiva não é normalmente colocada quando estão em causa práticas de alto rendimento. Mas, por exemplo, Radke e Coalter (2007) salientam que em alguns países do norte da Europa e na Austrália têm sido feitos esforços no sentido de promover o desporto escolar com objetivos educacionais, funcionando este como estímulo ao desenvolvimento de melhores padrões académicos, mas também como núcleo base de incentivo à formação de desportistas de elite. Com efeito, muitos atletas de sucesso iniciaram o seu percurso por influência do desporto escolar.

Em Portugal, como vimos, a legislação tem acompanhado o rumo internacional ao nível das medidas de apoio aos atletas considerados de alto rendimento. Mas têm igualmente sido colocadas em prática algumas experiências, destacando-se o projeto-piloto “UAARE - Unidades de Apoio ao Alto Rendimento na Escola”, criado pelo Despacho nº 9386-A/2016 de 21 de julho e visando

(...) uma articulação eficaz entre os agrupamentos de escola, os encarregados de educação, as federações desportivas e seus agentes e os municípios, entre outros interessados, tendo por objetivo conciliar, com sucesso, a atividade escolar com a prática desportiva de alunos/atletas do ensino secundário enquadrados no regime de alto rendimento ou seleções nacionais<sup>9</sup>.

### **1.2.1. O projeto das UAARE**

Em 2009, o professor Victor Pardal (agora coordenador das UAARE a nível nacional), criou o Gabinete de Apoio ao Alto Rendimento (GAAR) na escola secundária de Montemor-o-Velho. Este gabinete tinha como objetivo ajudar os estudantes com potencial desportivo (eventuais ou já detentores do estatuto de alto rendimento e atletas representantes da seleção nacional na sua modalidade) a conciliar os estudos com o desporto.<sup>10</sup>

Face ao sucesso visível deste gabinete - uma taxa de sucesso escolar superior a 90% e, a nível desportivo, vários campeões nacionais, medalhados em competições

---

<sup>9</sup>. Extraído de <http://desportoescolar.dge.mec.pt/unidade-de-apoio-ao-alto-rendimento-na-escola>. Acesso a 28 de julho de 2018.

<sup>10</sup>. Informação adaptada do jornal “PÚBLICO” online de 16 de janeiro de 2017: <https://www.publico.pt/2017/01/16/sociedade/reportagem/alta-competicao-e-estudo-e-como-ter-um-trabalho-fora-da-escola-1758173>. Acesso a 18 de janeiro de 2018.



internacionais e alunos integrados no projeto olímpico - o Ministério da Educação tomou a decisão de criar um projeto-piloto inspirado no mesmo, sob a designação já referida: “Unidades de Apoio ao Alto Rendimento na Escola” (UAARE). Posto em prática em mais três escolas para além da de Montemor-o-Velho, sete anos depois da criação do projeto inicial (ou seja, no ano letivo 2016/2017), foram envolvidas a Escola Secundária Fontes Pereira de Melo (Porto), a Escola Secundária Amélia Rey Colaço (Oeiras) e a Escola Secundária de Rio Maior. Mas vejamos com um pouco mais de pormenor como se desenvolveu esta ‘experiência’.

Como vimos anteriormente, a legislação portuguesa engloba um conjunto de medidas que permite aos atletas de alto rendimento conciliar a escola e o desporto. O ‘grande problema’ destas medidas - e talvez por isso não tenham até agora tido grande sucesso - é que obter o estatuto de AR é extremamente difícil. E quando os atletas o conseguem, muitas vezes já têm o seu foco no desporto, deixando a educação para segundo plano. Então, como será possível ‘agilizar’ esta conciliação? Foi para responder a esta necessidade que em 2009 foi criado o GAAR, visando adaptar as medidas de apoio preconizadas no Decreto-Lei 272/2009 de 1 de Outubro (e no Decreto-Lei n.º 45/2013, de 5 de abril, que adapta as medidas do anterior à preparação e participação internacional das seleções ou outras representações nacionais) aos alunos do ensino regular com ou sem estatuto ou integrando a seleção nacional da sua modalidade, bem como aos estudantes que, no entender da escola ou das federações, fossem considerados atletas com potencial. Para que as medidas criadas fossem aplicadas da melhor forma foram formadas, em cada uma das escolas-piloto equipas pedagógicas UEERE, (...) *que terão como objetivo desenhar, implementar e acompanhar o processo pedagógico e de apoio psicológico para cada um dos alunos envolvidos, tendo em consideração as suas particulares necessidades (ensino diferenciado)*.<sup>11</sup> Passando agora às medidas em si, estas passam pela presença de um (...) *professor acompanhante em cada escola UAARE (previsto no artigo 19.º, Decreto-Lei n.º272/2009 de 1 de outubro), pela criação da (...) Sala de Estudo Aprender + na Escola Secundária de Montemor-o-Velho (apoio às disciplinas de português,*

---

<sup>11</sup>. Informação adaptada do documento disponível em:  
[http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/UAARE/Flyer\\_UAARE.pdf](http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/UAARE/Flyer_UAARE.pdf). Acesso a 25 de agosto de 2018.

*matemática, físico-química e biologia) e aplicação do conceito nas restantes escolas envolvidas, e finalmente pela existência de reuniões de trabalho com as quatro escolas UAARE (diretores e professores acompanhantes) com o propósito de identificar os diferentes contextos pedagógicos, analisar e implementar a matiz subjacente do projeto.*<sup>12</sup>

Considerando os resultados positivos, a 15 de setembro de 2016 foi então apresentado o projeto UAARE, resultado de uma colaboração entre várias entidades desportivas e educacionais: a Direção-Geral da Educação, que tem como função coordenar, acompanhar e orientar este projeto em termos científico-pedagógicos e didáticos; a Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares, responsável pela concretização do projeto ao nível regional; e, por fim, o Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), que dá o devido apoio técnico e financeiro ao projeto.<sup>13</sup>

As quatro escolas-piloto que assumiram o projeto, atrás já referidas, adotaram um sistema que inclui equipas pedagógicas que têm como principal objetivo (...) *desenhar, implementar e acompanhar o processo pedagógico e de apoio psicológico para cada um dos alunos envolvidos, tendo em consideração as suas particulares necessidades (ensino diferenciado).*<sup>14</sup>

Em declarações inseridas na página oficial do IPDJ, Joana Vasconcelos, atleta da escola de Montemor-o-Velho, salienta que este projeto veio trazer inúmeras vantagens na conciliação da educação com o desporto:

Notei uma grande diferença entre a minha antiga escola e a E.S. Montemor, não existe comparação. Na minha anterior escola os professores não compreendiam a minha situação. Era considerada mais uma aluna igual a tantas outras e isso era muito complicado. Tinha de fazer tudo como os outros colegas...não havia compreensão. Era muito difícil conciliar os estudos e a minha atividade como atleta de alto rendimento.

---

<sup>12</sup>. Informação adaptada da página oficial da Unidade de apoio ao alto rendimento na escola – desporto escolar: <http://desportoescolar.dge.mec.pt/unidade-de-apoio-ao-alto-rendimento-na-escola>. Acesso a 25 de agosto de 2018.

<sup>13</sup>. Informação adaptada da página oficial do IPDJ: <http://www.idesporto.pt/noticia.aspx?id=726>. Acesso a 25 de agosto de 2018.

<sup>14</sup>. Extraído de [http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/UAARE/Flyer\\_UAARE.pdf](http://www.idesporto.pt/ficheiros/file/UAARE/Flyer_UAARE.pdf). Acesso a 25 de agosto de 2018.

Em parte, foi esta a situação com que me deparei na ESAN: alunos incompreendidos, que como todos os adolescentes ‘não adoram a escola’ e, como a Joana Vasconcelos referiu, considerados alunos ‘normais’... com a diferença de terem alguma flexibilidade nas faltas e horários. Mas estes alunos, que treinam pelo menos duas horas por dia (como um atleta que compete ao mais alto nível), estão submetidos à pressão competitiva do desporto e enfrentam, com todas as vicissitudes envolvidas, a avaliação escolar, não podem ser considerados normais. Como refere Curtis (2006, p.4, nossa tradução),

Quando um aluno atleta se senta para fazer um teste, outras forças jogam na sua mente: preocupações com elegibilidade, esperanças de colegas de equipa, decepção de treinadores, reações de familiares em casa, críticas de fãs e perguntas dos *mass media*. Em vez de se concentrar na tarefa - passar no exame - o atleta deixa todos esses outros problemas entrarem no caminho. O resultado inevitável de tal interferência cognitiva é muitas vezes uma concretização negativa.

Na nossa opinião, ‘protocolos’ como o da ESAN com o FCP não são suficientes para conciliar o desporto com o sucesso educativo. Por vezes, tende até a promover falta de interesse dos alunos pela escola, uma vez que a maior parte deles vê no desporto o seu futuro.

Por outro lado, trata-se de uma parceria que, embora legal, é limitada, visando apenas contornar a dificuldade de obtenção do estatuto de AR e atletas das seleções nacionais. No caso das UAARE este problema não se coloca, e os benefícios aplicam-se (...) *em Escolas onde existam alunos (nível secundário) que sejam simultaneamente atletas provenientes dos Centros de Alto Rendimento Desportivo e ou de Federações, Associações ou Clubes*<sup>15</sup>.

Embora retomemos esta questão no terceiro capítulo do nosso relatório, parece-nos que a ESAN tem nas UAARE a solução para os seus estudantes atletas, salientando-se ainda que tem de existir um maior elo de ligação entre a escola, o

---

<sup>15</sup>. Extraído de Informação UAARE. Disponível em [http://aerbp.pt/wp-content/uploads/2018/06/INFO\\_UAARE.pdf](http://aerbp.pt/wp-content/uploads/2018/06/INFO_UAARE.pdf). Acesso a 02 de setembro de 2018.

clube e os encarregados de educação, para que a articulação desporto-ensino seja verdadeiramente eficaz.

### **1.2.2. Como é que lidam com esta problemática fora de Portugal?**

A presença de alunos atletas em estabelecimentos de ensino regular, é comum em vários pontos do globo. Assim como as políticas e práticas pedagógicas são diferenciadas, também a forma como esta questão é encarada é variável, definindo-se estratégias distintas até no mesmo país.

Se em alguns países as escolas se flexibilizam para receber atletas de elite mas sem que esteja definido um sistema nacional, noutros os estabelecimentos de ensino dispõem de uma estratégia nacional que define claramente como ‘acolher’ os atletas.

Vimos que em Portugal apenas se começou a pensar nos estudantes atletas de AR principalmente na década de 2000 e apenas no ano letivo de 2016/2017 é que as entidades educacionais e desportivas criaram um projeto-piloto para encontrar uma solução mais adequada para estes jovens e todos aqueles que, não possuindo o estatuto de AR, têm uma atividade desportiva exigente em Associações e Clubes

Mas como será encarada esta questão nos restantes países?

O trabalho publicado por Radtke e Coalter em 2007, revela que o número de escolas e alunos envolvidos em projetos que visam conciliar as atividades desportivas e académicas é muito superior ao definido em Portugal, no contexto das UAARE. Por exemplo, na Suécia são 61 as escolas a ‘integrar’ atletas no ensino, destacando-se ainda a Alemanha (com 38 escolas envolvendo 11.000 alunos), a Austrália (36) e a Bélgica e Itália (10). É também importante referir que nestas escolas o ensino é gratuito, mas os encarregados de educação podem pedir bolsas escolares que ajudam a suportar as despesas adicionais, usufruindo os estabelecimentos de ensino de um financiamento adicional do estado e até mesmo das federações desportivas, como por exemplo, no caso da Bélgica, da Real Federação Belga de Futebol, entidade responsável por dirigir e gerir este desporto a nível nacional (Radtke e Coalter, 2007). O mesmo acontece na Dinamarca, verificando-se que (...) *one hour of supplementary tutoring at school is financially supported for each day of absence by Team Denmark and the NOC*

[National Olympic Committee], *when athletes attend activities for the national federations* (European Commission, 2013, p.16)

### **1.2.3. Metodologias de trabalho das escolas nos diferentes países**

Anteriormente já revelamos as medidas e métodos de trabalho utilizados no novo projeto-piloto das UAARE. Importante agora, é analisar os diferentes tipos de trabalho a um nível internacional, para depois vermos quais as medidas que melhor se adequam à nossa escola.

Retomando o trabalho de Radtke e Coalter (2007), existem três tipos de abordagem no que toca à inclusão destes alunos no ensino: um regime de 'totalmente integrado', 'parcialmente integrado' e 'provisão especialista', sendo o objetivo em todos fornecer uma boa educação secundária aos atletas de elite.

No regime 'totalmente integrado', as escolas têm a mesma abordagem da ESAN, inserindo alunos que competem ao mais alto nível na mesma turma de alunos não atletas, o que se observa em países como a Alemanha, Austrália, Bélgica, Finlândia, Holanda e Suécia. Neste caso os alunos, tal como os nossos, têm altos níveis de flexibilidade e apoios fundamentais para a sua inclusão. As respostas a este tipo de abordagem são positivas, sendo fundamental que os alunos atletas se sintam 'parte do grupo' para o seu desenvolvimento social e emocional. E o facto de existir um ambiente escolar 'regular' e a convivência com alunos não desportistas, fomenta o espírito de cooperação entre todos os estudantes. No entanto, este regime/metodologia também é visto por vezes como potencialmente injusta para os alunos em regime regular, que vêm os seus colegas atletas usufruir de benefícios a que não têm direito (por exemplo, justificação de faltas e alteração de datas de exames), duvidando mesmo que os alunos atletas precisem dessa flexibilidade. No terceiro capítulo deste relatório vamos analisar o caso das turmas LH10.1 e LH12.2 da ESAN, que podemos associar a esta metodologia.

Na abordagem 'parcialmente integrado', os alunos atletas frequentam escolas regulares, mas são integrados em turmas de desporto especificamente criadas para eles. Esta opção é igualmente adotada por países como a Alemanha, Bélgica, França e

Holanda (coexistindo as duas opções), podendo os alunos escolher o regime que preferem (desde que existam alunos desportistas suficientes para criar uma turma).

Por fim saliente-se a ‘provisão especialista’, mais ‘radical’, uma vez que os alunos atletas não são vinculadas a uma escola regular, mas sim escolas especializadas em determinadas modalidades desportivas. Por exemplo, em Itália, há escolas de esqui localizadas em locais mais remotos (devido às condições exigidas para a prática da modalidade) que por isso funcionam também como internatos, pelo que normalmente não recebem alunos regulares. Podemos ainda referir o caso da *Singapore Sports School*, que se caracteriza por ser uma escola multidesportiva, englobando alunos atletas de oito modalidades desportivas distintas. Neste sistema e apenas com alunos atletas, a escola implementou um sistema modular de educação, em que o calendário académico é organizado em blocos de cinco semanas por módulo, o que permite aos alunos que faltam à escola nos períodos de treino/competição mais prolongados, recuperar mais facilmente os conteúdos lecionados<sup>16</sup>.

Em França o sistema é similar, mas mais extensivo. Foi criado o *Institut National du Sport, de l'Expertise et de la Performance* (INSEP) incorporando a mesma ideia de receber apenas alunos atletas, mas o instituto agrupa várias escolas desportivas, cada uma com a sua especialidade e espalhadas por todo o território francês. Com cerca de 300 alunos, o instituto tem parcerias com escolas regulares e faculdades de excelência das áreas onde estes centros de formação se localizam. Assim, embora nessas escolas parceiras possa existir uma turma de desportistas, que seguem um ensino do tipo regular, em alguns casos os professores dessas escolas secundárias dirigem-se aos estabelecimentos do INSEP para dar aulas.<sup>17</sup>

Recorrendo novamente a Radtke e Coalter (2007) aqui os alunos atletas finalistas têm aulas extra na primeira semana de férias e testes orais duas vezes por semana (nas disciplinas obrigatórias), para que seja possível fazer a recuperação dos conteúdos leccionados em aulas a que faltaram, assim como uma supervisão dos trabalhos de casa

---

<sup>16</sup>. Informação adaptada da página oficial da *Singapore Sports School*: <https://www.sportsschool.edu.sg/sports/overview>. Acesso a 28 de agosto de 2018.

<sup>17</sup>. Informação adaptada da página oficial do INSEP: <https://www.insep.fr/fr/actualites/une-ambition-une-vision-et-des-orientations-strat%C3%A9giques>. Acesso a 28 de agosto de 2018.

duas vezes por semana e de frequência obrigatória. Assinala-se ainda o facto de as turmas de atletas não poderem ter mais de 18 alunos.

Na Alemanha e na Holanda os alunos também têm acesso a um coordenador de estudos e de desporto, responsável por os ajudar a gerir e equilibrar a articulação desporto-ensino, através da elaboração de um plano de estudo individual tendo em conta os seus horários e o calendário das competições, auxiliando ainda na marcação das datas das provas de avaliação. Na Holanda os estudantes têm ainda direito a aulas extra para compensar as faltas, uma sala de estudos privada e ainda ‘isenção’ na realização de alguns exames. Isto porque os alunos atletas são autorizados a concentrar-se num número mais reduzido de disciplinas - seis, sete ou oito dependendo do nível educacional escolhido – ao contrário das dez disciplinas que os alunos regulares têm de seleccionar para o exame nacional final (Radtke e Coalter, 2007).

Na Austrália, mais precisamente no *Lake Ginninderra College* (escola que tem parceria com a *Australian Sports Commission*), os alunos que perdem períodos de tempo significativos devido a compromissos desportivos, assim como aqueles que se tornam ‘aprendizes independentes’ face aos períodos prolongados de ausência<sup>18</sup>, usufruem também de algumas flexibilidades mas com uma variante: quando se inscrevem numa unidade curricular, assinam uma espécie de contrato que os compromete a participar em todas as aulas possíveis e a realizar todos os elementos de avaliação. Quando isso não acontece passam por um processo de aconselhamento individual específico, para além de uma vez por semana reunirem com um responsável para falar dos seus problemas desportivos e académicos.

Viajando agora até ao Canadá e à *National Sport School*, esta escola tem como objetivo formar jovens atletas e proporcionar-lhes a possibilidade de uma “segunda carreira”, pois a escola tem a flexibilidade necessária para acomodar as exigências dos treinos, viagens e competição dos alunos-atletas. Neste sentido, possui um programa académico que cumpre os requisitos do *Alberta High School Diploma* (conclusão do ensino médio), assim como uma formação com as qualificações necessárias para

---

<sup>18</sup>. Informação adaptada da página oficial do *Lake Ginninderra College*: [http://www.lakeonline.act.edu.au/our\\_curriculum/elite\\_sports\\_program](http://www.lakeonline.act.edu.au/our_curriculum/elite_sports_program). Acesso a 29 de agosto de 2018.

ingressar nas instituições pós-secundárias da sua escolha.<sup>19</sup> Para facilitar esta articulação, a escola proporciona algumas ‘regalias’ aos estudantes, começando por (...) *um ambiente de aprendizagem que utiliza tecnologias online avançadas para apoiar a aprendizagem (...), professores acompanhantes, um psicólogo desportivo, planos de aprendizagem elaborados para cada um dos estudantes atletas e até um curso de psicologia desportiva.*<sup>19</sup>

#### 1.2.4. O Currículo

Em termos globais, podemos considerar que o currículo escolar corresponde a um conjunto de conteúdos, objetivos a atingir, práticas pedagógicas, metodologias, procedimentos de avaliação, normas e regulamentos que ‘determinam’ as características do processo de ensino-aprendizagem e condicionam o perfil dos alunos (Rodrigues, 1999). Para alguns autores, é mesmo (...) *o conjunto de todas as experiências que o aluno realmente vive na escola* (Canavarro, 2003, p.112)

Na ESAN, bem como em qualquer escola do território nacional (mesmo nas que integram o projeto-piloto URAARE), o currículo escolar é igual para todos os alunos. Pelo menos, antes de ser colocada em prática a autonomia e flexibilidade curricular, tal como preconizada no Decreto-Lei n.º 55/2018 de 6 de julho. Assim as disciplinas, objetivos e meios de avaliação são ‘universais’, apesar dos alunos atletas terem acesso a alguns benefícios (horários, alteração de datas de exames, professores acompanhantes, etc...) que lhes permite treinar e competir ao mesmo tempo que frequentam os estabelecimentos de ensino.

Segundo o Decreto-Lei nº 139/2012 de 5 de julho (agora revogado pelo decreto anteriormente referido), a carga horária semanal dos alunos do 10º ano de escolaridade era de 34 a 36 horas, totalizando, no caso do 12º ano, 23 horas letivas (e falamos destes dois anos de escolaridade porque são os abrangidos no nosso estudo), enquanto a prática desportiva dos nossos alunos ronda as 12 horas semanais. Se compararmos a carga horária letiva em Portugal com a de outros países, podemos observar que é uma das mais exigentes da Europa, pelo que os nossos alunos atletas dedicam menos tempo aos

---

<sup>19</sup>. Informação adaptada da página oficial da *National Sports School*: <http://www.nationalsportsschool.ca/>. Acesso a 29 de agosto de 2018.



treinos relativamente ao que ocorre na maioria dos países europeus. O caso mais próximo do nosso é a Bélgica, onde os estudantes têm 32 horas de aula/semana e também 12 horas de treinos. Mas em alguns países a carga semanal de horas de treino quase iguala a de ensino. Um exemplo disso é a França, onde em média os alunos passam 24 horas semanais em aula e 20 horas em prática desportiva, embora este horário possa variar com a modalidade praticada (Radtke e Coalter, 2007).

Em alguns países, é possível a diminuição do número de disciplinas para que seja reduzida a carga horária do currículo escolar, em outros casos os alunos atletas podem prolongar a duração do ano letivo, para que tenham mais tempo para completar o nível de escolaridade que frequentam. Na Finlândia é um pouco diferente: os alunos do secundário podem adaptar o currículo de 3 anos às suas preferências, mas podem completá-lo em 2 a 4 anos. O ensino é organizado de forma modular (como em Singapura) e os alunos podem decidir livremente os seus horários de estudo, para além de lhes ser permitido combinar módulos do ensino geral e de formação profissional<sup>20</sup>. Ou seja, os alunos têm a possibilidade de escolher as disciplinas e construir o seu horário, de forma a garantir uma maior conciliação entre o desporto e o ensino escolar.

### **1.3. A inclusão dos desportistas na Escola Secundária António Nobre**

No ponto anterior, vimos que aos atletas com estatuto de alto rendimento que se encontram a frequentar instituições públicas de ensino, são conferidas várias medidas de apoio que se destinam à articulação entre o desporto e o ensino escolar.

Durante o estágio curricular que desenvolvemos na ESAN no presente ano letivo (2017/18), foram-nos atribuídas quatro turmas, duas de 10º ano de escolaridade e duas de 12º ano, possuindo – uma turma de cada ano – atletas do FCP e horários adaptados aos treinos do clube, ao abrigo do protocolo existente entre a ESAN e o FCP. No 10º ano a turma LH10.1 possuía três atletas do FCP, enquanto a LH10.2 incluía alunos 'regulares' e atletas federados não pertencentes ao referido clube. Assim, os horários tinham uma diferença principal (ilustração 1): ao contrário da turma LH10.2, a turma

---

<sup>20</sup>. Informação adaptada de um estudo do Ministério da Educação e cultura e da Agencia Nacional para a Educação da Finlândia: [https://www.oph.fi/download/146428\\_Finnish\\_Education\\_in\\_a\\_Nutshell.pdf](https://www.oph.fi/download/146428_Finnish_Education_in_a_Nutshell.pdf). Acesso a 28 de agosto de 2018.

LH10.1 tinha quase todos os dias tempos livres entre as 10.30h e as 14.15h, pois os alunos atletas do FCP estavam em treino das 11.00h às 12.30h, com exceção de segunda-feira.



Agrupamento de Escolas António Nobre

Ensino Secundário		HORÁRIO LETIVO					
2017/18							
10º - LH1							
Horas	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA		
08:25 - 09:15	GEOGR. A B7	HIST. A B6	MACS B6	HIST. A B7			
09:25 - 10:15	MACS B7	HIST. A B6	GEOGR. A B6	HIST. A B7			
10:30 - 11:20	MACS B7 Coadjuvância B7						Ref.MACS B7
11:25 - 12:15	HIST. A B7						
12:15 - 13:20							
13:20 - 14:10	PORT B6						
14:15 - 15:05	PORT B6	PORT B6	Filo. B6	PORT B6	MACS B6		
15:10 - 16:00	E.FIS PVs2	ING B6	Filo. B6 DT Sem sala	MACS B6	MACS B6		
16:10 - 17:00	E.FIS PVs2	GEOGR. A B6	ING B6	GEOGR. A B6	Filo. B6		
17:05 - 17:55		GEOGR. A B6	ING B6	GEOGR. A B6	E.FIS PVs2		
2017/18							
10º - LH2							
Horas	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA		
08:25 - 09:15	PORT B6	MACS B7	E.FIS PVs1		E.FIS PVs1		
09:25 - 10:15	GEOGR. A B6	MACS B7	MACS B7	GEOGR. A B6	E.FIS PVs1		
10:30 - 11:20	HIST. A B6	PORT B7	MACS B7	HIST. A B6	MACS B7 Coadjuvância B7		
11:25 - 12:15	MACS B6	PORT B7	GEOGR. A B7	HIST. A B6	HIST. A B7		
12:20 - 13:10	Ref.MACS B6		GEOGR. A B7		HIST. A B7		
13:20 - 14:10		Filo. B7		Filo. B7	DT Sem sala		
14:15 - 15:05	ING B7	GEOGR. A B7		Filo. B7			
15:10 - 16:00	ING B7	GEOGR. A B7		PORT B7			
16:10 - 17:00				ING B7			
17:05 - 17:55							

Figura 1: Horários das turmas do 10º ano LH10.1 e LH10.2.

Neste contexto, fomos constatando que este horário (do LH10.1) tinha algumas consequências negativas para a aprendizagem dos alunos, quer dos ‘regulares’, quer dos atletas. Para os primeiros, o tempo livre durante a manhã e a extensão das aulas até ao último tempo da tarde, que neste caso também vai afetar os desportistas, tinha como consequência um maior desgaste e menor capacidade de concentração, mostrando-se os alunos sonolentos e com pouca vontade de participar nas atividades da aula. Assim, foi necessário definir estratégias diferentes para as aulas de terça e quinta-feira (blocos de 100 minutos ao final da tarde), que passaram a centrar-se mais na elaboração de exercícios práticos, uma vez que os alunos conseguiam manter-se concentrados por mais tempo... embora este “mais tempo” fossem por vezes apenas alguns minutos.

Tal implicou que as aulas mais teóricas transitassem para a parte da manhã (2 aulas de 50 minutos por semana), verificando-se serem estas as sessões letivas a que os alunos respondiam com maior entusiasmo. Mas esta programação nem sempre é fácil de concretizar, principalmente nas fases de treinos mais intensos e competições, devido à ausência dos alunos atletas. O que torna necessário, por vezes na própria ‘hora’, redefinir o nosso planeamento.

No caso da turma LH10.2, o horário é bem mais ajustado: os alunos tinham duas tardes livres durante a semana, nunca saíam da escola ao último tempo da tarde e não existiam ‘tempos mortos’ entre as aulas da manhã e da tarde e talvez, fosse por este motivo que os alunos se mostrava, mais interativos durante as aulas e não mostravam quebras de rendimento em nenhum dos horários (matinal ou da tarde). A forma de lecionar nas duas turmas era idêntica uma vez que como afirma a professora e orientadora deste núcleo de estágio Salomé Ribeiro *a forma de ensinar é igual, já que o desporto não compromete o desempenho escolar quando bem organizado.*

Nas turmas de 12º ano, o caso já é diferente. Como os estudantes ligados ao FCP têm os treinos de manhã e existe um menor número de alunos inscritos neste nível de ensino, foram criados dois horários, um de manhã e outro de tarde (figura 2), sendo este reservado aos alunos da equipa Sub-19 do FCP, uma vez que os seus treinos começam às 9.30h e normalmente acabam por volta das 11.30h (embora só a hora de início do treino seja fixa). O horário da manhã foi destinado aos alunos não pertencentes aos

quadros do FCP. Os alunos ‘regulares podiam escolher o seu horário, até serem preenchidas o número de vagas, mas pelo número de inscritos em ambas as turmas era óbvia a preferência pelo horário matinal. Os alunos colocados no horário da tarde referiram querer mudar de turma, não só pelo horário em si, mas também por a turma ser demasiado pequena e, por vezes, ficar ainda mais reduzida (chegaram a estar apenas dois alunos na sala de aula) devido às ausências dos alunos do FCP, face a períodos de treinos mais prolongados e competições.



Agrupamento de Escolas António Nobre

Ensino Secundário		HORÁRIO LETIVO			
2017/18 12º - LH1					
Horas	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
08:25 - 09:15	PORT A7 Coadjuvância A7	HIST. A A7	Ref.Hist.A A7	E.FIS PVs2	HIST. A A7
09:25 - 10:15	PORT A7 Coadjuvância A7	HIST. A A7	HIST. A A7 Coadjuvância A7	E.FIS PVs2	HIST. A A7
10:30 - 11:20	E.FIS PVs1	G.C A7	HIST. A A7 Coadjuvância A7	PORT A7	PORT A7
11:25 - 12:15	ING A6 P.B A7	G.C A7	Ref.Port. A7 DT Sem sala	G.C A7	PORT A7
12:20 - 13:10	ING A6 P.B A7			ING A6 P.B A7	
2017/18 12º - LH2					
Horas	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
11:25 - 12:15	DT Sem sala				
12:15 - 13:20					
13:20 - 14:10	HIST. A A11	G.C A11	Ref.Hist.A A11		HIST. A A11
14:15 - 15:05	HIST. A A11	ING A8	HIST. A A11	G.C A11	HIST. A A11
15:10 - 16:00	PORT A8	PORT A8 Coadjuvância A8	HIST. A A11	G.C A11	ING A8
16:10 - 17:00	PORT A8	PORT A8 Coadjuvância A8	E.FIS PVs1	PORT A8	ING A8
17:05 - 17:55	E.FIS PVs1		E.FIS PVs1	Ref.Port. A8	

Figura 2 Horários das turmas de 12º ano LH12.1 e LH12.2.

Mas será que o desporto influencia os resultados escolares, impedindo os alunos de terem boas notas?

Esta é talvez uma das questões mais abordadas na bibliografia, como verificamos durante o processo de pesquisa e recolha de referências para o nosso relatório. Efetivamente, grande parte dos estudos centra-se na análise da relação entre o desporto e o desempenho/rendimento/sucesso escolar, preocupando-se em perceber que fatores mais influenciam os resultados dos estudantes (i.e. Lang, Dunham & Alpert, 1988; Costa, 2007; Oliveira, 2012; Santos, 2015), se o tipo de modalidade ou o fato de os desportistas serem ou não federados é importante (i.e. Soares, Aranha e Antunes, 2013; Monteiro, 2014), sobre a motivação e perceção destes alunos face à sua carreira desportiva e prestação académica (i.e. Simon, Van Rheenam & Covington, 2000; Yopyk & Prentice, 2005; Alves, 2015) e até as potenciais vantagens da prática de desporto no desenvolvimento de competências sociais (i.e. Petitpas *et al.*, 2004).

Responder à questão colocada, não é fácil. E a bibliografia apresenta resultados distintos. No entanto, há uma certa tendência para se considerar que o desporto não impede os alunos de terem boas notas. Por exemplo, no relatório de estágio que desenvolveu numa escola secundária da região do Algarve, Frade (2012, p.76) refere que a (...) *prática de atividades desportivas extracurriculares não se revelou uma variável discriminatória relativamente ao rendimento escolar dos alunos*. Esta constatação poderia aplicar-se no caso específico da ESAN e dos nossos alunos. Aliás, tendo em conta os resultados obtidos em Geografia, o melhor aluno do 10º ano é atleta federado (sub-16 do FCP).

Mas o facto de serem atletas federados, retira-lhes algumas horas de estudo... então como se justifica que mesmo com esta condicionante consigam obter melhores resultados do que os alunos que se dedicam apenas à escola? O Professor Catedrático José Soares da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, durante a palestra “O sucesso escolar e a atividade física” (realizada no dia 2 de novembro de 2017 no auditório da ESAN), considera que a prática de desporto facilita a concentração e promove o desenvolvimento cognitivo dos atletas, para além de lhes permitir a aquisição de competências que os ajudam a ser mais organizados. No entanto, salienta

que o futebol é um desporto que neste contexto foge um pouco à regra, devido à irregularidade de horários.

Mas o que se passa ao nível dos alunos ‘regulares’ que pertencem a turmas com horários adaptados, tendo, portanto, vários tempos livres durante a transição das aulas da manhã e da tarde? Será que também pensam neles e no seu rendimento escolar quando fazem estes horários? Será que as notas dos alunos regulares são mais elevadas nos horários adaptados aos atletas, ou, pelo contrário, são nas turmas com um horário normal que isso acontece? Vamos tentar responder a estas questões na parte prática deste relatório.

## Capítulo II – Enquadramento do estudo de caso

Como referido anteriormente, este relatório de estágio foi realizado no Agrupamento de Escolas de António Nobre (AEAN). Este agrupamento resultou do conjunto de dois processos de Reordenamento/Agregação de agrupamentos de escolas, tendo ocorrido em duas fases: a primeira iniciou-se em agosto de 2010, com a fusão da ESAN e o Agrupamento Vertical de Escolas da Areosa, que era constituído pelas Escolas Básicas da Areosa e de S. João de Deus; a segunda fase deste processo ocorreu cerca de dois anos depois, em julho de 2012, associando-se ao grupo anterior as quatro escolas do Agrupamento de Escolas Nicolau Nasoni, designadamente as Escolas Básicas Nicolau Nasoni, Antas, Monte Aventino e Montebello. Assim, atualmente o AEAN é constituído por sete escolas que se localizam em duas freguesias do concelho do Porto, sendo elas Paranhos e Campanhã (figura 3).



Figura 3: Localização das escolas do AEAN

Das sete escolas, quatro acolhem o 1º Ciclo do Ensino Básico e o Pré-Escolar (Antas, Montebello, Monte Aventino, e São João de Deus), duas leccionam o 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico (Areosa e de Nicolau Nasoni) e a ESAN, sede do Agrupamento, integra os estudos do 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário<sup>21</sup> (quadro 3).

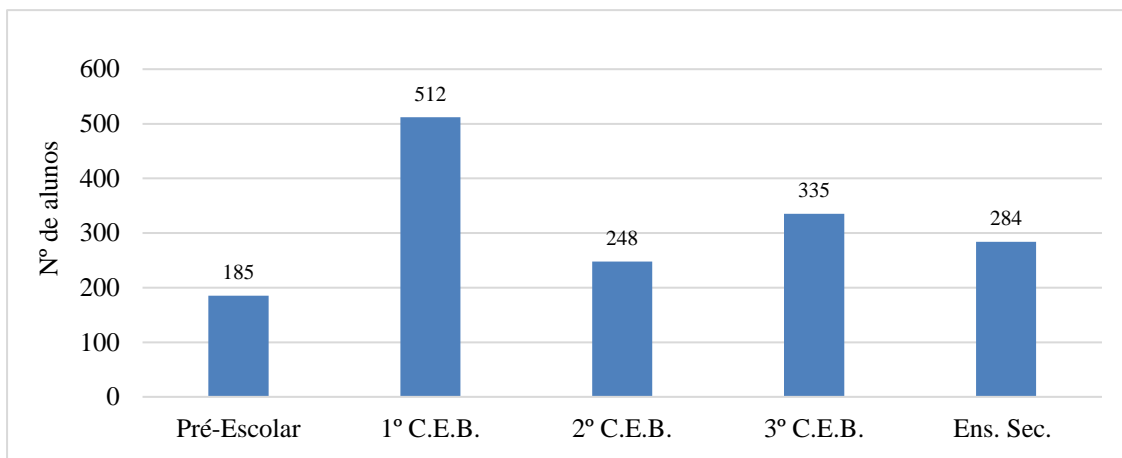
*Quadro 3: Escolas constituintes do A.E.S.N. e os respetivos níveis de escolaridade*

<b>Agrupamento de Escolas de António Nobre</b>	<b>Ensino</b>
Escola Básica de São João de Deus	Pré-Escolar
	1º CEB
Escola Básica das Antas	Pré-Escolar
	1º CEB
Escola Básica Monte Aventino	Pré-Escolar
	1º CEB
Escola Básica de Montebello	Pré-Escolar
	1º CEB
Escola Básica Nicolau Nasoni	2º CEB
	3º CEB
Escola Básica da Areosa	2º CEB
	3º CEB
Escola Secundária de António Nobre	3º CEB
	Ensino Secundário

Segundo o Projeto Educativo do AEAN, no ano letivo de 2017/2018 estavam inscritos nas diferentes escolas do agrupamento 1564 alunos (embora durante o ano letivo este número tenha sofrido alterações), mais 37 estudantes relativamente ao ano anterior. Estes alunos dividem-se pelos distintos níveis de ensino que o agrupamento integra (cinco no total), verificando-se que o pré-escolar detém o menor número de alunos inscritos (185), em oposição ao 1º Ciclo do Ensino Básico, que, com 512 alunos, é o nível de ensino com mais estudantes. O Ensino Secundário, onde estão englobados os nossos alunos, conta com 284 inscritos (gráfico 1).

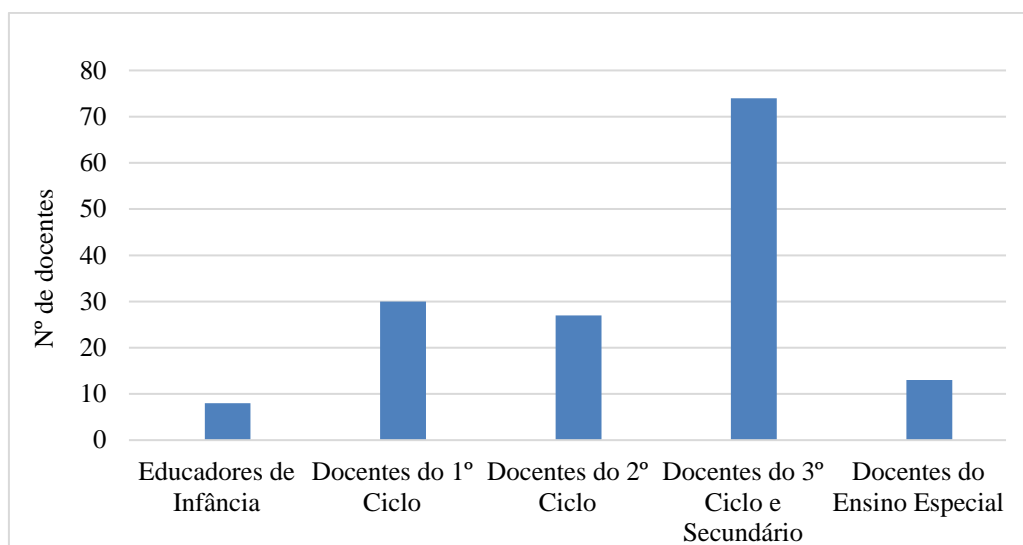
<sup>21</sup>. A escola apenas acolhe o 8º e 9º ano do 3º Ciclo do Ensino Básico.





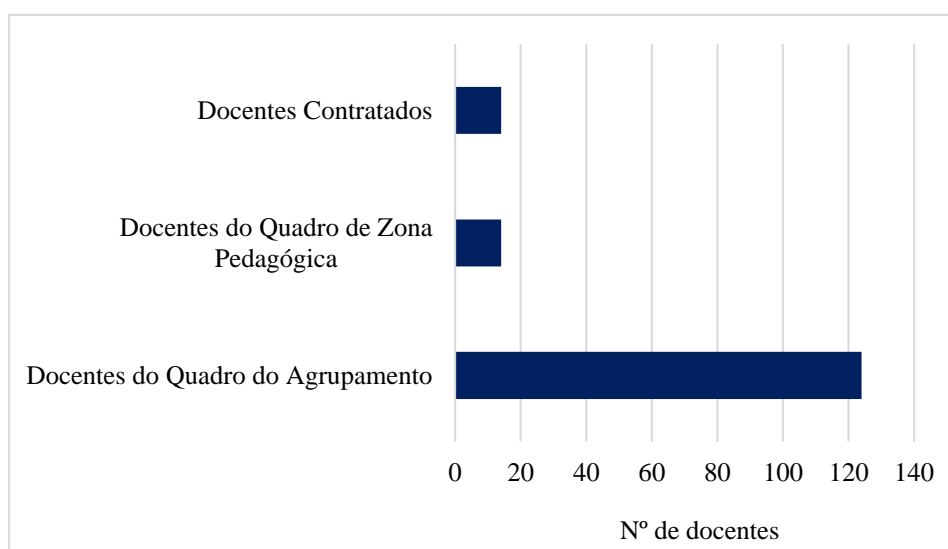
*Gráfico 1: Número de alunos inscritos nos diferentes níveis de ensino no Agrupamento de Escolas António Nobre. Fonte: Projeto Educativo do AEAN.*

No que diz respeito ao corpo docente, o agrupamento conta com 152 docentes, sendo que o nível de ensino que conta com um maior número de professores é o 3º Ciclo e Secundário, com 74 docentes, seguindo-se o 1º Ciclo do Ensino Básico com 30, o 2º Ciclo do Ensino Básico com 27 docentes e, por fim, os Educadores de Infância com apenas 8 elementos (gráfico 2) - embora este seja também o nível de ensino com um menor número de alunos). Refiram-se ainda os 13 professores do Ensino Especial, recordando que nas *Ações de Melhoria a Implementar* definidas no Projeto Educativo do AEAN (p.37), estão previstas medidas de *Monitorização da eficácia das práticas educativas inclusivas dos docentes do ensino regular com alunos com a medida educativa adequações curriculares individuais (A.C.I.)*.



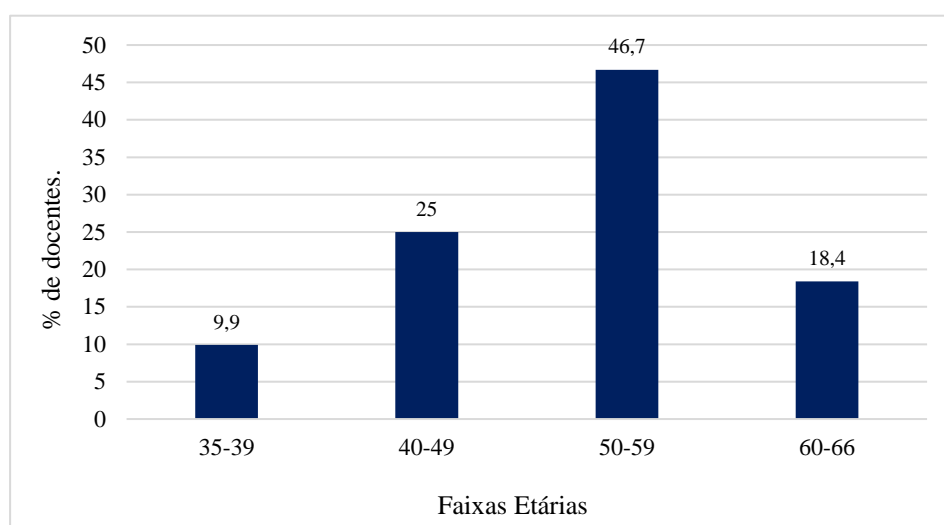
*Gráfico 2: Número de docentes por nível de ensino no Agrupamento de Escolas António Nobre*

Analisando o gráfico 3, podemos concluir, que na sua maioria os professores do AEAN fazem parte do quadro do agrupamento (124 docentes do total de 152 docentes). No que diz respeito aos docentes do “Quadro de Zona Pedagógica” e aos docentes contratados, o número é igual, sendo que ambos os regimes contam com 14 docentes.



*Gráfico 3: Número de Docentes por Vínculo Contratual do AEAN, em 2017/2018.*

O AEAN conta com um corpo docente com idades compreendidas entre as faixas etárias dos 35-39 e 60-66 anos, sendo que a faixa etária que se destaca é a dos 50-59 anos de idade, com uma percentagem de 46,7%, seguindo-se a faixa etária dos docentes com idade compreendida entre os 40 e os 49 anos de idade (com 25% de docentes), sendo que 18,4% tem idade igual ou superior aos 60 anos de idade. Na classe de idades mais baixa (35-39 anos), está também a percentagem mais baixa, com 9,9% dos docentes (gráfico 4).



*Gráfico 4: Distribuição etária do corpo docente do AEAN, por faixa etária, em 2017/2018.*

## **2.1. Escola Secundária António Nobre**

A ESAN, que em setembro do ano passado (2017) passamos carinhosamente a designar ‘a nossa escola’, localiza-se na Rua de Aval de Cima na freguesia de Paranhos (concelho do Porto). Mas este estabelecimento de ensino nem sempre foi tal e qual o conhecemos, pois sofreu várias alterações ao longo dos anos.

Inaugurada em 1972 com a designação Liceu António Nobre, a sua criação está enquadrada na Reforma de Veiga Simão e tinha como principal objetivo preparar os alunos das freguesias de Paranhos e das freguesias que a circundavam para o acesso ao ensino superior.

Em 1979 (depois do 25 de abril de 1974 e das reformas que lhe sucederam), a escola mudou o seu nome para Escola Secundária António Nobre (ESAN) e, como já referimos, entre 2010 e 2012 passou a constituir a escola sede do Agrupamento de Escolas de António Nobre assim se mantendo até à atualidade.<sup>22</sup>

Como não poderia deixar de ser, o lema da escola é inspirado num dos versos do poema de António Nobre Car(ro) da(ta) ver(mibus) – ‘Semeando Estrelas e Plantando Luas’ (figura 4). Os conceitos de ‘escola inclusiva’, ‘heterogeneidade’ e ‘multiculturalidade’, estão patentes nos princípios da ESAN. Ao percorrermos os corredores deste estabelecimento de ensino, deparamo-nos com alunos de diversas nacionalidades e culturas distintas, mas podemos perceber que existe um verdadeiro espírito de inclusão, até porque a multiculturalidade é uma situação habitual na escola. Um fator que promove esta heterogeneidade é o protocolo que a escola tem com o Futebol Clube do Porto, pois este permite que os atletas do clube portuense frequentem a escola independentemente do seu local de residência, pelo que além de estudantes de todo o país, a escola recebe também alunos de vários pontos do globo.



*Figura 4: Lema e tapeçaria da autoria do Prof Américo Moura. Esta imagem tem sido utilizada como imagem de marca da escola desde os últimos 4 anos.*

---

<sup>22</sup>. Informação adaptada do site oficial do Agrupamento de Escolas António Nobre: <http://www.ae-anobre.pt/index.php/2014-02-25-17-09-48> . Acesso no dia 02 de agosto de 2018.

### **2.1.1 Oferta educativa da ESAN: O curso técnico de apoio à gestão desportiva**

A ESAN para além do ensino regular (Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades), oferece aos seus alunos dois cursos técnicos, o de “técnico de apoio à infância” e o curso de “técnico de apoio à gestão desportiva”, o que seria na teoria uma boa opção para os nossos alunos atletas. Atualmente este curso conta com duas turmas, uma de 10º e outra de 11º ano, uma vez que o primeiro ano de funcionamento foi no ano letivo transato (2016/2017), por esse motivo, a turma de 11º ano é uma turma de continuidade. Segundo a Agência Nacional para a qualificação e o ensino profissional quando terminado o curso, os alunos serão capazes de ‘colaborar na gestão e manutenção de instalações e de equipamentos desportivos e participar na conceção, desenvolvimento e avaliação de programas, atividades e eventos desportivos em diversos contextos organizados’. O plano de estudos está dividido em três áreas, o ‘sociocultural’ (Português, Inglês, Área de Integração, Educação Física e Tecnologia da Informação Comunicação), a ‘científica’ (Matemática, Psicologia e Estudo do movimento) e a parte ‘técnica’ (Práticas de atividades Físicas e Desportivas, Organização e Gestão do Desporto, Gestão de Programas e Projetos do Desporto, Gestão de Instalações Desportivas e Formação em Contexto de Trabalho), sendo que o total de horas letivas do curso é de 3,300 horas.<sup>23</sup> Para os alunos serem admitidos é necessário preencher um formulário de pré-inscrição que não garante a frequência no curso, depois todos os alunos que se candidataram serão contactados pelo Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAPF), para que seja marcada uma entrevista, só depois disso é que se passa ao processo de seleção dos alunos. A questão impõe-se: será que os nossos alunos atletas poderiam frequentar este curso? A verdade como é um curso com apenas uma turma de cada ano, não tem horários flexíveis, por este motivo, os alunos que fazem parte do protocolo entre o FC Porto e a ESAN não o podem frequentar.

---

<sup>23</sup>. Informação adaptada da página oficial do AEAN: <http://www.ae-anobre.pt/index.php/2014-02-25-17-10-27/oferta-formativa>. Acesso a 16 de setembro de 2018,

## 2.2 Caraterização das Turmas alvo do nosso estudo

A 15 de setembro de 2017 iniciamos o nosso estágio (iniciação à prática profissional) na ESAN, onde nos foram atribuídas quatro turmas de anos de escolaridade distinta: duas turmas do 10º ano (que designaremos 10º LH10.1 e LH10.2) e duas do 12º ano (12º LH12.1 e LH12.2).

A turma LH10.1 é constituída por 26 alunos, dos quais 13 são do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Como podemos verificar no gráfico 5, os alunos desta turma têm idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, tendo a maioria 15 anos (cerca de 13 alunos num total de 27).

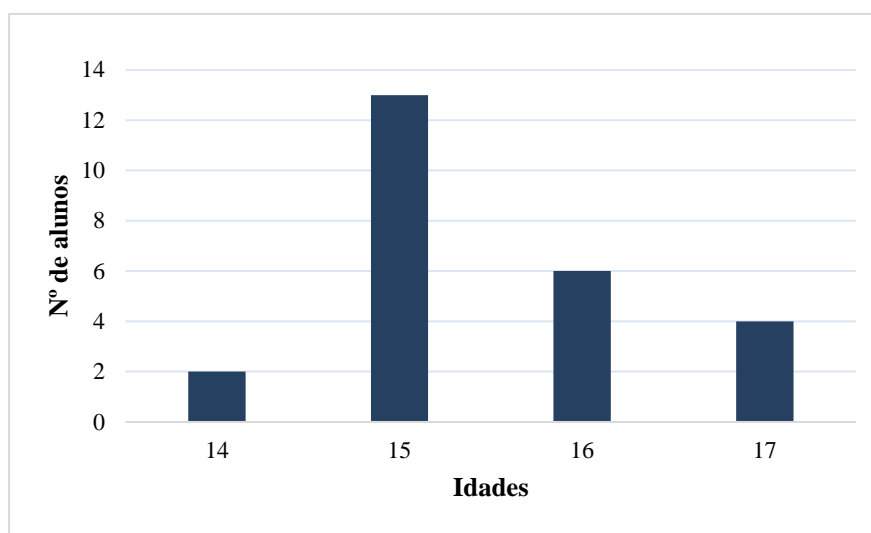


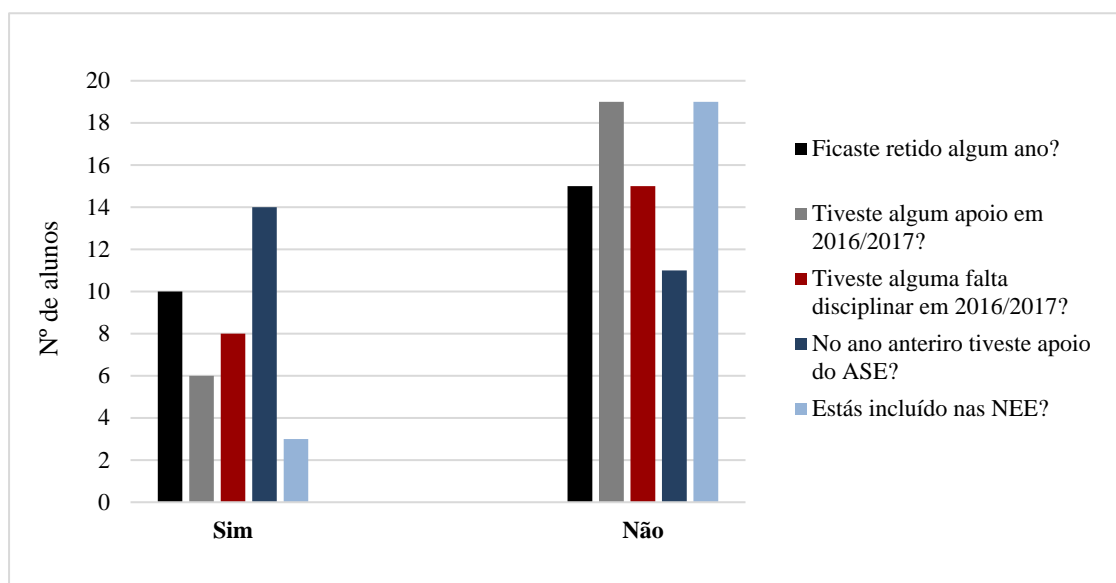
Gráfico 5: Idades dos alunos da turma 10º LH1. Fonte: Questionário realizado aos alunos

Esta turma distingue-se das restantes por vários motivos, designadamente por possuir três alunos que pertencem aos quadros do FC Porto – pelo que tem um horário específico - e também três alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE)<sup>24</sup> (Gráfico 6).

---

<sup>24</sup>. Parece-nos importante referir aqui o Despacho n.º 14026/2007 de 3 de julho – apesar de revogado pelo Despacho n.º 5048-B/2013, de 12 de abril - relativamente ao número de alunos aconselhado em turma com alunos referenciados como possuindo NEE: As turmas com alunos com necessidades educativas especiais resultantes de deficiências ou incapacidade comprovadamente inibidora da sua formação de qualquer nível de ensino são constituídas por 20 alunos, não podendo incluir mais de 2 alunos nestas condições. Embora o CNE (2016, p.46) reconheça que este normativo (...) *não pode ser aplicado de forma generalizada, em nenhuma das situações previstas na lei, atendendo à diversidade de realidades nas diferentes unidades orgânicas espalhadas pelo país*, consideramos que, no caso concreto desta turma

Destaca-se ainda o facto de incluir 4 alunos de nacionalidade brasileira. Esta turma teve alguns problemas de mau comportamento, na sua maioria provocados por alunos que já tinham a disciplina feita (alunos que reprovaram, mas como passaram a Geografia a disciplina já ficou feita), e apenas a frequentavam porque eram “obrigados”. De referir também que 10 alunos já ficaram retidos pelo menos uma vez durante o seu percurso escolar e 8 tiveram pelo menos uma falta disciplinar no ano letivo anterior.



*Gráfico 6: Percurso Escolar dos alunos do LH10.1.*

Segundo os questionários que os alunos preencheram no início do ano letivo a pedido da diretora de turma, a disciplina com maior número de preferência por parte dos alunos é Educação física (12 alunos), seguindo-se a disciplina de História (9 alunos). Por outro lado, a disciplina em que os alunos apresentam mais dificuldades é Matemática Aplicada às Ciências Sociais (MACS, 7 alunos), seguida de Filosofia (5 alunos). Relativamente à disciplina de Geografia, é a preferida de 4 alunos, mas é também a disciplina que alguns alunos apresentam mais dificuldades (3 alunos).

---

não seria necessário reduzir o número de alunos, uma vez que apesar de termos três alunos com necessidades especiais, apenas uma aluna tinha direito a ter o acompanhamento de um professor nos momentos de avaliação. O facto desta turma ter três alunos não é prejudicial uma vez que é visível que existe uma ajuda mutua entre eles, ao nível da resolução dos exercícios e partilha de apontamentos, nas avaliações também não observamos que estes alunos apresentem mais dificuldades do que os restantes alunos, tendo todos eles avaliações positivas.

Ao nível das atividades extracurriculares, os alunos desta turma referem a prática de desporto, idas à biblioteca, frequência de centros de estudo e escolas de música.

Por último, assinale-se o facto de alguns alunos que estavam nesta turma no início do ano letivo terem mudado para o LH10.2, por vontade própria. Questionados sobre os motivos que os levaram a mudar de turma um aluno referiu que decidiu mudar de turma ‘porque os horários permitiam ter mais tempo livre de tarde’ e três alunos fizeram este pedido ‘pela menor carga horária da turma do LH10.2’, pelo que os alunos que chegavam a meio do ano à escola eram colocados nesta turma, para colmatar as saídas.

No final de um longo ano letivo, podemos agora tirar algumas conclusões quanto ao comportamento desta turma. Acho que quando falamos de comportamento podemos dividir a turma em dois momentos: Comportamento matinal e Comportamento da tarde, pois foi visível ao longo do ano que existia uma alteração de comportamento das aulas do horário da manhã para o da tarde. Começando pela manhã, concluímos que neste horário os alunos conseguiam manter um nível de concentração mais elevado e por esse motivo aproveitávamos estes tempos para as aulas mais teóricas, quando passávamos para o horário da tarde e como tínhamos sempre aulas ao último tempo, o comportamento dos alunos já era totalmente diferente, tínhamos poucos momentos em que os alunos conseguissem estar concentrados, estavam muito inquietos e qualquer momento da aula era motivo para conversa. Ao longo do ano, e comparando com a turma LH10.2, fomos concluindo que isto poderia ser derivado das aproximadamente quatro horas que os alunos tinham de tempo livre entre o horário da manhã e o da tarde, de referir ainda que a maioria das faltas disciplinares desta turma aconteceram nos tempos da tarde.

A turma LH10.2 é constituída por 27 alunos, dos quais 9 são do sexo feminino e 18 do sexo masculino, com idades compreendidas, como no caso anterior, entre os 14 e os 17 anos (gráfico 7). A maioria tem igualmente 15 anos de idade (11 alunos num total de 27), mas é superior o número de alunos com 16 e 17 anos.

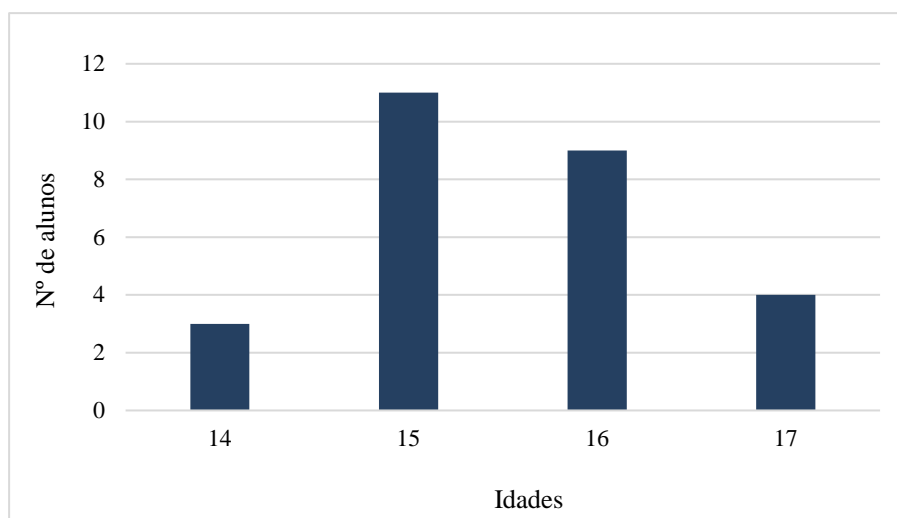
O comportamento desta turma foi melhorando ao longo do ano, mas contou com algumas faltas disciplinares (e mesmo alguns alunos com mais de duas faltas disciplinares), o que em parte pode estar ligado à desmotivação que alguns jovens



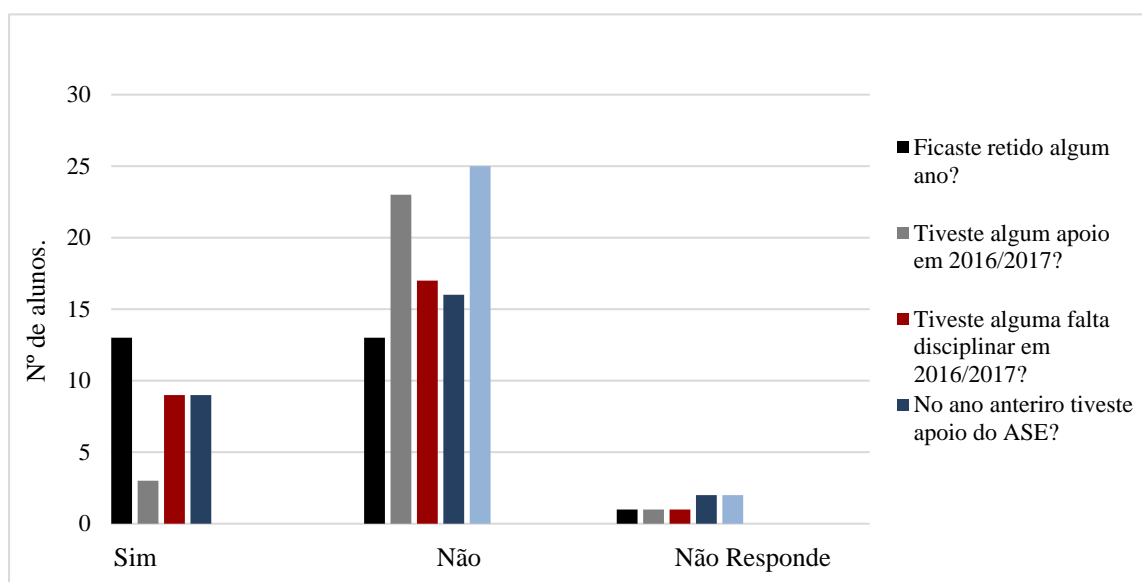
evidenciam, em parte traduzida pelo número de retenções. De facto, no ano letivo anterior, cerca de 9 alunos teve pelo menos uma falta disciplinar e 13 ficaram retidos pelo menos uma vez durante o seu percurso escolar (gráfico 8).

Ao nível das atividades extracurriculares, os alunos tem algumas atividades distintas, que passam pela prática de desporto e frequentar centros de estudo. Segundo os questionários que os alunos preencheram no início do ano letivo a pedido da diretora de turma, a disciplina que os alunos preferem é, como na turma anterior, Educação física (13 alunos), seguindo-se a disciplina de Inglês (10 alunos). Por outro lado, as disciplinas em que os alunos apresentam mais dificuldades são MACS (14 alunos), seguida de História e Português (4 alunos cada). Relativamente à disciplina de Geografia, verificamos que não é a disciplina preferida de nenhum aluno e que cerca de 3 alunos apresentam dificuldades.

No final do ano letivo, podemos tirar algumas conclusões quanto ao comportamento desta turma. Aqui não observamos nenhuma alteração de comportamento nos horários da manhã e da tarde, uma vez que o comportamento dos alunos foi constante neste aspeto, era, portanto, considerado mau durante os dois horários. Este comportamento deveu-se, na nossa opinião, à presença de alunos que promoviam comportamentos não aceitáveis na sala de aula (comentários impróprios, faltas de respeito para com o professore e colegas e por duas vezes com insultos e pequenas tentativas de agressão), sendo que, quando algum dos alunos não estava presente o comportamento melhorava substancialmente. A nível de indisciplina esta turma deu-nos algum trabalho, sendo que, logo no primeiro período já tínhamos um aluno com três faltas disciplinares, e, por esse motivo, os professores em conselho de turma decidiram que o aluno teria de cumprir uma punição (o aluno passou um dia por semana, na biblioteca a realizar exercícios das disciplinas em que tinha sido expulso com falta disciplinar, durante quatro semanas), ainda na mesma reunião, foi tratado de outro caso de um aluno que estava com duas faltas disciplinares (a decisão dos professores foi que era importante falar com o encarregado de educação do aluno para o alertar das consequências de chegar a uma terceira falta disciplinar).



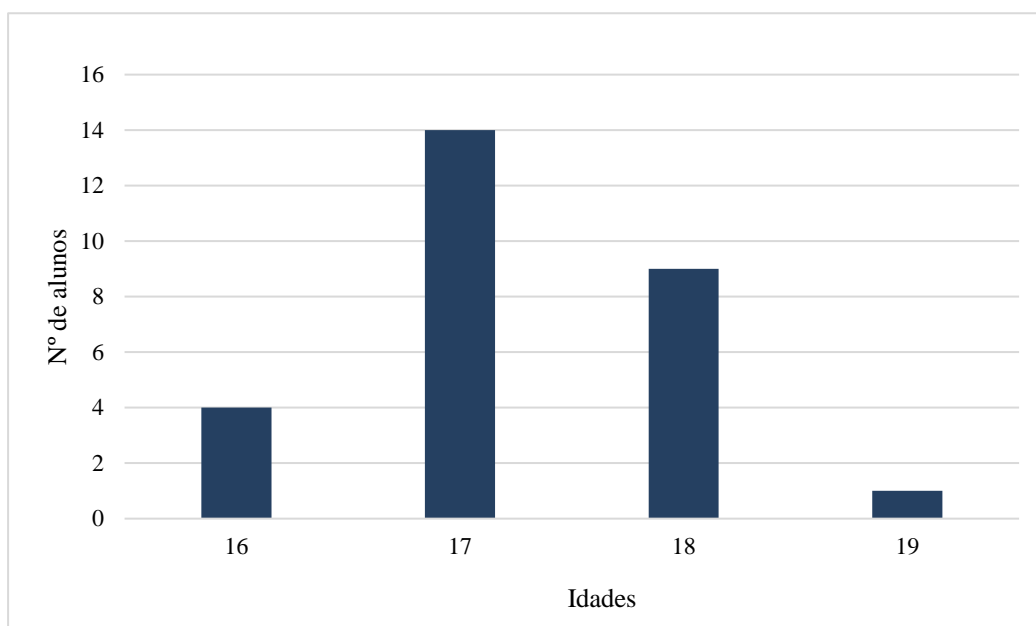
*Gráfico 7: Idade dos alunos da turma 10º LH2*



*Gráfico 8: Percurso escolar da turma do 10º LH2*

A turma LH12.1 é constituída por 29 alunos, dos quais 14 são do sexo feminino e 15 do sexo masculino. Como podemos verificar no gráfico 9, têm idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos, sendo que a maioria tem 17 anos de idade (cerca de 15 alunos num total de 29) e dos restantes destacam-se 9 estudantes com 18 anos. É ainda de referir que um dos alunos possui nacionalidade brasileira.

Esta turma teve vários casos de indisciplina, sendo que alguns alunos tiveram mesmo de cumprir trabalho comunitário na escola, devido à reincidência de problemas disciplinares. O trabalho comunitário serve para os alunos recompensarem a comunidade escolar pelas suas atitudes que vão contra a mesma, neste caso, os alunos tiveram de limpar as mesas do bloco em que têm aulas, pois era frequente as mesas da sala onde eles têm aulas aparecerem “vandalizadas”.

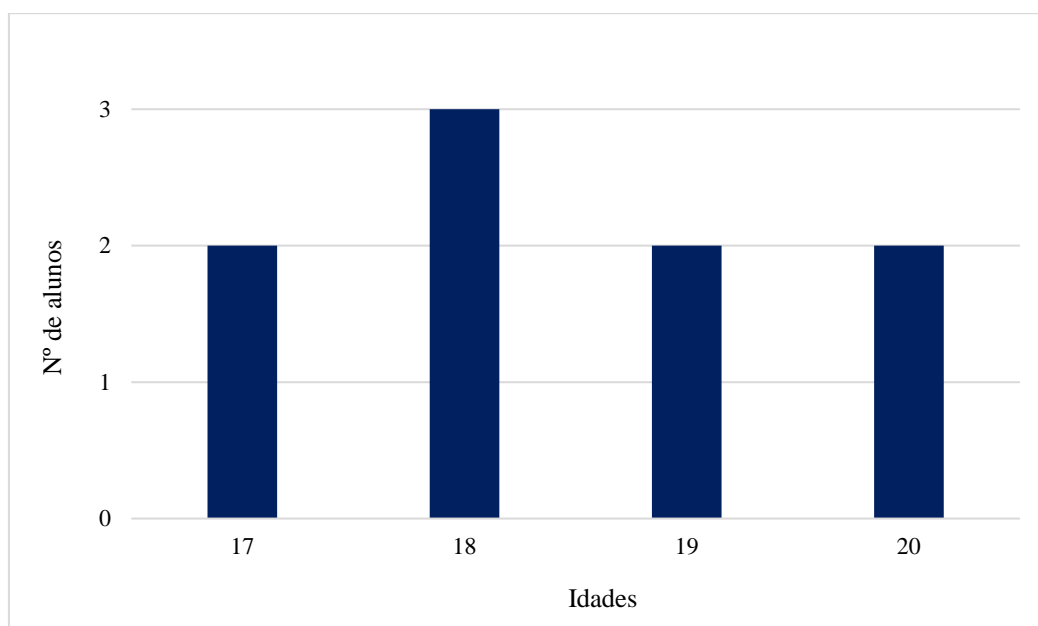


*Gráfico 9: Idade dos alunos da turma do LH12.1*

Finalmente, a turma LH12.2 é constituída por 8 alunos, dos quais 1 é do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Como podemos verificar no gráfico 10, os alunos têm idades compreendidas entre os 17 e os 19 anos, sendo que a maioria tem 17 anos de idade (cerca de 4 alunos num total de 8) e três já completou 19 anos. Para além de existirem alguns alunos com dupla nacionalidade, esta turma tem algumas particularidades: alberga alunos de Línguas e Humanidades e de Ciências e Tecnologias, sendo constituída em grande parte por alunos do Futebol Clube do Porto. Por isso é uma turma tão pequena, embora tal só se verifique nas disciplinas de formação específica – como é o caso da Geografia - Nas disciplinas de formação geral a turma fica completa.

O maior problema que detetamos nesta turma é o grande número de faltas, o que, para além de prejudicar o processo de ensino-aprendizagem dos próprios alunos, implica por vezes que nas aulas estejam presentes apenas dois ou três alunos.

É importante ainda referir que as turmas de 10º ano de escolaridade eram apenas da nossa responsabilidade, ao contrário das do 12º, que eram da responsabilidade da nossa orientadora de estágio, Salomé Ribeiro e dos três estagiários de Geografia que realizaram o estágio na ESAN, apenas eu dei aulas a este nível de ensino. A turma LH12.1, como referido, teve vários problemas ao longo do ano, com situações constantes de ‘mau comportamento’ (chegando mesmo ao ponto de serem marcadas cinco faltas disciplinares numa aula), colocando-nos perante um desafio que contribuiu para a nossa formação enquanto jovens ‘aprendizes’ de professor. Com a turma do 12º LH12.2 tivemos um contacto diferente e mais prolongado, pois face ao reduzido número de alunos existia maior diálogo durante as aulas e a própria avaliação centrou-se bastante na elaboração de trabalhos durante a aula, o que facilitou também a forma de lecionar nesta turma.



*Gráfico 10: Idades dos alunos da turma 12º LH2*

### **2.3. Enquadramento Metodológico**

Após a formulação das questões de partida às quais teríamos de dar resposta na conclusão deste estudo, foi definida a metodologia de trabalho que consideramos mais adequada à obtenção da informação necessária.

Nesse sentido, optamos pela realização de dois inquéritos por questionário aos nossos alunos: um dirigido aos atletas federados das 4 turmas referidas, visando sobretudo aferir a articulação entre a escola e a prática desportiva<sup>25</sup>; o segundo aplicado aos alunos matriculados em turmas com os horários alterados em suposto favorecimento dos atletas que pertencem aos quadros do Futebol Clube do Porto (LH10.1 e LH12.2)<sup>26</sup> e ainda uma entrevista à professora e nossa orientadora de estágio Salomé Ribeiro, que tem como objetivo perceber a sua opinião quanto à integração dos alunos atletas no ensino regular e se esta integração altera a sua forma de lecionar.

O primeiro inquérito é constituído por 5 grupos de questões - relativas à Identificação, Contexto familiar, Ensino e desporto, Ensino face ao desporto, perspectivas de futuro e Opinião sobre o que achariam da criação de uma legislação específica para que eles mesmos pudessem usufruir dos direitos do Estatuto de Alto Rendimento, as alterações que gostariam de ver concretizadas para que a articulação entre o desporto e o ensino fosse mais fácil e/ou o que estes consideram que seria fundamental que fosse melhorado ou alterado e os alunos que não fazem parte do protocolo FC Porto-ESAN, foram questionados se acham que seriam melhor sucedidos se o clube que representam também tivessem um protocolo com a escola - englobando questões de resposta aberta (para que o inquirido expressasse a sua opinião) e de resposta fechada, nas questões em que era necessário uma resposta mais conclusiva e assertiva. O inquérito aos alunos não atletas apresenta 4 grupos - Identificação, Parentesco, Ensino e o desporto e eu e o desporto - sendo igualmente constituído por questões de resposta aberta e fechada pelos mesmos motivos. Estes questionários foram realizados em papel, uma vez que durante a realização de jogos interativos nas aulas, podemos observar que nem todos os alunos tinham acesso a internet, o que iria implicar

---

<sup>25</sup>. Anexo 1 – Inquérito aos alunos atletas (LH10.1, LH10.2, LH12.1 e LH12.1).

<sup>26</sup>. Anexo 2 – Inquérito aos alunos que frequentam turmas com alunos do FCP (LH10.1 e LH12.2).

a sua realização durante os tempos letivos, o que prejudicaria o cumprimento dos planos de aula. A análise dos inquéritos será complementada com as avaliações destes alunos, comparando-se os resultados obtidos pelos alunos praticantes e não praticantes de desporto.

A professora Salomé Ribeiro é orientadora de estágio na ESAN e há muitos anos que lida com esta problemática, assim sendo, a sua experiência e conhecimento vão ser um ponto fulcral da nossa investigação. A entrevista foi realizada online, e era constituída por nove questões

## **Capítulo III – Apresentação e análise dos resultados**

Para perceber as implicações que o protocolo entre a ESAN e o FCP poderá ter no meio escolar, é importante saber a opinião dos alunos que sentem as medidas preconizadas no seu dia-a-dia. Como referimos na metodologia, os inquéritos por questionário foram aplicados aos alunos atletas - que beneficiam ou não deste protocolo - e os alunos que frequentam turmas que estão “sob influência” desse protocolo. Auscultando as duas partes podemos perceber se ambas sofrem consequências, sejam elas positivas ou negativas.

### **3.1. A perspetiva dos alunos “não atletas”**

Analisar a perspetiva dos alunos não atletas que integram turmas com alunos que beneficiam do protocolo - e por isso, têm algumas flexibilidades que podem afetar os alunos “regulares” - é importante face à existência de horários adaptados, benefícios em relação às faltas que podem criar alguma revolta a quem não usufrui dos mesmos, para além de trazer algum constrangimento em relação às horas livres entre aulas. Convém ainda recordar que a amostra que vamos analisar de seguida é composta por 18 alunos, 14 da turma LH10.1 e 4 da turma LH12.2, pois são estas as turmas que estão destinadas a receber as flexibilidades exigidas no protocolo entre o FCP e a ESAN.

Uma das primeiras questões colocadas, pretendia saber se os alunos não atletas tinham conhecimento do protocolo entre a escola e o FCP, sendo essa a razão de terem colegas com alguns privilégios diferentes e principalmente o facto de a turma ter um horário ajustado aos treinos matinais desses mesmos colegas.

Em termos globais verifica-se que a maior parte dos alunos tem conhecimento, principalmente na turma do LH10.1 onde apenas 7% dos 14 inquiridos desconhece, associando-se a estes os 50% dos alunos do LH12.2 (Gráfico 11).

Se o Decreto-Lei n.º 75/2008 de 22 de abril, determina ser da competência do diretor do agrupamento de escolas superintender a constituição de turmas, também permite que sejam adotadas normas próprias para a constituição de turmas. Também o

Despacho Normativo n.º 7-B/2015 de 7 de maio acentua este direito, referindo que [n]a constituição das turmas é respeitada a heterogeneidade das crianças e jovens, podendo, no entanto, o diretor, após ouvir o conselho pedagógico, atender a outros critérios que sejam determinantes para a promoção do sucesso e para a redução do abandono escolar (Artigo 17º). Assim sendo, a ESAN pode (e deve) organizar as turmas de forma a responder às necessidades de todos os alunos, mas obviamente ponderando as vantagens/desvantagens e informando todos os envolvidos.

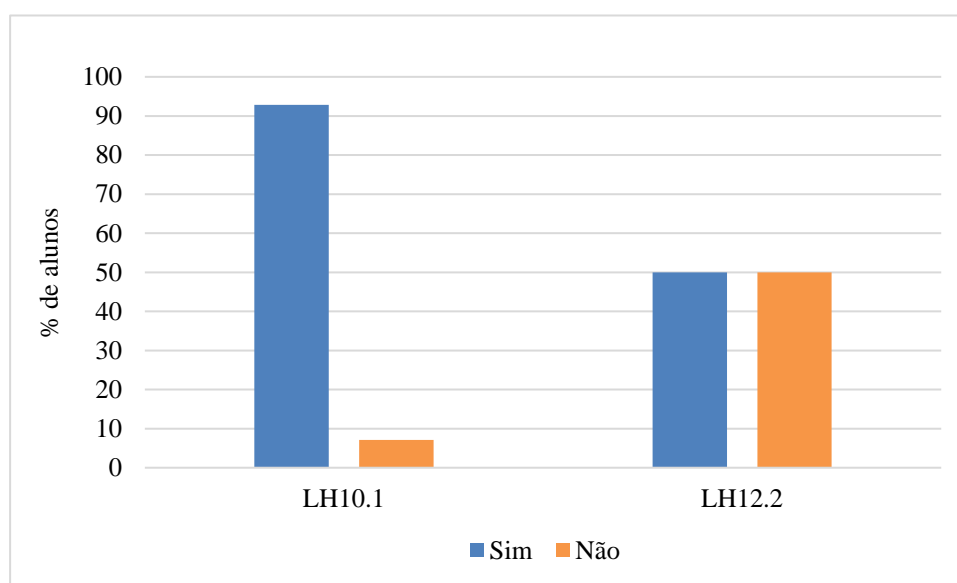
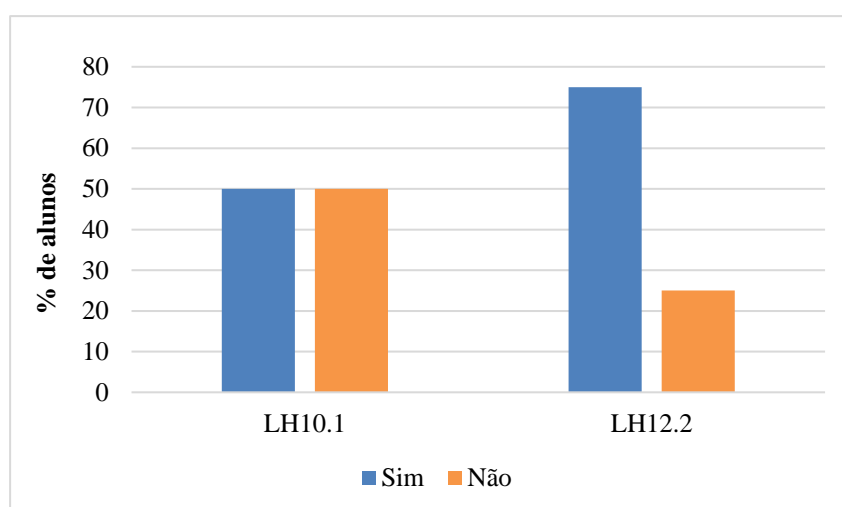


Gráfico 11: Conheces o protocolo que o FC Porto tem com a Escola António Nobre?

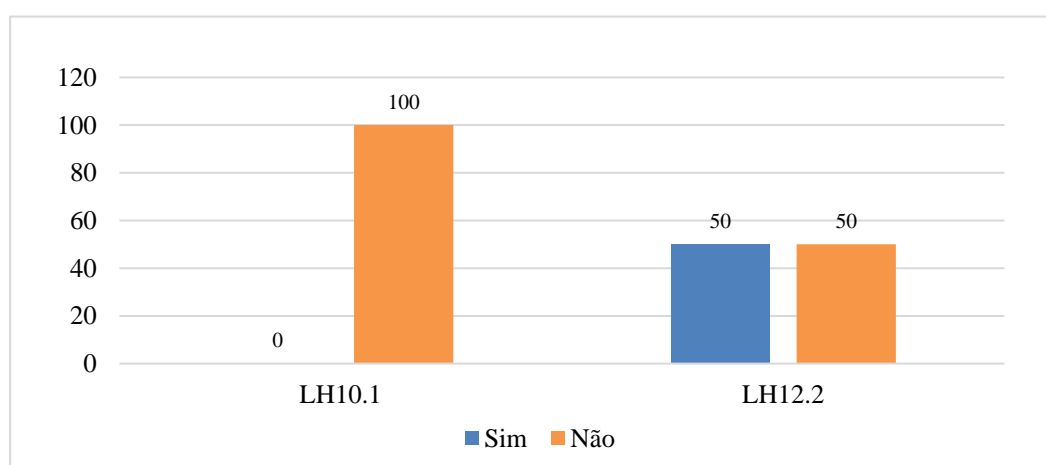
Questionados sobre se sentem que são de alguma forma prejudicados por estarem integrados numa turma com alunos atletas (que beneficiam de algumas vantagens), mais de metade dos estudantes (10, ou seja, 55.5%) respondem de forma afirmativa, sendo esta manifestação até mais premente no LH12.2 (gráfico12).





*Gráfico 12: Achas que és de alguma forma prejudicado face aos alunos que beneficiam desse protocolo?*

Num estudo realizado na Bélgica (Radtke e Coalter, 2007), é referido que os alunos integrados em turmas com alunos atletas podem sentir-se de alguma forma prejudicados, e questionarem mesmo se a ‘flexibilidade’ dada aos colegas desportistas é necessária. Claro que podemos perguntar se há alguma razão efetiva para esta sensação, não deixando de ser curioso que, colocada a questão no sentido oposto - se se sentem beneficiados por integrarem uma turma com alunos que usufruem do protocolo – dois alunos do LH12.2 tenham respondido afirmativamente (gráfico 13).



*Gráfico 13: Achas que és de alguma forma beneficiado por integrares uma turma com alunos que usufruem desse protocolo?*

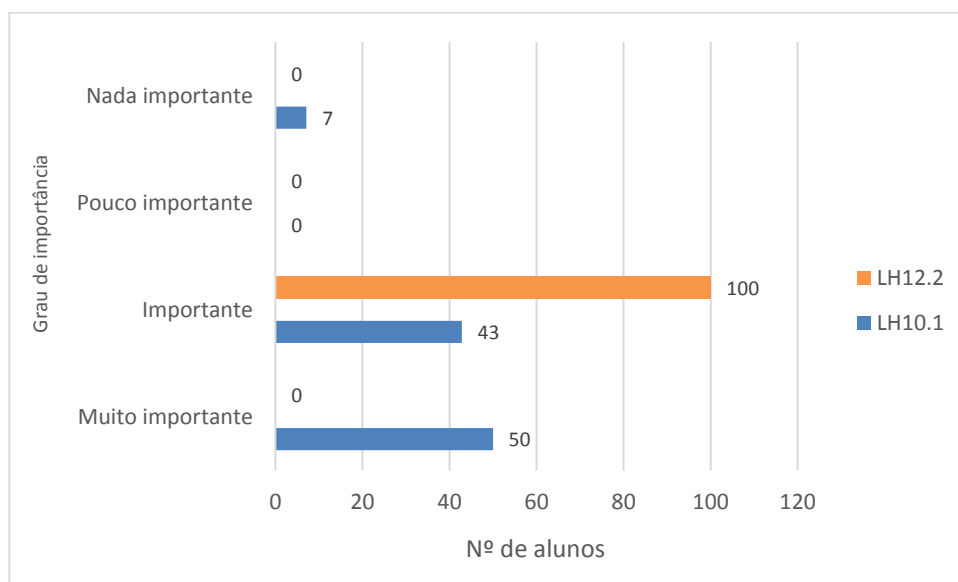
O porquê desse benefício não é fácil de explicar. Mas numa turma com nove alunos, onde por vezes estão apenas metade (ou menos), os presentes podem tirar um maior proveito ao nível da atenção por parte dos professores, que ficam mais disponíveis e apoiam quem tem maiores dificuldades, sendo também mais fácil para os alunos tímidos expressar as suas ideias. Estas reflexões são em parte apoiadas pela resposta de dois dos inquiridos, referindo um deles que “tenho mais ajuda e os professores facilitam mais”, enquanto o outro salienta que “derivado às faltas deles, os professores tendem a ser mais brandos com os restantes”.

Relativamente ao porquê de se sentirem prejudicados - aspeto que nos parece mais relevante em relação aos ‘benefícios’ – 50% dos alunos da turma do LH10.1 referiram que comparando o seu horário com o da outra turma do mesmo ano (LH10.2) se sentem prejudicados, uma vez que nesta última raramente há aulas até ao último tempo da tarde, assim como não existem “horas mortas” durante o dia (o que acontece durante o horário de treinos dos alunos que pertencem aos quadros do FCP). Já na turma do LH12.2 o caso muda um pouco de figura, talvez porque ao contrário dos alunos do 10º ano estes alunos já frequentam turmas com atletas há pelo menos dois anos (pelo que estão habituados), mas complementam os seus motivos. Por exemplo, uma aluna refere que “os horários são feitos para eles sendo que metade nem aparece” ... e esta resposta leva-nos a pensar se o referido no estudo belga – questionando a necessidade da ‘flexibilidade’ dada aos colegas desportistas – não terá alguma razão de ser.

Efetivamente, este é um facto que constatamos ao longo do ano letivo: numa turma de 9 alunos era frequente estarem presentes apenas dois alunos. Na verdade, os horários são definidos contemplando os treinos dos atletas do FCP, mas é frequente os alunos chegarem atrasados às aulas ou mesmo faltarem, porque são chamados aos treinos de um escalão superior ou convocados para os estágios da seleção nacional (e neste caso faltam mesmo durante dias consecutivos). E como existe ‘flexibilidade’ nas faltas, talvez os alunos se aproveitem um pouco desse facto. Dos alunos que se sentem ‘prejudicados’, há mesmo referência a este aspeto: “sei que alguns aproveitam o facto de serem do FCP para justificarem faltas e até resultados de testes/disciplinas”.

É importante referir que uma das alunas salientou que o motivo de se sentir prejudicada não são apenas os horários, mas o “funcionamento das aulas, notas e faltas”. Assim, se numa turma de ‘desportistas’ a existência de algumas normas diferenciadas pode evidentemente causar impacto nos outros alunos, saber qual dos ‘benefícios’ concedidos mais os afeta é relevante.

Não há dúvida que os horários são salientados de forma clara (gráfico 14). Aliás, os horários foram uma problemática bastante discutida durante o nosso estágio na ESAN, uma vez que os alunos do LH10.1 demonstravam algum desagrado com os mesmos. Por isso mesmo, dos 14 inquiridos da turma referida a maioria (93%) classificou os horários escolares como uma problemática “muito importante” ou “importante”. Ou seja, parece existir um ‘desagrado’ quase geral - apenas 1 aluno o considerou “nada importante” - com os horários adaptados de forma a cumprir o protocolo com o FCP. No que diz respeito aos alunos do LH12.2, estes classificaram a problemática como “importante”, não esquecendo que no 12º ano de Línguas e Humanidades os horários das duas turmas foram divididos em horário da manhã e da tarde, sendo este último definido para permitir que os alunos treinem na parte da manhã.



*Gráfico 14: Problemática do horário escolar*

De qualquer modo, os alunos que treinam de manhã chegam por vezes atrasados ao primeiro tempo da tarde, o que provoca algumas interrupções da aula e constitui um motivo de distração dos alunos, que podem ‘perder o fio condutor’ da matéria.

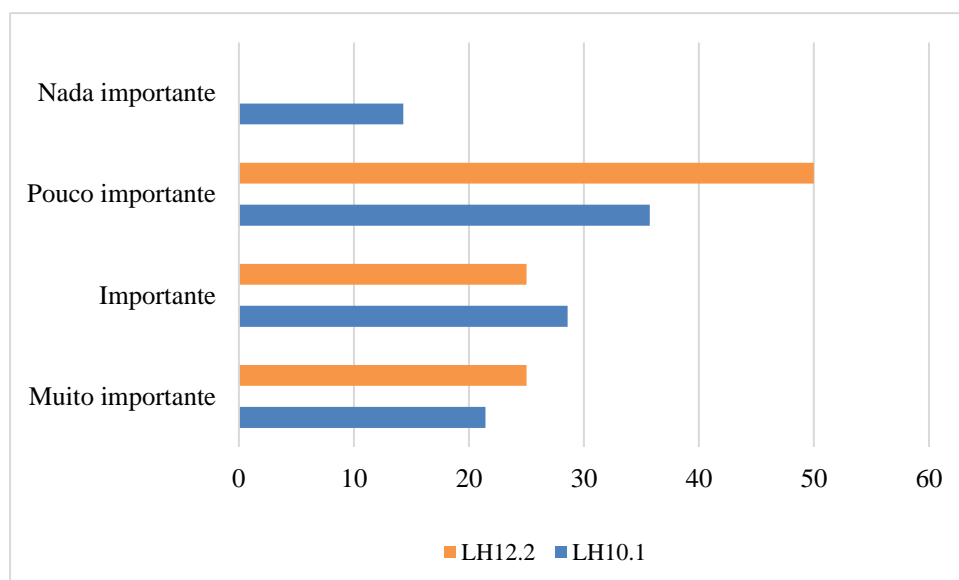
Mas neste contexto as opiniões dividem-se (gráfico 15): na turma do 10º ano metade consideram esta questão “muito importante” ou “importante”, mas a outra metade opta por a considerar “pouco importante” e “nada importante” (apenas 2 alunos). Na turma do LH12.2 metade dos alunos, ou seja, 50% a classifica como “pouco importante.

A verdade é que na turma do LH10.1 sentimos mais a ausência deste problema, uma vez que os alunos atletas que usufruem dos horários adaptados, treinam todos na mesma equipa, praticam a mesma modalidade (futebol) e escalão de formação (escalão de sub-16), o que permite com que o horário seja adaptado a apenas um horário de treino.

O contrário acontece na turma LH12.2, uma vez que, apesar dos alunos serem do mesmo clube, vão alternando entre os treinos no seu escalão e dos escalões superiores. Outro fator é que não praticam todos a mesma modalidade: quatro praticam futebol e um pratica basquetebol, o que implica a existência de mais do que um horário de treino, pelo que não terminando todos ao mesmo tempo vai existir uma diferença horária e, consequentemente, atrasos de alguns alunos ao primeiro tempo.

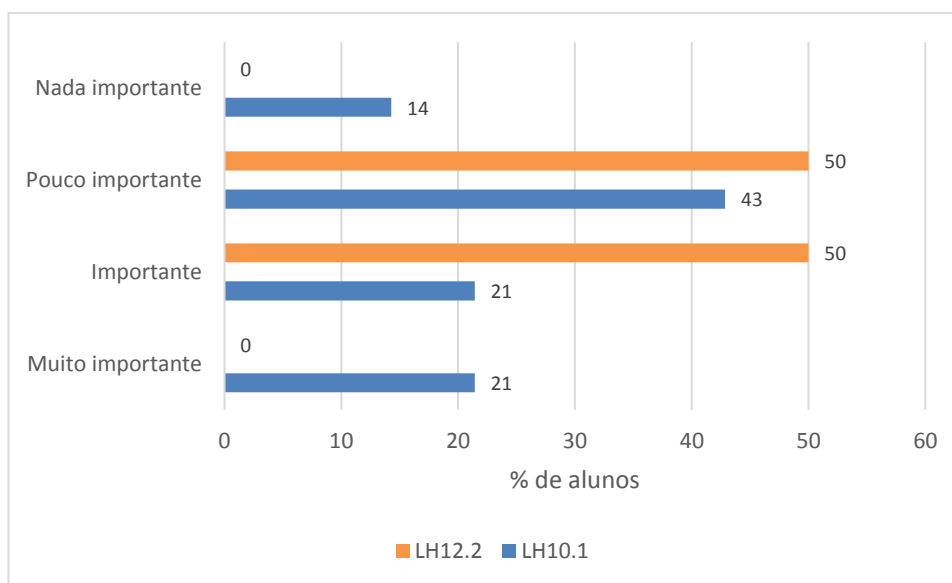
Por fim, outro motivo poderá ser o facto de o número de atletas ser maior na turma do LH12.2 (5 alunos ‘contra’ os 3 da turma do LH10.1).

Assim, apesar dos 8 alunos atletas (com horários adaptados) treinarem todos de manhã, ao pertencerem a escalões e modalidades diferentes implica que os horários não sejam totalmente compatíveis, o que provoca atrasos.



*Gráfico 15: Probleática das constantes interrupções no início da aula devido aos atrasos*

Um dos benefícios incluídos na flexibilidade dada aos alunos atletas é relativo às faltas e, neste aspeto, os alunos na sua maioria são da opinião que esta problemática não os afeta em demasia (gráfico 16). Na turma do LH10.1, há oito alunos (57%) que consideram este aspeto “pouco importante” ou “nada importante”, 3 alunos (21.4%) são da opinião que esta problemática é “muito importante” e outros 3 classificam-na como “importante”. No que diz respeito ao LH12.2 os alunos dividem-se entre “importante” e “pouco importante”. Note-se que os alunos desportistas deste ano de escolaridade têm mais faltas em relação aos do LH10.1, porque ao longo do ano têm representado a seleção nacional diversas vezes, até em competições internacionais (que ocorrem durante a semana).



*Gráfico 16: Benefícios desses alunos em relação às faltas.*

Outro aspeto abordado, relaciona-se com o facto de para os alunos atletas o desporto constituir, em alguns casos, a sua carreira de sonho, pelo que podem encarar as aulas com pouca motivação. Será que esta postura afeta os colegas podendo, por exemplo, influenciar o seu próprio comportamento?

Para os alunos do LH10.1 os resultados são claros, considerando mais de metade dos inquiridos que esta problemática é “nada ou pouco importante”. Apenas 7% dos estudantes a assinala como “muito importante” e 21% como “importante”. Observando agora os resultados da turma do LH12.2, podemos concluir que os resultados são um pouco diferentes, uma vez que da nossa (pequena) amostra a maior parte opta por classificar a questão como “importante” (gráfico 17). Esta diferença de opinião entre os dois anos de escolaridade pode estar no facto dos alunos atletas do 12º ano estarem a um passo de se tornarem profissionais, pelo que a escola pode assumir um ‘segundo plano’. Na nossa opinião esta problemática é das mais pertinentes (voltaremos a retoma-la quando abordarmos a perspetiva dos alunos desportistas), como demonstra a existência de vários estudos sobre o tema, salientando que estes estudantes tendem a estar pouco motivados para a escola e ‘desleixar’ o estudo. Pegando apenas num exemplo, Conceição (2015, p.119) refere que

[o]s estudantes-atletas, quando participam das principais competições da categoria, podem ficar várias semanas em momentos alternados longe do espaço escolar. Esse número de faltas, somadas à ausência de relação com o conteúdo escolar, faz os atletas se tornarem então relapsos e desinteressados, estando sempre desconectados.

Neste contexto, consideramos que estes alunos deveriam ter um ‘tutor’ que os acompanhasse nos clubes e na escola, tentando manter um equilíbrio entre ambos, de forma a cumprir as expectativas profissionais dos estudantes, mas sem descurar a sua escolaridade obrigatória. Embora a existência de um ‘professor acompanhante’<sup>27</sup> seja preconizada para os estudantes de Alto Rendimento, estatuto que os nossos alunos atletas não têm, esta medida poderia ser-lhes aplicada, mas envolvendo também o clube desportivo. Ou seja, deveria existir uma coordenação entre este professor e, por exemplo, o treinador, para que pudessem definir medidas de articulação entre a prática desportiva e a escola. Talvez assim se pudesse contornar a situação descrita por Melo, Soares e Rocha (2014, p.617), no seu estudo sobre o *Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro*, sugerindo que (...) *quanto maior os investimentos do atleta na carreira, maior será a probabilidade de secundarizar os investimentos escolares*.

---

<sup>27</sup>. O Artigo 19º do Decreto-Lei n.º 272/2009 de 1 de Outubro (p.7083) determina: *Nos estabelecimentos de ensino frequentados por praticantes desportivos de alto rendimento deve ser designado pelos órgãos de gestão do estabelecimento um docente para acompanhar a evolução do seu aproveitamento escolar, detectar eventuais dificuldades e propor medidas para a sua resolução*.

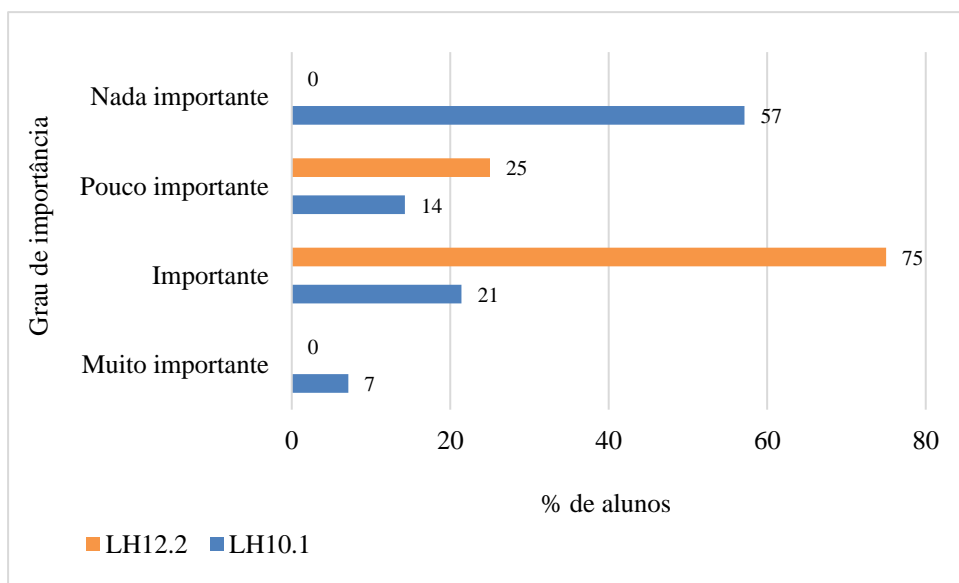
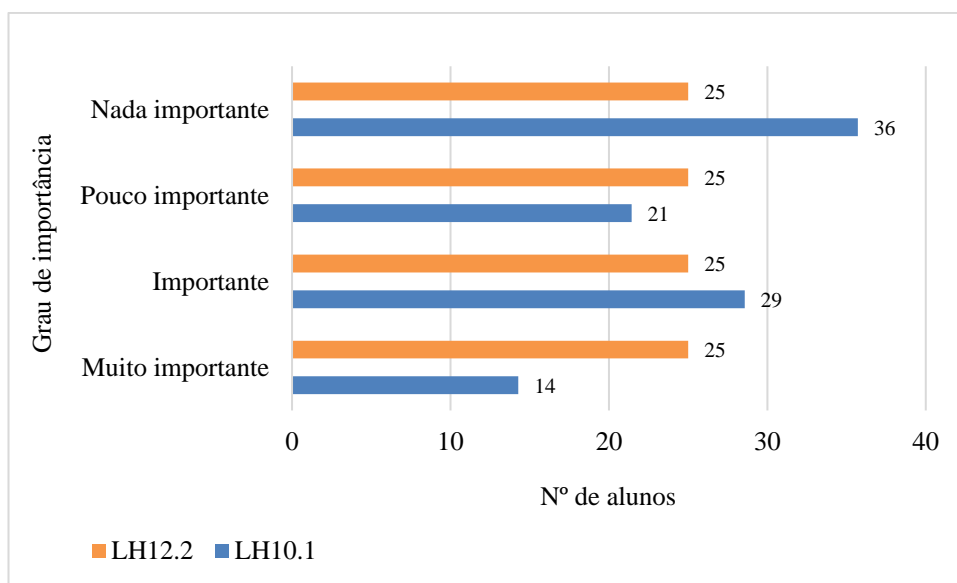


Gráfico 17: Probleática: Esses alunos são pouco motivados e desconcentram-me.

Focamos agora uma questão que consideramos muito pertinente: será que os alunos sentem que os professores são menos exigentes com uma turma em que estão integrados alunos atletas? Será que podem não aprofundar todos os conteúdos porque, devido às ausências – (...) *que podem implicar a necessidade de rever a matéria para os atletas se situarem* (Conceição, 2015, p.78) - e menor motivação destes estudantes, têm receio de não ter tempo de cumprir todas as metas curriculares?

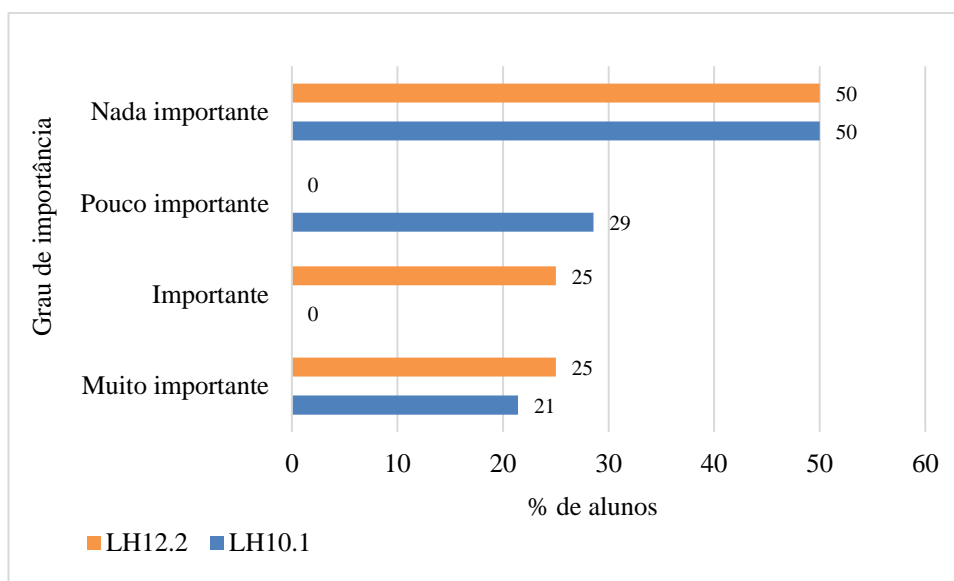
A opinião dos alunos sobre esta matéria é muito dispersa (gráfico 18), verificando-se, por exemplo, que na turma do LH12.2 as 4 opções têm igual percentagem de ‘adeptos’. Já na turma do LH10.1, a maior parte dos alunos inquiridos (57%) são da opinião que esta problemática é “nada ou pouco importante”, ou seja, não os afeta, apesar de 14% a considerarem “muito importante”





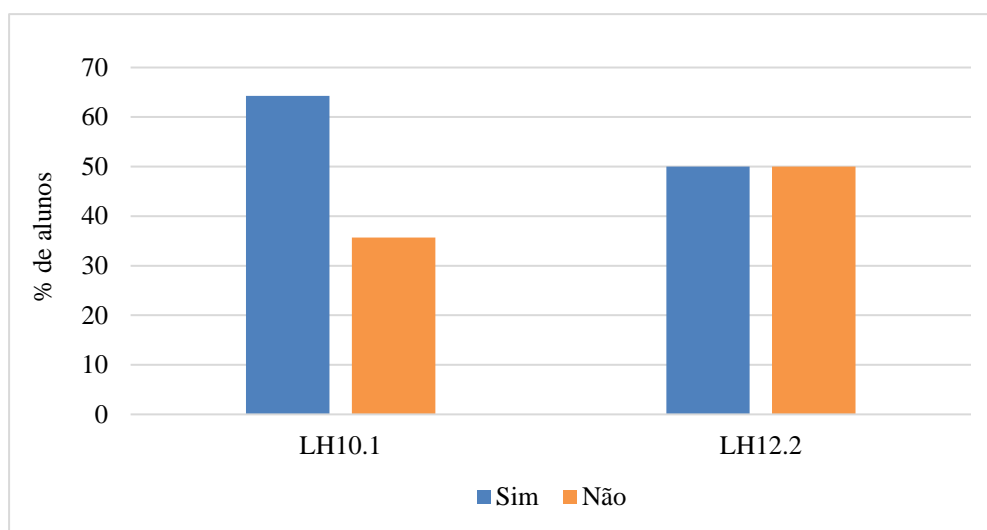
*Gráfico 18: Probleática: Os professores são menos exigentes e aprofundam menos os conteúdos.*

Quando os alunos atletas estão numa escola que apoia a sua total integração, tal não implica que não existam problemas de ‘inclusão’. Na verdade, os alunos regulares podem não interagir com eles, quer por sua iniciativa não se identificando com o ‘perfil’ dos colegas, quer pelo facto dos próprios desportistas se isolarem e interagirem apenas com alunos que partilhem da mesma experiência, situação que vai contra o objetivo de uma escola inclusiva. Observando o gráfico 9, podemos concluir que na turma do LH10.1 os alunos regulares não se sentem “postos de lado”, apesar de para 3 alunos (21% da amostra) esta problemática ser vista como “muito importante”. No LH12.2 a perspetiva é similar, pelo que parece, pelo menos da parte destes alunos, não existirem problemas de relacionamento.



*Gráfico 19: Problemativa: É difícil estabelecer relações de amizade com esses alunos, porque tendem a formar "grupos fechados".*

Como vimos no enquadramento teórico, o horário das turmas que incluem atletas que fazem parte do protocolo da ESAN com o FCP, implica que essas mesmas turmas tenham horários flexíveis, o que pode trazer algumas complicações aos alunos não atletas. A turma do LH10.1 mostra-se sensível à questão (gráfico 20), pois 64% dos inquiridos consideram ser difícil manter os níveis de concentração nas aulas depois de 4 horas sem atividades letivas (das 10h15 da manhã até às 14h15). No caso da turma do LH12.2, o facto de os alunos terem apenas aulas de tarde - do que resulta não terem nenhuma tarde livre - também pode trazer alguns transtornos, embora os resultados não sejam neste caso conclusivos, uma vez que a amostra se divide a meio. De qualquer modo, considerando o total de inquiridos, independentemente do ano de escolaridade, torna-se claro que estes horários não ‘beneficiam’ todos os alunos... e ajudam também a entender o motivo de ser mais difícil dar aulas à turma do LH10.1, pois esta tem Geografia A duas vezes por semana ao último tempo da tarde.



*Gráfico 20: O facto de teres várias horas sem aulas na transição entre o horário matinal e o da tarde dificulta a tua concentração nas aulas?*

Considerando que o papel dos encarregados de educação é fundamental na vida escolar, quisemos saber se estes já tinham alguma vez mostrado desagrado com o facto de os seus educandos frequentarem turmas com alguns benefícios/diferenças face ao protocolo com o FCP. Dos 18 alunos inquiridos em ambas as turmas apenas três alunos (16,6%) responderam positivamente. Apesar do pequeno número, tal indicia que este não é um assunto consensual dentro da comunidade escolar. Questionados sobre os motivos referidos pelos pais, a maior parte alega a problemática dos horários: “a minha encarregada de educação já veio questionar a diretora de turma devido ao horário e uma possível mudança de turma”; “o meu encarregado de educação já se manifestou pelo facto de termos um horário menos eficaz/ideal, pois temos muitas horas livres na parte da manhã que podiam estar ocupadas, e assim sairíamos mais cedo na parte da tarde” (gráfico 21).

Se a ‘flexibilidade’ de horário é a questão mais criticada - quer pelos alunos, quer pelos encarregados de educação - relativamente à integração dos alunos atletas em turmas regulares (como faz todo o sentido, na nossa opinião), Zenha, Resende e Gomes (2009, p.8), salientam, no seu estudo sobre desporto e sucesso escolar, que (...) *a possibilidade dos atletas poderem adaptar o seu horário escolar ao seu horário de treino*, foi a principal “reivindicação” dos estudantes inquiridos.

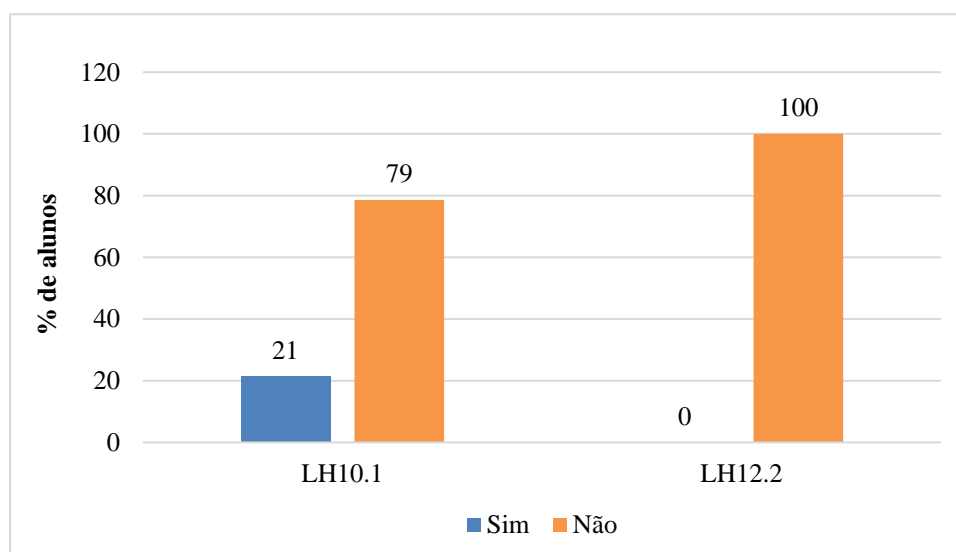


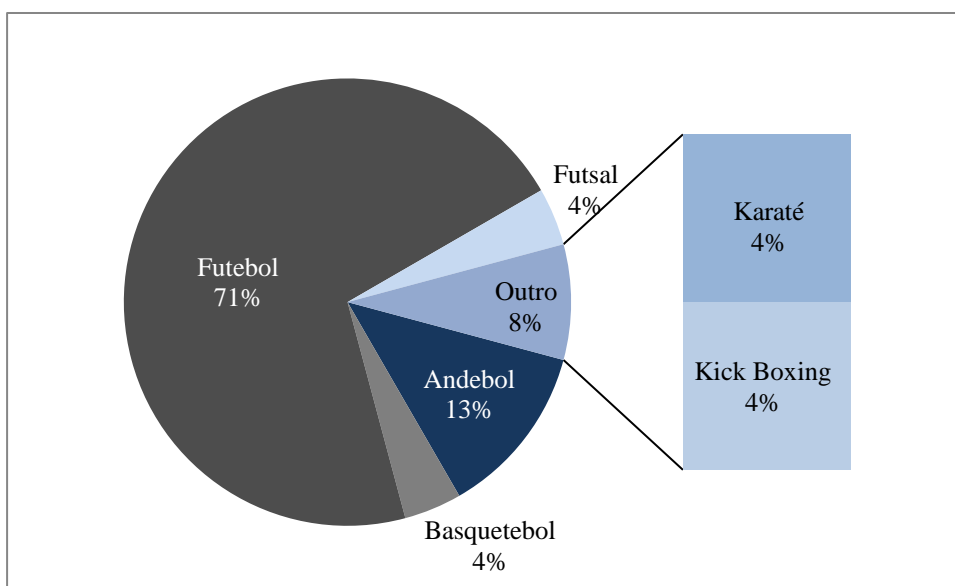
Gráfico 21: Os teus pais/encarregado de educação já se manifestaram alguma vez contra a tua inclusão numa turma que usufrui de condições associadas ao protocolo entre o FC Porto e a ESAN?

## 3.2. A perspetiva dos alunos atletas

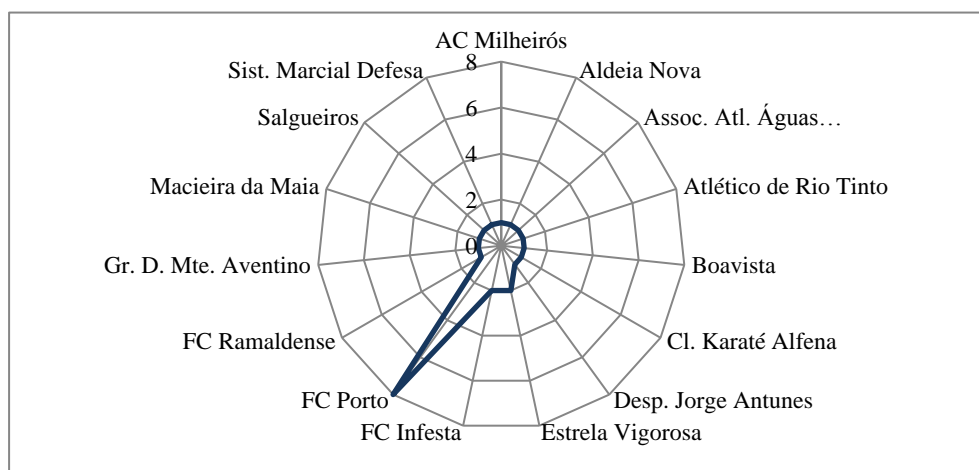
### 3.2.1. Elementos de identificação

A opinião dos estudantes desportistas relativamente à compatibilização entre o ensino curricular e a prática desportiva é um dos objetivos específicos do nosso relatório. Assim, foi fundamental auscultar a opinião dos diretamente interessados, procurando determinar, por exemplo, se os alunos que beneficiam do protocolo entre a ESAN e o FCP consideram que ele responde às suas necessidades e o que pensam os alunos praticantes de outras modalidades não integradas neste clube, sobre o facto de existir um horário adaptado aos treinos dos seus colegas... será que estes horários se adequam à sua prática? Sentem-se prejudicados e preteridos? Porque pertencendo ou não ao FCP, todos são atletas federados.

Efetivamente, os 24 alunos inquiridos não praticam a mesma modalidade (gráfico 22) nem representam o mesmo clube, distribuindo-se por 15 entidades desportivas (gráfico 23), pelo que o local e os horários de treino são diferentes. E se o futebol é a modalidade com mais praticantes, envolvendo 71% dos alunos, segue-se o andebol, mas com apenas 13%, enquanto as quatro restantes (basquetebol, futsal, karaté e *kick boxing*) são representadas por um aluno cada.



*Gráfico 22: Modalidade desportiva praticada*



*Gráfico 23: Clubes representados pelos nossos alunos*

É nas duas turmas do 10º ano que se concentra o maior número de atletas (18 no total), distribuídos por praticamente todas as modalidades (com exceção do basquetebol), embora dominem os futebolistas (seis em cada turma). Os do FCP, apenas 3, integram-se na turma com horário flexível (LH10.1) associados a 4 outros atletas, enquanto na turma LH10.2 nenhum aluno faz parte da parceria. No 12º ano, os alunos praticam sobretudo futebol (5 dos 6 estudantes) e do conjunto dos atletas apenas 33,3% são do FCP. Ou seja, a maioria (16 dos 24 alunos) representa outros clubes, pelo que não beneficiam de qualquer protocolo.

Não pondo em causa a importância do protocolo para os atletas do FCP, uma vez que lhes permite conciliar os seus treinos e competições com a frequência do ensino obrigatório, podemos questionar se, numa perspetiva inclusiva, o facto de ser definida uma turma com um horário adaptado não é injusto para os restantes alunos, quer sejam regulares ou atletas pertencentes a outros clubes, a que não é atribuída a mesma flexibilidade. Sobre esta questão, vimos que mais de metade dos alunos não desportistas se sentia prejudicado por estarem integrados numa turma com alunos atletas, assim como alguns encarregados de educação já tinham feito algumas reclamações.

Sobre este aspeto, Salomé Ribeiro refere que os estudantes regulares ao serem (...) *sujeitos aos horários dos atletas [têm várias] horas desocupadas durante o dia*, pelo que (...) *desde o início [se debateu] com o facto de o horário ser prejudicial para os alunos que não eram atletas. A maioria morava longe da escola, passavam muitas horas na escola e não aproveitavam esse tempo para estudar. Nas aulas de fim de tarde encontravam-se esgotados*. Por outro lado, salienta que (...) *ao longo dos anos o número de atletas foi-se reduzindo, não justificando a adaptação dos horários, já que comprometia a vida da maioria dos alunos, que não são atletas do FCP*. Por isso mesmo (...) *neste momento [o protocolo] não terminou, mas encontra-se em vigor [apenas] no ensino básico*.

Outro aspeto que nos pareceu importante perceber, relaciona-se com a influência que os pais ou outros elementos da família poderiam ter tido na escolha dos seus filhos. E se é frequente encontrarmos famílias em que as profissões se repetem (o que referimos como ‘seguir as pisadas dos pais’), questionamos os nossos atletas se tinham

familiares ligados ao desporto. Na verdade, 79% dos alunos inquiridos respondeu positivamente, ilustrando até com exemplos de familiares que foram ou são profissionais do desporto... e bem-sucedidos em mais do que uma modalidade<sup>28</sup>. Entre futebolistas da primeira liga, treinadores, árbitros, podemos considerar que muitos destes jovens cresceram com o desporto...influenciando o seu projeto de vida.

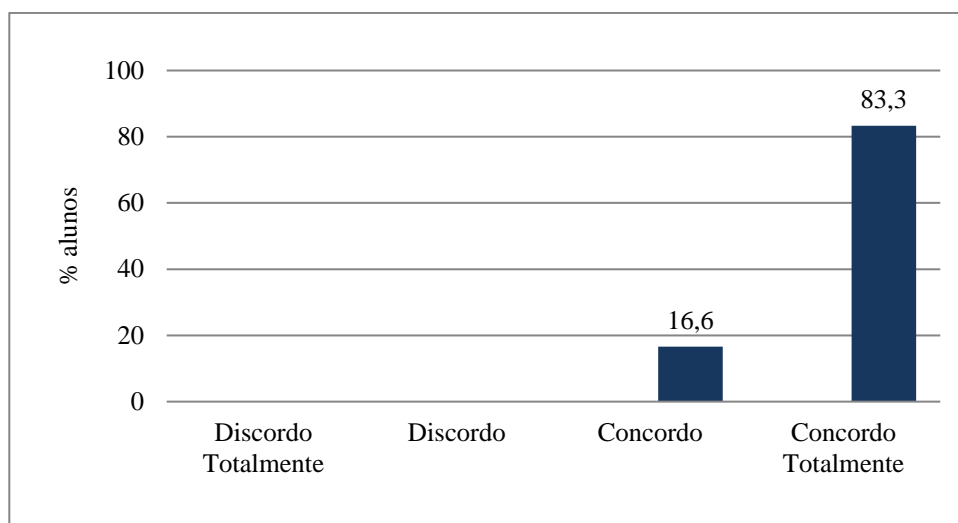
Neste sentido, o grau de concordância dos nossos alunos à afirmação expressa no questionário era esperada. Será que os pais/encarregados de educação apoiam e incentivam os nossos alunos a praticar desporto? Efetivamente, 83,3% dos nossos alunos “concordam totalmente” e 16,6% “concorda” (gráfico 25). Vários estudos têm sido dedicados a esta problemática, na tentativa de perceber sobretudo a importância do envolvimento dos pais na prática desportiva dos seus filhos (i.e. Côté, 1999; Carr, Weigand & Jones, 2000; Gomes e Zão, 2007; Torregrosa *et al.* 2007; Teques, 2009; Lucas, 2014). Embora nestes estudos sejam focados aspectos distintos, (Silva, 2016, p.35) sintetiza uma postura comum:

O suporte parental aparenta ser, definitivamente, uma faceta com grande influência no desenvolvimento da carreira dos atletas. É curioso observar que esta determinativa não se coloca apenas em termos da performance desportiva, mas também poderá obter significado na forma como o atleta gere as suas interações sociais e as decisões técnicas.

E embora centrado num estudo sobre a prática desportiva de jovens nadadores, Aroni, (2011) considera que o envolvimento parental condiciona de forma clara o processo de formação desportiva - e acrescentaríamos ‘escolar’ - dos filhos.

---

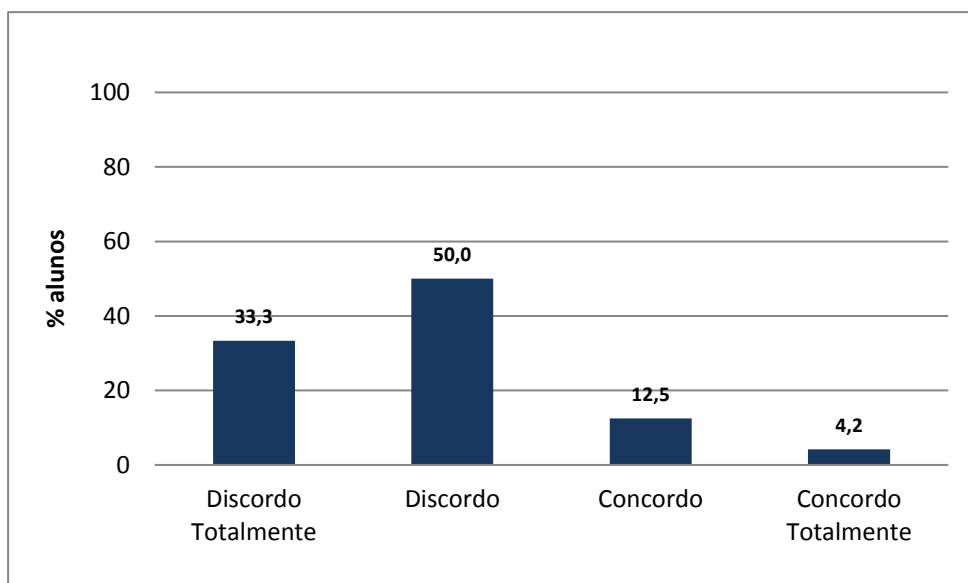
<sup>28</sup>. Citamos apenas alguns exemplos: Ricardinho, considerado melhor jogador do mundo de Futsal e capitão da seleção portuguesa, é primo de um dos nossos alunos. Outro aluno é filho de um ex-jogador do FCP e irmão de um atleta que atualmente joga na equipa principal do mesmo clube... e tem ainda um outro irmão que é preparador físico.



*Gráfico 24: Os meus pais/encarregado de educação apoiam e incentivam a minha prática desportiva.*

Efetivamente, uma das grandes preocupações dos pais e encarregados de educação são (ou costumam ser) os resultados escolares dos seus educandos. E se os mesmos dispensam tantas horas por dia a praticar desporto, para estarem preparados para as competições, essa preocupação não deveria ser ainda maior? Idealmente, os pais devem ajudar os filhos a definir regras ou metas para conseguirem alcançar os seus objetivos, tanto no desporto como na escola. Uma das medidas possíveis, é condicionar a prática desportiva aos resultados escolares. Mais de metade dos nossos alunos indicia não sofrer esse tipo de consequência (figura 25): 33,3% “discorda totalmente” com a afirmação expressa no questionário e 50% “discorda”. No entanto não se trata de uma medida ignorada pelos pais/encarregados de educação, uma vez que 19,7% dos estudantes (somando os dois graus de concordância) vê a sua prática desportiva condicionada pelos resultados escolares.





*Gráfico 25: Os meus pais/encarregado de educação condicionam a minha prática desportiva aos meus resultados escolares*

Abordando uma perspetiva diferente, questionamos os nossos alunos atletas sobre se nunca tinham pensado ingressar num curso profissional, até porque na ESAN existe o curso de Técnico de Apoio à Gestão Desportiva. Embora a diferença entre a resposta positiva e negativa não seja elevada, 54% dos inquiridos diz que não, que nunca pensou no assunto. Se nos pode parecer estranha esta aparente preferência pelo ensino ‘académico’, Salomé Ribeiro esclarece que tal acontece (...) *porque o ensino profissional é mais inflexível em relação às faltas [porque] são financiados pelo POCH<sup>29</sup> e regidos por legislação própria*. No entanto, salienta que este problema afeta sobretudo os alunos praticantes de futebol, devido aos horários dos treinos, pois há alunos atletas de outras modalidades que frequentam este curso.

Pretendendo ir um pouco mais longe nesta questão, quisemos saber (até tendo em conta o protocolo do FCP com a ESAN), se o clube em que estão integrados influenciou a sua escolha relativamente ao tipo de ensino. Por exemplo, poderia acontecer que os clubes exercessem alguma pressão para que os alunos frequentassem apenas cursos que englobassem turmas com horários flexíveis. Mas a resposta foi clara

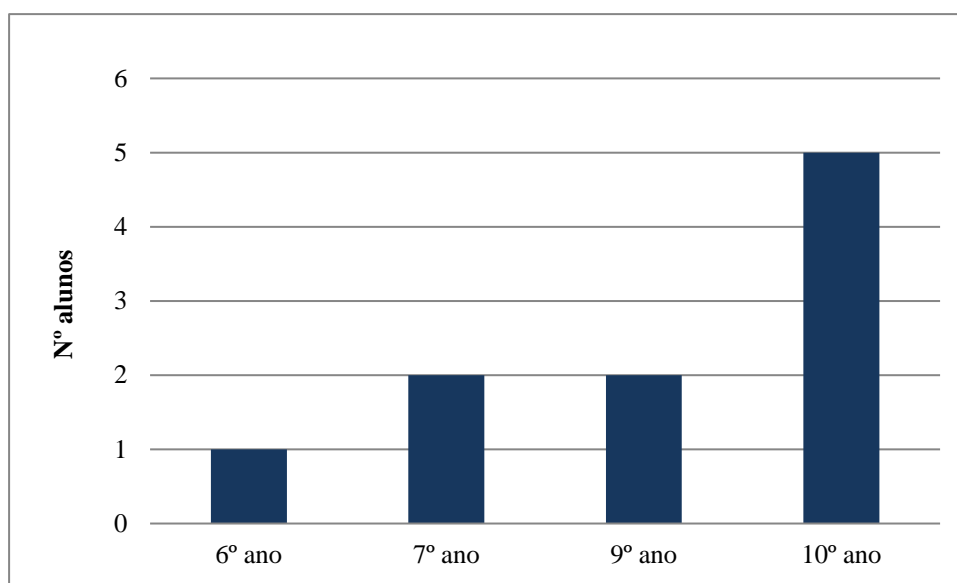
<sup>29</sup>. Programa Operacional Capital Humano. Sobre este assunto, consultar <https://www.poch.portugal2020.pt/pt-pt/Paginas/default.aspx>. Acesso a 02-09-2018.

neste contexto: 88% dos inquiridos considera que o clube em nada influenciou a sua opção. No entanto, os 12% que referem o contrário, salientaram na fase pós-inquérito, em que tentamos perceber a eventual influência do clube, que tal era sobretudo “devido aos horários de treino estarem de acordo com o meu horário na escola”.

Se por vezes a prática desportiva é vista como uma ‘distração’ para os estudos, quando questionados sobre se reprovaram alguma vez mais de metade dos alunos inquiridos (67%) respondeu negativamente. Aos 33% que já ficaram retidos perguntamos em que ano(s) de escolaridade, verificando-se ser o 10º ano o nível com mais reprovações, seguindo-se (com igual número de alunos) o 9º e 7º ano (gráfico 26). Este resultado coincide com a evidência de ser no 3º ciclo que existe uma maior taxa de reprovação em Portugal<sup>30</sup>. Mas se quisermos encontrar alguma ligação ao desporto, podemos referir que os alunos nesta idade (15/16 anos) representam as equipas de sub-16 e sub-17 do seu clube e modalidade, estando quase a atingir o último escalão de formação. Mas para que tal se verifique o seu esforço em termos de rendimento desportivo tende a aumentar para não serem dispensados... e isto pode causar tensão psicológica e uma desmotivação pelo estudo, que é já uma preocupação secundária para quem quer uma carreira profissional no desporto. Este é um dos contextos que nos leva a afirmar a importância que a figura de um ‘tutor’ poderia ter: uma pessoa que acompanhasse estes alunos na escola e no clube, capaz de os aconselhar e ajudar a conseguir conciliar da melhor forma os estudos e o desporto.

---

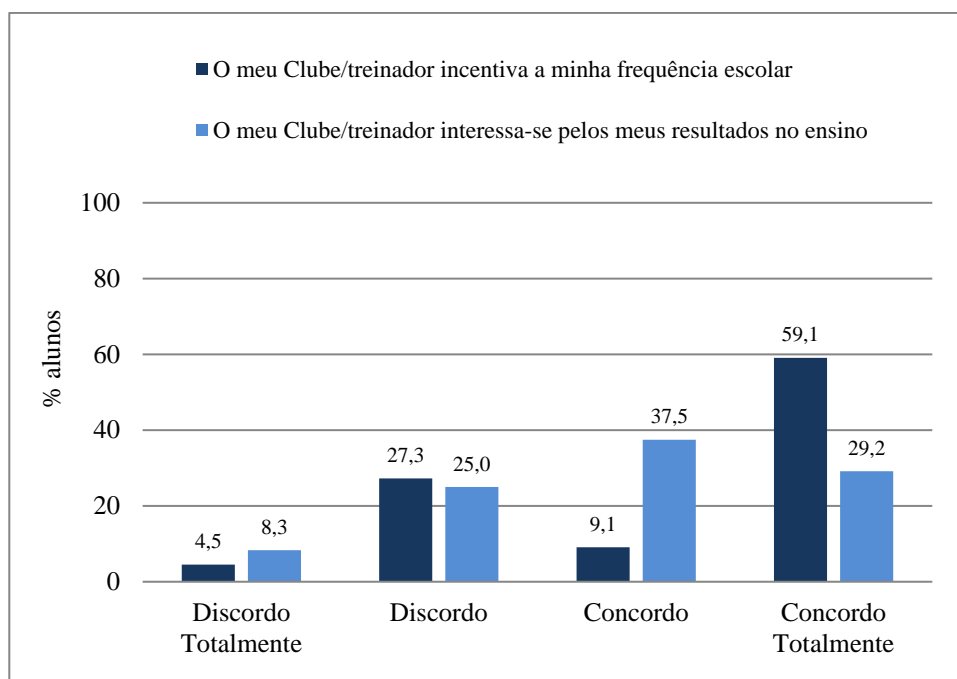
<sup>30</sup>. Informação adaptada da página oficial da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência: <http://www.dgeec.mec.pt/np4/248/>. Acesso a 6 de setembro de 2018.



*Gráfico 26: Em que ano(s) de escolaridade reprovou?*

Mas esta conciliação implica a existência de uma cooperação entre a escola e o clube. Será que os clubes se interessam pelos resultados escolares dos seus atletas e os incentivam a frequentar a mesma? Segundo a maioria dos nossos alunos, os clubes interessam-se pelos seus resultados escolares e incentivam-nos a frequentar a escola (gráfico 27): 59,1% “concorda totalmente” com o facto de o seu clube/treinador incentivar a frequência da escola, e 9,1% “concorda” com a afirmação; os restantes alunos discordam (4,5 “discorda totalmente” e 27,3 “discorda”), verificando-se que são os alunos beneficiários do protocolo da ESAN com o FC P que estão englobados nesta percentagem.

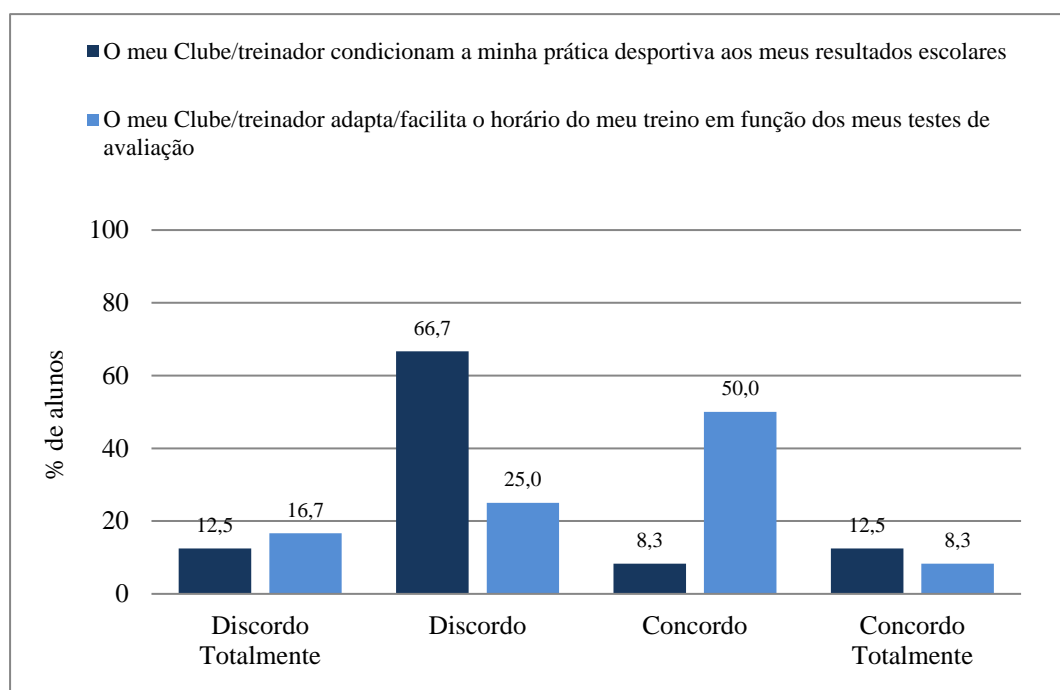
No que diz respeito ao interesse do clube/treinador pelos resultados escolares as respostas obtidas são similares às anteriores, observando-se que 29,2% “concorda totalmente” e 37,5% “concorda” com a afirmação (gráfico 27). De qualquer modo, a percentagem de alunos que não concorda é neste caso um pouco superior e, mais uma vez, são os alunos abrangidos pelo protocolo que assumem esta posição. Tal leva-nos a questionar a existência de uma cooperação coerente e efetiva entre as duas instituições (escola e clube), para que os alunos atletas sejam bem-sucedidos na sua ‘dupla’ formação.



*Gráfico 27: O meu clube/treinador incentiva a minha frequência escolar e o meu clube/treinador interessa-se pelos resultados no ensino*

Mas se a maior parte dos alunos considera que os responsáveis desportivos se interessam pelos seus resultados escolares, será que eles condicionam a sua prática desportiva a uma avaliação positiva? E será apenas a escola que se tem de adaptar aos horários de treino dos seus alunos? Os clubes não podem/devem também ser mais flexíveis nos horários de treino que definem em função dos testes de avaliação dos seus atletas?

Relativamente à primeira questão, o facto de 66,7% dos inquiridos “discordar” e 12,5% “discordar totalmente”, (gráfico 28), sugere que apesar do interesse pelos resultados escolares dos seus atletas, os ‘maus resultados’ não têm consequência alguma. Por outro lado, podemos ver que os clubes/treinadores são compreensivos no que diz respeito às datas dos testes de avaliação, uma vez que quase 60% dos nossos alunos “concorda” ou “concorda totalmente” quando se afirma que os seus clubes/treinadores adaptam/facilitam o horário dos treinos em função dos testes de avaliação. Mas note-se que uma percentagem significativa “discorda” (25% dos alunos) ou “discorda totalmente” (16,7%).



**Gráfico 28:** *O meu Clube/treinador condicionam a minha prática desportiva aos meus resultados escolares e o meu Clube/treinador adapta/facilita o horário do meu treino em função dos meus testes de avaliação.*

Para os alunos uma coisa parece ser clara: o facto de serem atletas federados e praticarem a sua modalidade de forma intensiva não prejudica o seu aproveitamento escolar, verificando-se que quase 80% “discorda totalmente” ou “discorda” da afirmação de que seria melhor aluno se não praticasse desporto de forma tão intensiva. Da mesma forma, os alunos também são da opinião que os estudos não os prejudicam na relação com desporto. E neste caso, a percentagem que “discorda totalmente” ou “discorda” quando confrontados com a problemática “seria melhor atleta se não estudasse”, abrange 95,8% dos estudantes atletas (gráfico 29).

Este resultado é comparável ao que tem sido obtido em estudos que colocam estas duas hipóteses aos alunos. Por exemplo, no trabalho de Zenha, Resende e Gomes (2009, p.8) os autores verificaram que *[m]ais de metade dos participantes consideraram que não seriam melhores atletas se não estudassem e praticamente metade da amostra também referiu que não seria melhor aluno se não competisse ao mais alto nível*. No entanto, outros autores obtiveram um resultado oposto. Na sua dissertação de mestrado,

Santos (2015, p.XV) observou que (...) *os inquiridos consideram que seriam melhores atletas se não estudassem e vice-versa.*

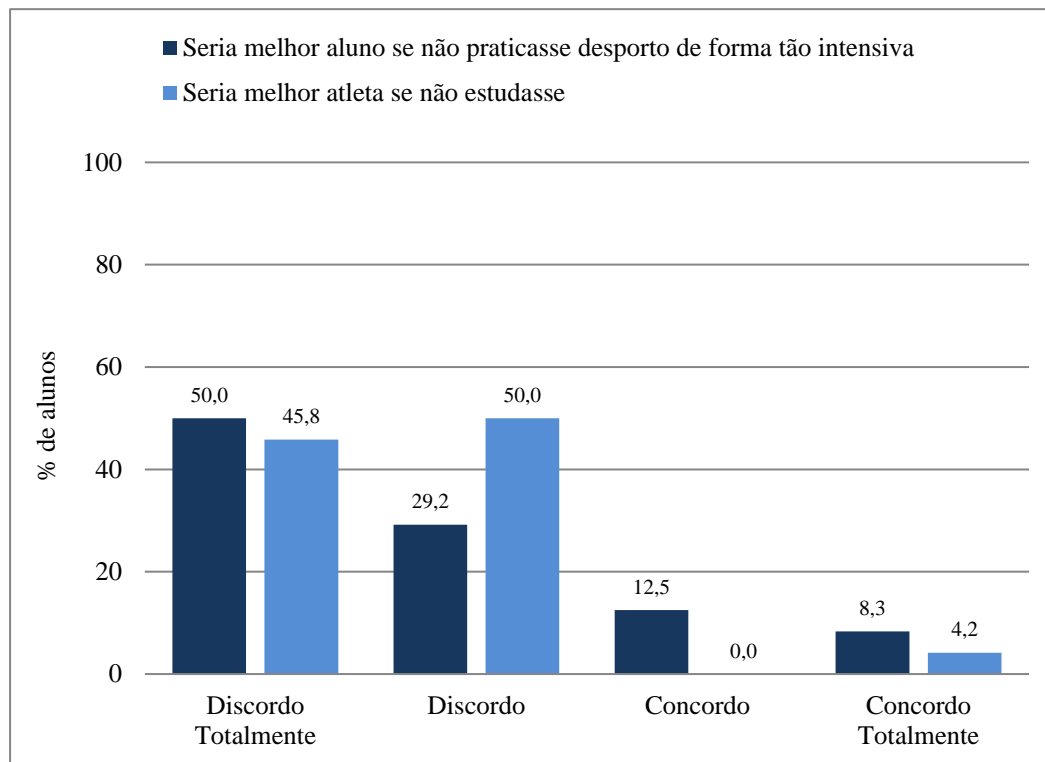


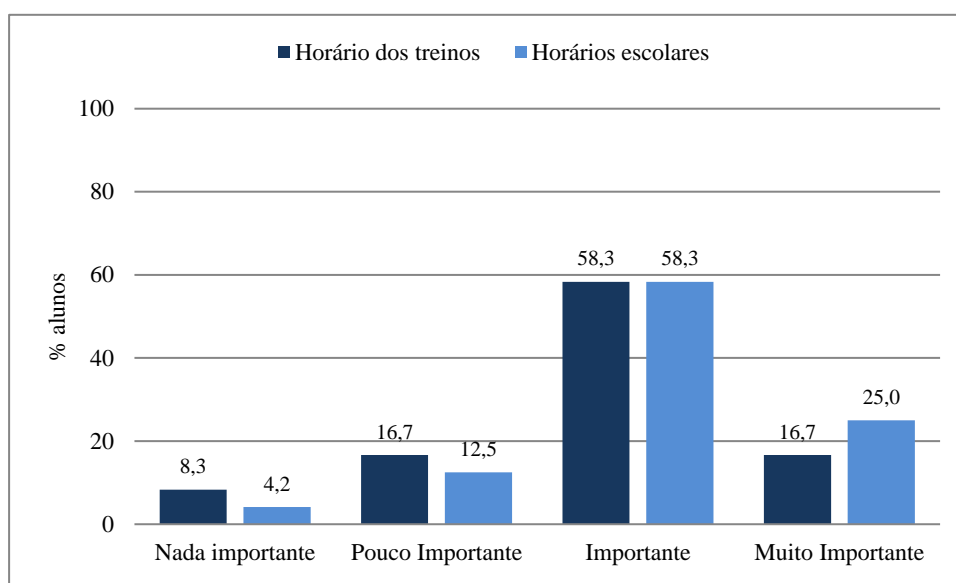
Gráfico 29: *Seria melhor aluno se não praticasse desporto de forma tão intensiva e seria melhor atleta se não estudasse*

### 3.2.2. Dificuldades na articulação escola-desporto

São os alunos, beneficiários ou não de flexibilidades obtidas através de protocolos entre clubes e escolas, que melhor identificam as dificuldades que sentem para tentarem alcançar “o melhor dos dois mundos”. Será que é dada voz aos alunos, nas instituições escolares e desportivas que os acolhem, sobre como decorre (e poderá decorrer) o processo de articulação entre escolas e clubes de forma a não serem prejudicados em qualquer dos casos? Que fatores consideram mais problemáticos na compatibilização ensino/desporto? Foi o que tentamos fazer na segunda parte do nosso

questionário: tentar perceber as dificuldades diárias de alunos que têm de responder positivamente às exigências de uma ‘dupla carreira’.

Começamos logo pelo tema mais problemático na ESAN: os horários de treinos e os escolares. Efetivamente os alunos atletas consideram que os horários são uma das grandes dificuldades que enfrentam (gráfico 30), classificando-os como “importantes” (58,3%) e muito importantes, embora neste caso os horários escolares se destaquem (25%). Este resultado confirma que mesmo que os horários sejam adaptados (não existindo qualquer tipo de incompatibilidade entre o ‘tempo’ da escola e do treino), os alunos identificam-nos como um dos principais problemas...talvez porque, no caso da ESAN, a extensão das aulas até mais tarde os obriga a realizar algumas tarefas extra ou trabalhos de casa numa altura em que já deviam estar a descansar. E esta questão é sublinhada em vários estudos, bem como constitui um dos principais motivos que têm inspirado vários projetos de articulação.



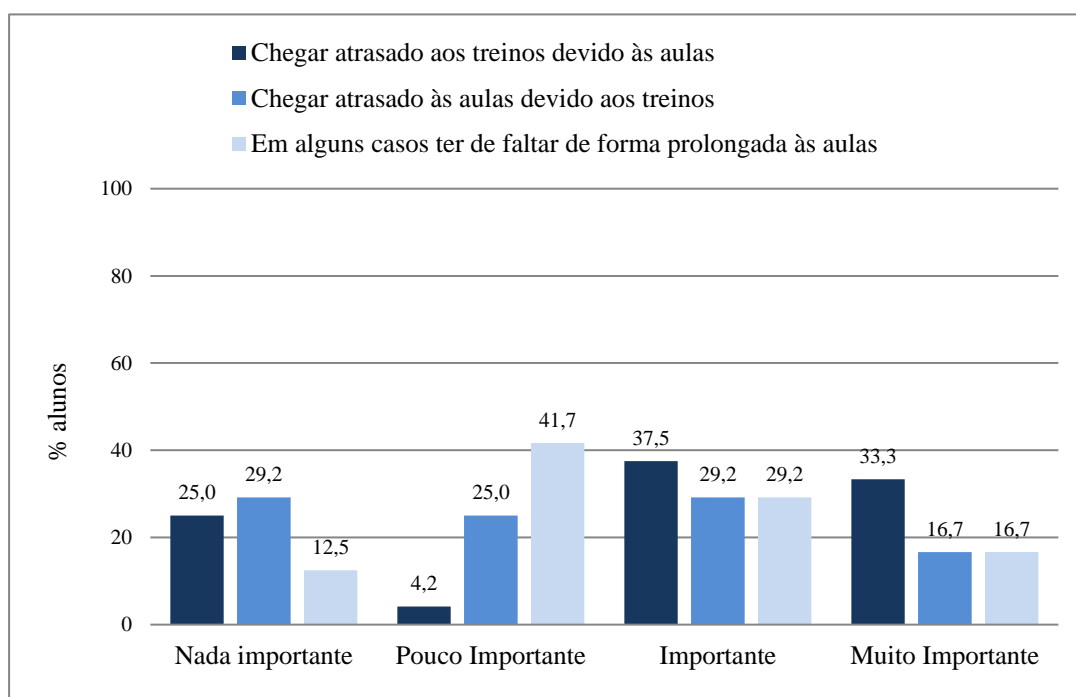
*Gráfico 30: Horário dos treinos e horários escolares.*

Das dificuldades sentidas ao nível da compatibilização de horários, podem resultar atrasos na chegada aos treinos e aulas, ou mesmo faltas esporádicas ou previstas e mais prolongadas em momentos de competições desportivas.

A problemática “chegar atrasado aos treinos devido às aulas”, foi classificada pelos alunos como “importante” (37,5%) e “muito importante” (33,3%), embora 25% a

tenha considerado “nada importante”. Estes resultados talvez possam ser explicados pelo facto da maior parte dos alunos inquiridos não ter flexibilidade de horários, pelo que se os treinos são no final das aulas, pode acontecer chegarem atrasados às atividades, dependendo, por exemplo, da distância do clube e do transporte que utilizam.

Quanto a “chegar atrasado às aulas devido aos treinos”, os resultados são um pouco diferentes e inconclusivos, uma vez que as respostas se distribuem de forma relativamente similar pelas 4 opções. No entanto, cerca de 55% dos estudantes optam pelo “nada ou pouco importante”, pois os seus treinos têm lugar após as aulas. No grupo que classifica esta problemática como “importante” e muito importante (cerca de 45%) estão englobados os alunos contemplados pelo protocolo ESAN/FCP: como os treinos são de manhã, existe a possibilidade de chegarem atrasados ao primeiro tempo da tarde, o que efetivamente acontecia principalmente no caso dos alunos do 12º ano.



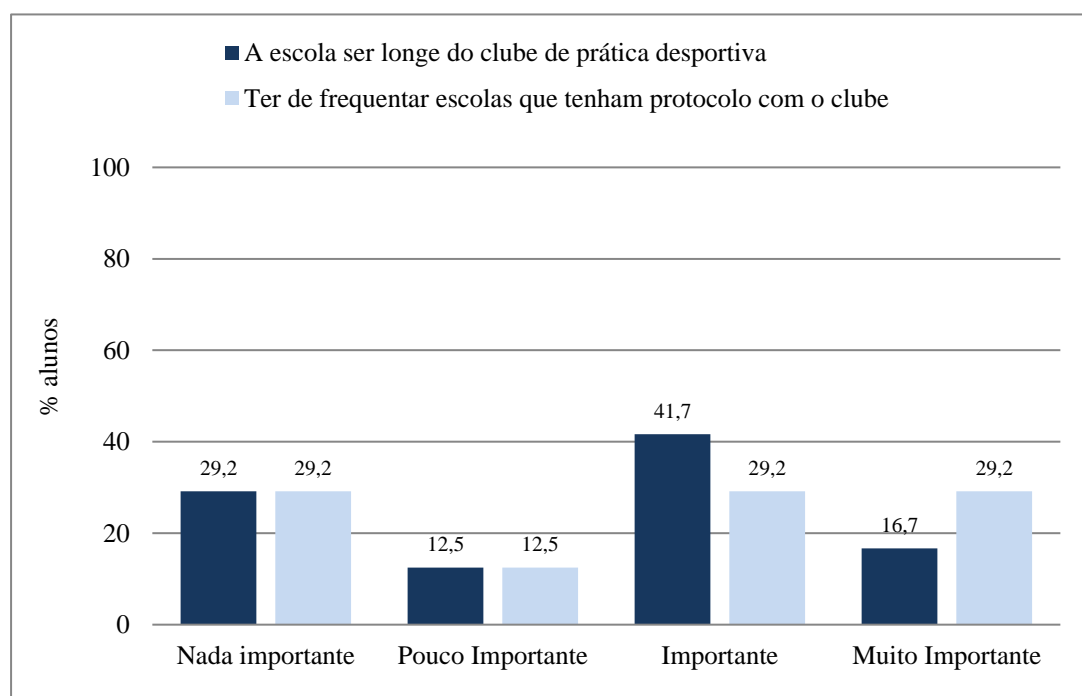
*Gráfico 31: Chegar atrasado aos treinos devido às aulas, chegar atrasado às aulas devido aos treinos e em alguns casos ter de faltar de forma prolongada às aulas.*

Outro dos problemas que pode dificultar esta articulação é a distância entre a escola/residência e o local dos treinos (gráfico 32), pois pode implicar uma perda de



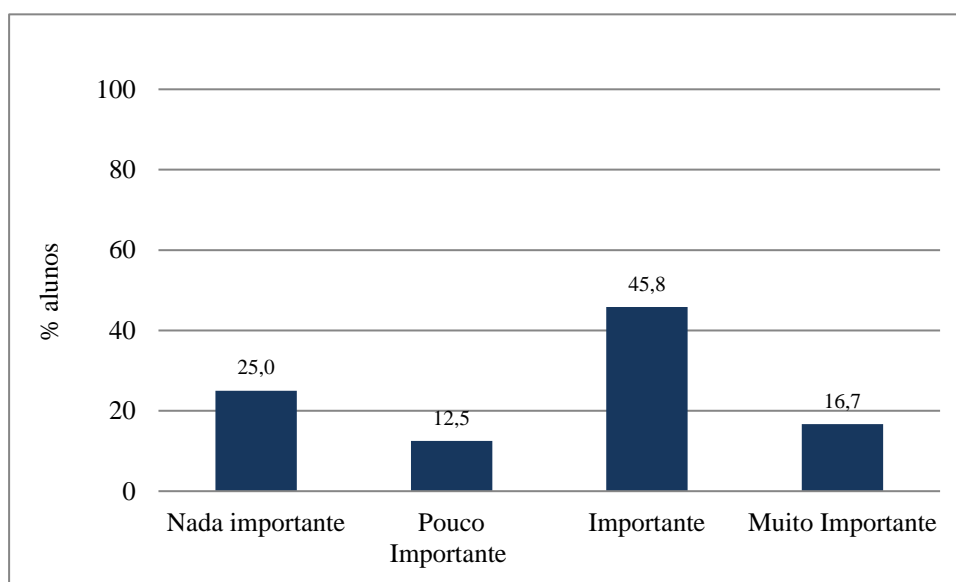
tempo adicional e maior desgaste físico e psicológico. Este é mesmo um problema para os nossos alunos, considerado que quase 60% o vê como “importante e muito importante”. E recorde-se que alguns estudantes frequentam clubes situados, por exemplo (cf. gráfico 23), em Alfena (Valongo), Águas Santas (Maia), Vila do Conde e até Vizela (distrito de Braga). Os restantes treinam em clubes relativamente perto da ESAN e, no caso dos alunos do FCP, o clube disponibiliza um autocarro que transporta os estudantes da Casa do Dragão (casa localizada em Paranhos, que acolhe alguns jovens atletas que vivem longe da cidade do Porto) e o Centro de Treinos e Formação Desportiva Porto/Gaia.

Relativamente a frequentar escolas que tenham protocolo com o clube, 58% dos alunos consideram esta problemática “importante” e “muito importante”, principalmente os que moram mais longe ou cujos locais de treino são mais longe, pois o protocolo prevê a adaptação de horários/turmas.



*Gráfico 32: A escola ser longe do clube de prática desportiva e ter de frequentar escolas que tenham protocolo com o clube*

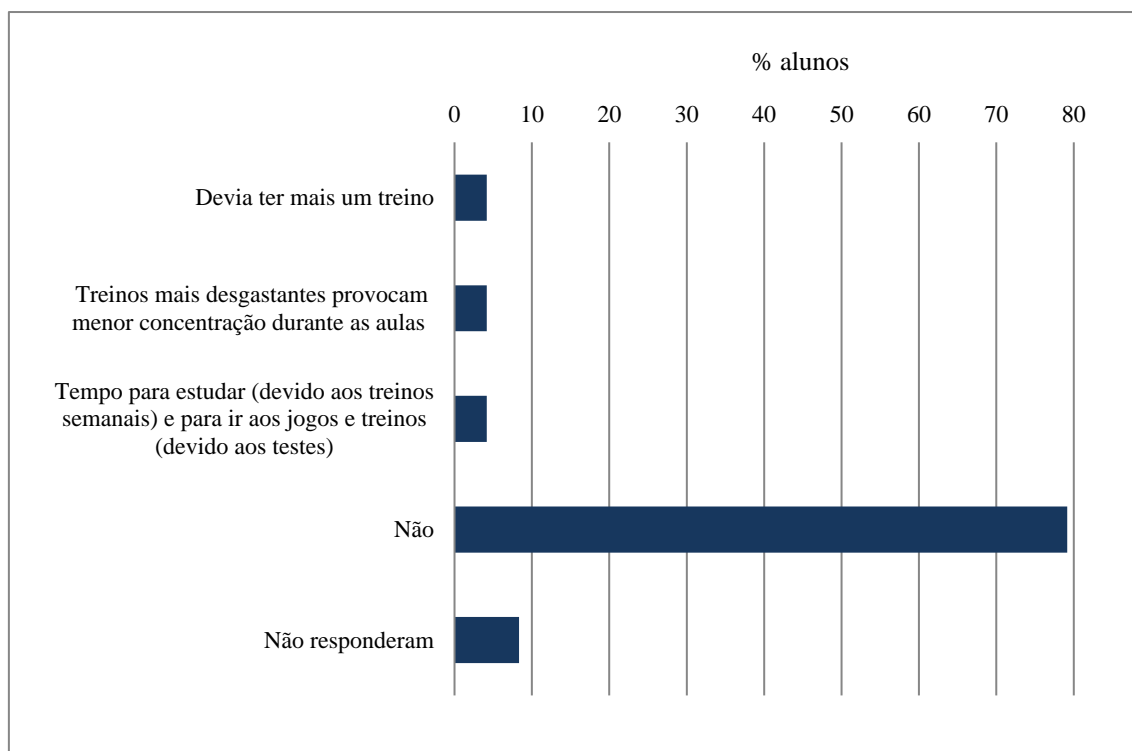
A falta de tempo e motivação para estudar, foi a última das problemáticas por nós elencadas no questionário para que os estudantes avaliassem o seu grau de importância na articulação entre a prática desportiva e o ensino. O desporto, principalmente no caso de alguns dos nossos atletas, é uma atividade que pode provocar algum desgaste físico e psicológico, passível de os desmotivar para o estudo. Por exemplo, aqueles que treinam após as aulas da tarde – que terminam às 17.55h - enfrentam cerca de duas horas de treino...quando chegam a casa o tempo que resta é para jantar e descansar...assumindo as tarefas da escola um plano secundário. Assim, não é de espantar que 62,5% dos alunos considerem esta questão “importante e muito importante” (gráfico 33).



**Gráfico 33:** *Falta de tempo/motivação para estudar.*

Quando incentivados a expressar pelas suas próprias palavras outros obstáculos entre o ensino e o desporto - para além dos anteriores - os alunos não foram muito assertivos: 79,2% refere não identificar mais nenhum obstáculo e 8,3% não respondeu mesmo à questão (gráfico 34). Muito poucos foram os que fizeram alguma observação, considerando, por exemplo, que “o tempo de treino por semana não é suficiente”, ou que “treinos mais desgastantes provocam menor concentração durante as aulas”. Este último obstáculo foi identificado apenas por alunos abrangidos pelo protocolo, que treinam pela manhã, justificando ser mais difícil manter a concentração durante as aulas

da tarde devido aos treinos serem exigentes e as aulas se estenderam até ao último tempo. Então, podemos questionar o porquê de os treinos serem de manhã...será que os clubes não podem ter também alguma flexibilidade? A última observação, é a falta de “tempo para estudar”, devido aos treinos semanais e competições, mas também para ir aos jogos e treinos... “devido aos testes”.



**Gráfico 34:** Para além das anteriores, sentes mais algum(ns) obstáculo(s) na articulação entre o ensino e desporto?

Se a flexibilidade é um aspeto-chave para os alunos atletas, é importante saber a sua opinião sobre eventuais desvantagens, para os alunos “regulares”, em integrarem uma turma ‘condicionada’ por alguns benefícios atribuídos aos desportistas (figura 29). Neste contexto, 70,8% dos alunos considera não existirem desvantagens e os poucos que admitiram consequências referiram aspetos como “ter aulas desde as 08.25h da manhã até às 17.55h” ou “terem de vir à escola de manhã apenas por duas aulas, voltando depois a casa para regressarem à tarde”. A “condição física e avaliação nas aulas de educação física” é a única desvantagem focada que não se relaciona com aspetos práticos da flexibilidade.

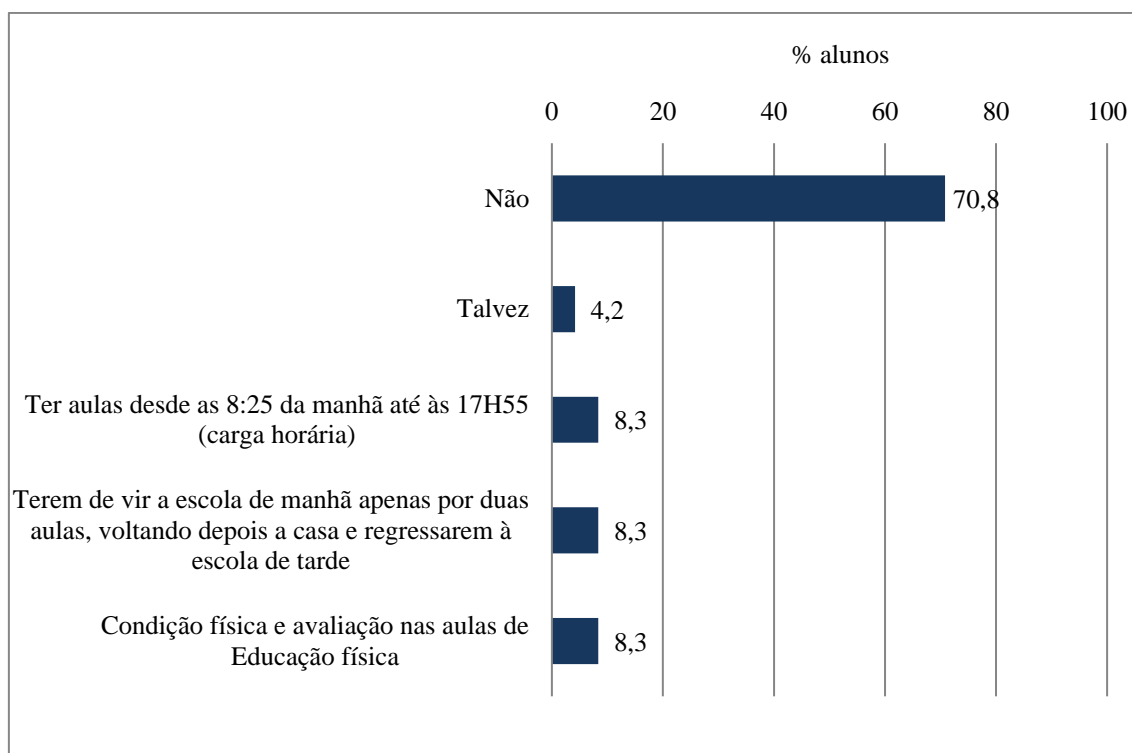
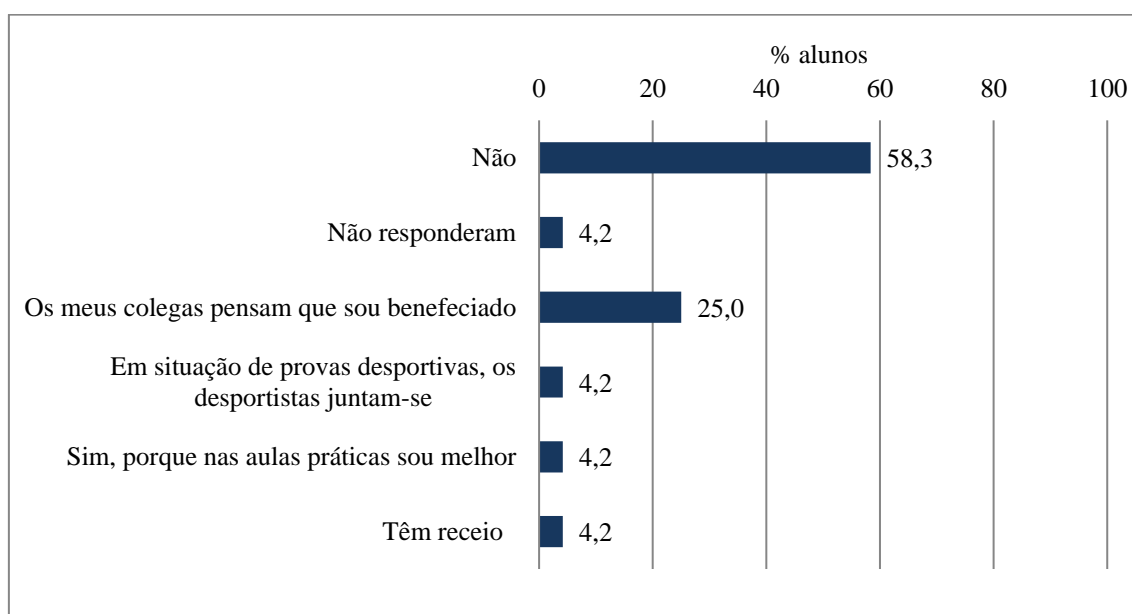


Gráfico 35: O facto de frequentares uma turma com alunos que não praticam uma atividade desportiva com intensidade similar à tua pode trazer-lhes algumas desvantagens? Quais?

A inclusão dos alunos atletas em turmas regulares, obedece a princípios, visão e valores agora expressos no ‘Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória’ (DGE, 2017), designadamente, a valorização do (...) *respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático* (op.cit., p15). Assim, é importante que os alunos atletas se sintam integrados na escola e na sua turma (como passo essencial para a sua inserção a uma escala mais vasta), evitando ‘fechar-se’ num grupo de jovens com objetivos e formas de pensar muito idênticas.

Questionados sobre aspetos ligados ao seu relacionamento com os alunos “regulares”, verificamos que os estudantes atletas, na sua maioria (58,3%), não sentem qualquer alteração de comportamento por parte dos colegas (gráfico 36). No entanto 25% refere que “os meus colegas pensam que sou beneficiado”, o que vai ao encontro da opinião dos alunos “regulares” analisada no ponto anterior (cf. figura 12). Outros aspetos apontados, relacionam-se com as prestações escolares, salientando alguns dos

alunos atletas que “em situações de provas desportivas, os desportistas juntam-se”, ou referindo alterações de comportamento dos colegas regulares “porque nas aulas práticas (de educação física) sou melhor”, o que pode prejudicar as notas dos alunos não desportistas. Por último, é focada a questão de os colegas “terem receio”, aludindo à eventual barreira social gerada pelo facto de alguns alunos poderem sentir-se intimidados perante colegas que representam o nosso país e os clubes portugueses em provas de reconhecido mérito nacional e internacional.

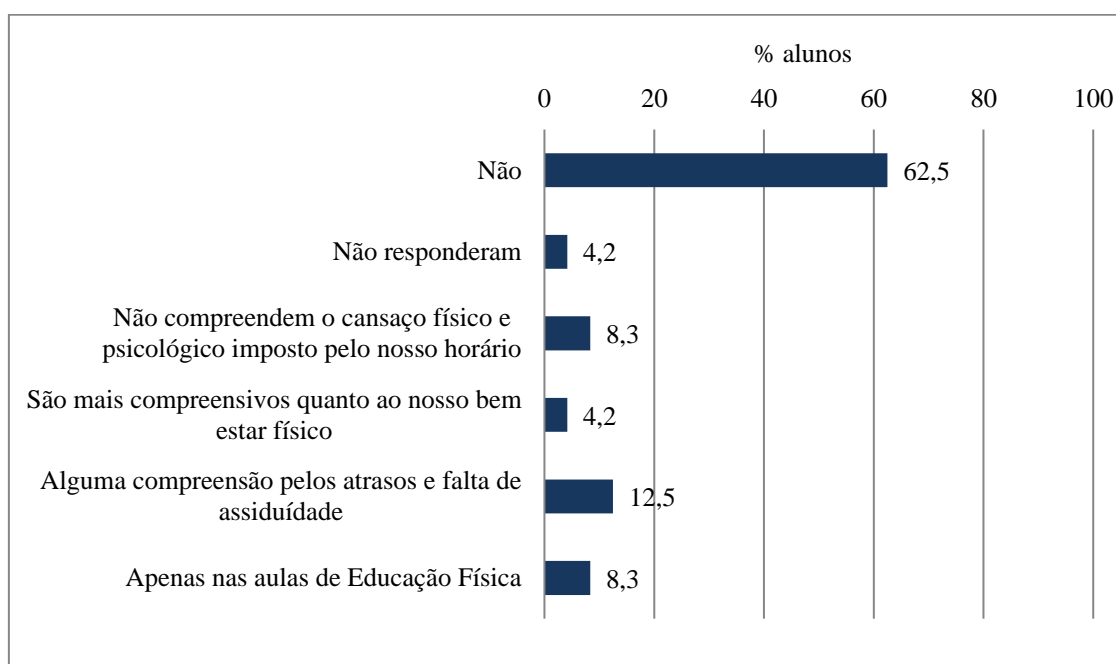


*Gráfico 36: Sentes alguma alteração de comportamento por parte dos teus colegas pelo facto de seres praticante desportivo? Se sim, explicita.*

Colocando a mesma questão, mas relativamente ao comportamento dos professores (gráfico 37), verificamos que também neste caso a maior parte dos inquiridos (62,5%) respondeu não sentir alterações na relação professor-aluno por serem desportistas. No entanto, há opiniões diferentes. Por exemplo 12,5% dos alunos alegam que os professores mostram “alguma compreensão pelos atrasos e falta de assiduidade” ..., mas a verdade é que os professores sabem que alguns alunos têm direito a esses benefícios. Em sentido contrário, 8,3% dos alunos consideram que os professores “não compreendem o cansaço físico e psicológico imposto pelo nosso horário”, opinião expressa por alunos que fazem parte do protocolo entre a ESAN e o FCP, o que nos leva

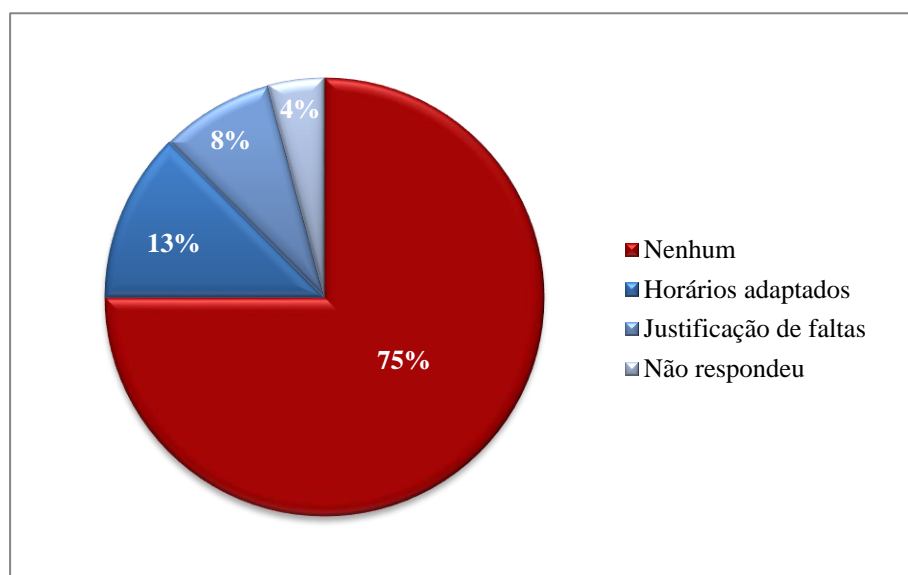
a pensar que eles próprios não consideram o seu horário/turma uma vantagem. Finalmente, 8,3% refere sentir que os professores os tratam de forma diferente “apenas nas aulas de Educação Física” e 4,2% considera que os professores “são mais compreensivos quanto ao nosso bem-estar físico”.

Sabendo que a maioria dos alunos atletas não está abrangido pelo protocolo entre a ESAN e o FCP, consideramos relevante questionar os alunos sobre se tinham algum apoio no sentido de conciliar a prática desportiva e a formação e sucesso académico. Mas a verdade, é que apenas os alunos do FCP (37%) respondem afirmativamente. Os restantes 63% referem não ter qualquer tipo de apoio ‘institucional’, embora seja interessante constatar que alguns alunos salientam o apoio dos familiares como indispensável.



*Gráfico 37: Sentes alguma alteração de comportamento por parte dos teus professores pelo facto de seres praticante desportivo? Se sim, explicita.*

Dos benefícios apresentados anteriormente, quisemos saber se os alunos identificavam os benefícios desenvolvidos pela escola (gráfico 38). Curiosamente, 75% dos alunos afirma não existir qualquer benefício, (podendo este resultado estar ligado ao facto de alguns alunos atletas não estarem ligados ao FCP e por isso, não beneficiarem destes benefícios), 13% considera que a escola os tem ajudado nos “horários adaptados”, e 8% valoriza a “justificação de faltas”

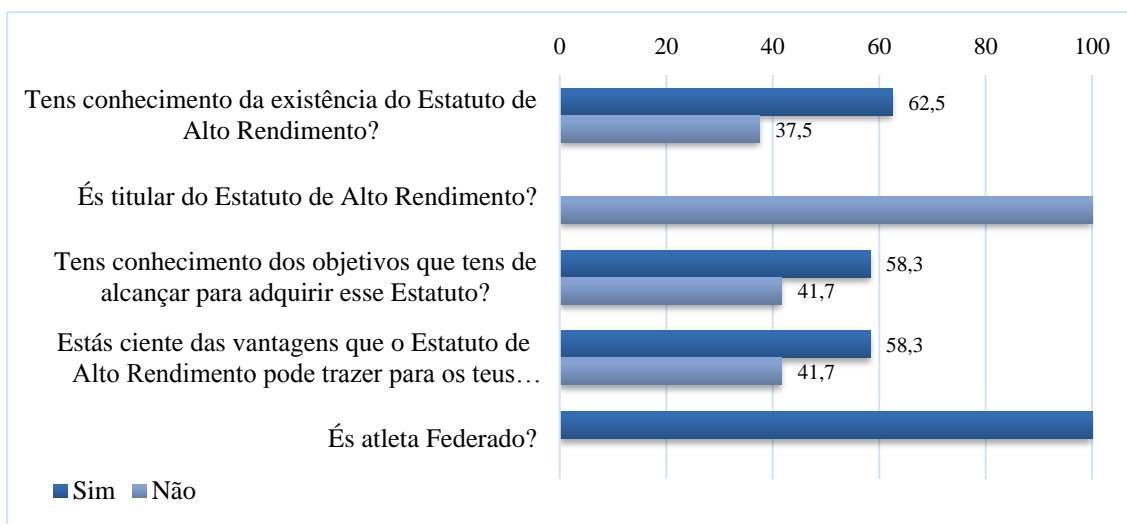


*Gráfico 38: Quais os benefícios desenvolvidos pela escola?*

### **3.2.3. O Estatuto de Alto Rendimento**

Sabendo que apenas o estatuto de AR permite uma mais efetiva inclusão dos alunos desportistas no ensino, assim como a dificuldade em o obter, tentamos perceber se algum dos alunos da ESAN tem e sabe o que é este estatuto, os requisitos necessários para o alcançar e os benefícios que o mesmo proporciona, assim como se é atleta federado.

Se todos os alunos inquiridos são atletas federados, nenhum é detentor do estatuto de AR. Para além disso, 37.5% nem sequer sabe da sua existência e 41,7% desconhece os objetivos que tem de alcançar para o obter. De qualquer modo, 58,3% dos alunos afirma estar ciente das vantagens que este lhe pode trazer (gráfico 39).



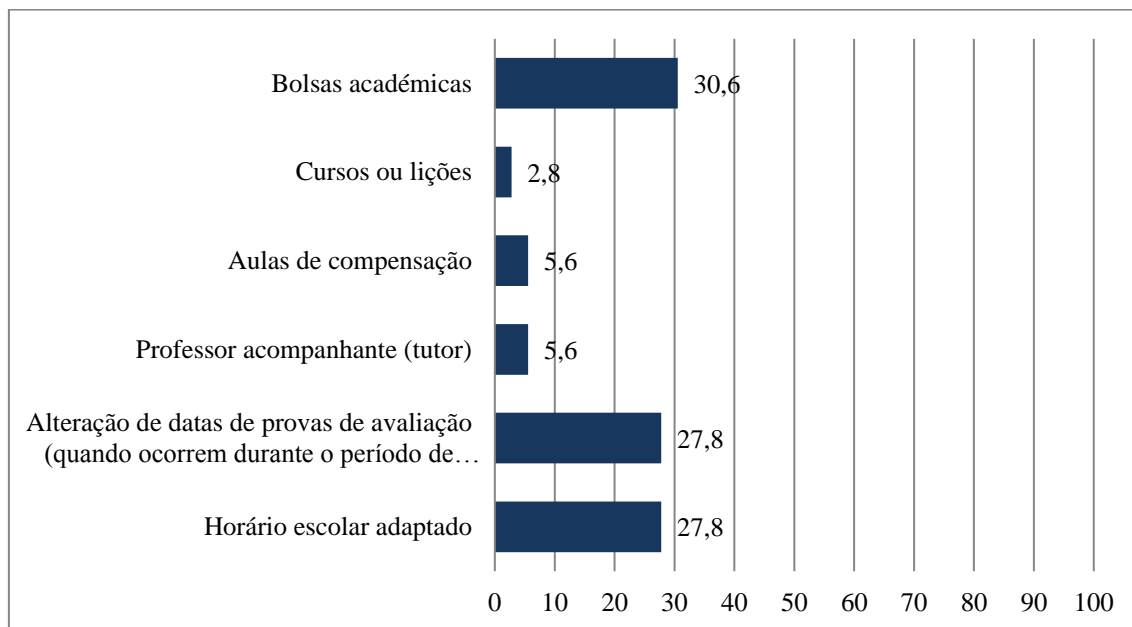
*Gráfico 39: Tens conhecimento da existência do Estatuto de Alto Rendimento? És titular do Estatuto de Alto Rendimento? Tens conhecimento dos objetivos que tens de alcançar para adquirir esse Estatuto? Estás ciente das vantagens que o Estatuto de Alto Rendimento pode trazer para os teus... És atleta federado?*

Seguidamente, solicitamos aos alunos que assinalassem, das vantagens conferidas pelo AR, três que na sua opinião iriam melhorar o seu percurso escolar (gráfico 40). As bolsas académicas alcançaram a maior percentagem de adeptos, reconhecendo os alunos o peso das despesas com a escola e o desporto no orçamento familiar. Na verdade, se todos nós somos confrontados (pelos *mass media*) com os problemas das famílias ao nível das despesas com a educação, quando a estas se juntam as práticas desportivas os custos podem aumentar de forma considerável.

De seguida, com a mesma percentagem (27,8%), os estudantes optam pelo “horário escolar adaptado” e a “alteração de datas de provas de avaliação”, porque a maioria não é beneficiada pelo protocolo ESAN/FCP. Com 5,6% dos votos, estão as “aulas de compensação” e o “professor acompanhante (tutor)”, sendo esta última medida muito importante, na nossa opinião, pois permitiria melhorar a comunicação entre as entidades responsáveis pela educação escolar e desportiva, fundamental para o



sucesso dos alunos. Por último (com 2,8% dos votos) temos os “cursos ou lições”, indiciando que os alunos não apreciam estas possibilidades, provavelmente porque implicariam uma sobrecarga no seu já ‘agitado’ dia-a-dia.



*Gráfico 40: Das seguintes vantagens que o Estatuto de Alto Rendimento oferece assinala as três opções que achas que iriam melhorar o teu percurso escolar.*

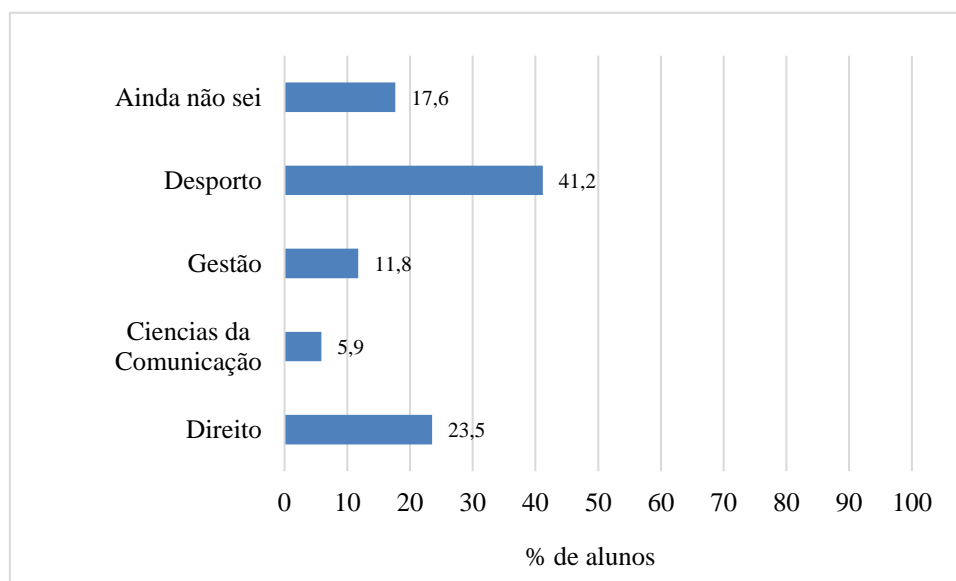
### 3.2.4. Perspetivas de futuro

Os objetivos dos alunos em relação à escola são importantes para perceber certos comportamentos (i.e. desmotivação, abandono escolar). Mas quando estamos a falar de alunos atletas esta questão pode ser ainda mais importante, pois como alguns já estão a praticar a sua profissão de sonho (sendo inclusivamente remunerados e, por vezes, até patrocinados por marcas internacionais), será que vêm na escola algum objetivo de futuro ou será que frequentam o ensino secundário porque são obrigados? Para respondermos a esta questão, questionamos os nossos alunos sobre as suas perspetivas/projetos de vida.

Em primeiro lugar, verificamos que a maioria os alunos pretendem ingressar no ensino superior (67%), pelo que devem completar o secundário. Mas embora esta seja a

via mais fácil de ingresso na universidade existem outras formas (i.e. Provas para maiores de 23 anos). De qualquer modo, 33% dos estudantes atletas não tem este objetivo, pretendendo apenas – pelo menos no imediato - concluir o ensino obrigatório.

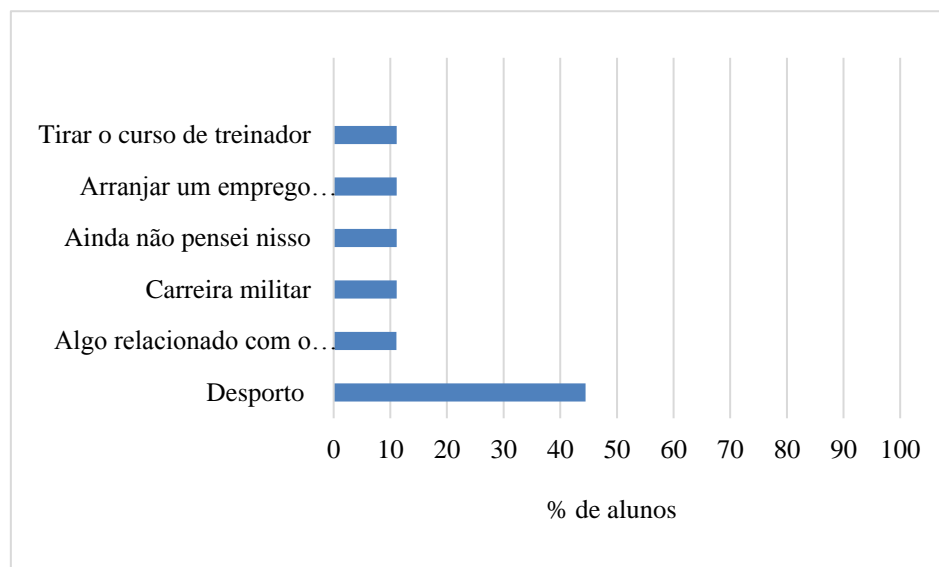
Mas contemplando o objetivo de seguirem para o ensino superior, quisemos saber que cursos pretendiam seguir (gráfico 41). Os resultados obtidos são parcialmente consentâneos com a sua ‘carreira dupla’, verificando-se que 41,2% dos alunos opta pelo Desporto, a que se segue, mas em muito menor percentagem (23,5%), o curso de Direito. De qualquer modo quase 18% refere que ainda não sabe, enquanto a gestão (11,8%) e as Ciências da Comunicação (cerca de 6%) surgem como alternativas viáveis para estes alunos atletas. Os que optam por esta última área referem que o seu desejo é seguir jornalismo desportivo, demonstrando mais uma vez que o desporto permanece no seu projeto futuro, nem que seja como “plano B”.



*Gráfico 41: Que curso pretendes frequentar?*

E os alunos que não pretendem ingressar ensino superior? O que será que pretendem fazer no final da escolaridade obrigatório ou quando fizerem 18 anos (gráfico 42)? Questionados sobre o assunto os alunos não se focaram em apenas uma alternativa, mas na sua maioria (44%) referem pretender continuar a prática de desporto, fazendo da modalidade que praticam neste momento a sua profissão.

Por outro lado, e como acontecia com os alunos que pretendia ingressar na universidade, alguns (em percentagens idênticas) continuam a referir ocupações ligadas ao desporto, como “tirar o curso de treinador”, ou fazer “algo relacionado com o futsal”, enquanto outros referem a carreira militar (talvez pela exigência em termos de preparação física) ou salientam não ter ainda pensado sobre o assunto (gráfico 42).



*Gráfico 42: Se não vais seguir o ensino superior o que pretendes fazer?*

Questionados sobre o que acham mais útil para o seu futuro - o desporto, os estudos ou ambos - observamos que os alunos estão divididos, uma vez que os resultados são muito idênticos (gráfico 43). Apesar disso, a maior parte (37,5%) assinala o desporto, alegando que se forem bem-sucedidos poderão ter uma melhor qualidade de vida devido aos salários elevados e aos patrocínios. Mas 33,3% são da opinião que os estudos lhes podem trazer um futuro mais seguro, uma vez que o desporto é uma profissão que ‘termina cedo’ e está ‘recheada’ de imprevistos - como uma lesão que pode determinar o fim imediato de uma carreira. A opção que considera ambas as ‘atividades’ - escolhida por quase 30% dos inquiridos - revela uma postura ‘inteligente e madura’ (pese a subjetividade desta apreciação) considerando que para os nossos ‘atletas-estudantes’ o desporto pode ser considerado a realização de um sonho e os estudos serão o porto seguro alunos caso o sonho não se concretize ou termine rápido demais.

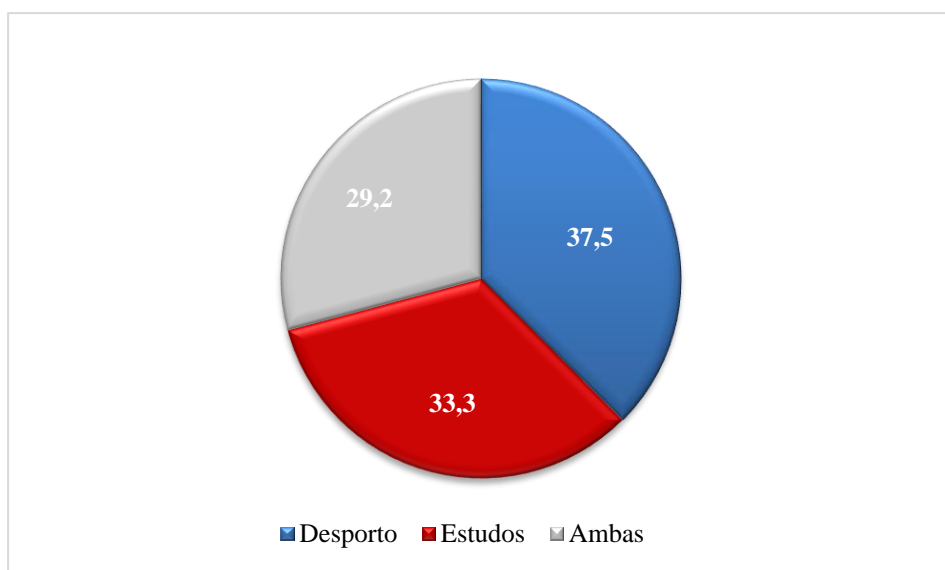


Gráfico 43: O que achas que será mais útil no teu futuro: o Desporto ou os Estudos?

Para concluir, quisemos saber a opinião dos inquiridos que não beneficiam do protocolo ESAN/FCP - mas são atletas de outros clubes desportivos - sobre as vantagens/desvantagens de tal parceria. A resposta foi clara: 85,7% dos alunos pensa que o protocolo existente é vantajoso, considerando que seriam melhor sucedidos na escola se pudessem usufruir das vantagens que proporciona.

## 2.2.5 Opiniões globais: o Estatuto de Alto Rendimento, alterações a concretizar e os protocolos entre as escolas e os clubes

Convidados a dar a sua opinião sobre determinadas propostas de alteração da sua situação atual, obviamente visando compatibilizar desporto e ensino, os alunos mostraram-se interventivos e demonstraram uma forte vontade em ver resolvidos alguns problemas.

Numa primeira fase, os alunos foram questionados sobre o que achariam da criação de uma legislação específica para que pudessem usufruir dos direitos conferidos aos atletas com Estatuto de Alto Rendimento. Na sua maioria, consideraram que esta legislação “seria benéfica” e até justa. Por exemplo, um dos alunos referiu que “apesar de não termos o estatuto, exercemos a mesma atividade daqueles que o têm”. Se lhes fossem atribuídos os benefícios do AR tal “permitia uma maior conciliação dos estudos

com o desporto e um maior sucesso nos estudos e no desporto”, evitando talvez problemas e consequências de estudar “até tarde por ter treinos todos os dias ao final do dia”. Numa segunda fase, os alunos mencionaram as alterações que gostariam de ver concretizadas para que a articulação entre o desporto e o ensino fosse mais fácil, e/ou o que pensavam ser fundamental melhorar ou alterar. As sugestões mais expressas relacionaram-se com a adaptação dos horários e “poder alterar algumas datas dos testes”. Mas algumas propostas foram mais radicais, como modificar a carga horária (e vimos, no enquadramento teórico, que tal acontece em alguns países) e “a atividade física não obrigatória”, pois como já praticam desporto a um nível competitivo, os alunos são da opinião que deveriam ser dispensados das aulas de Educação Física. O acompanhamento e as bolsas académicas não foram igualmente esquecidos.

Por último, os alunos não abrangidos pelo protocolo ESAN/FCP, foram diretamente questionados sobre se não seriam melhor sucedidos se os seus clubes também tivessem um protocolo com a escola. Por estranho que à partida possa parecer 62,5% destes alunos responderam negativamente, justificando com a afirmação de que os “horários flexíveis não são sinónimo de sucesso”. Ou seja, foram um pouco limitados na sua opinião e centraram-se essencialmente num só aspeto. Um aluno referiu mesmo que se não fosse o protocolo “não tinha estes horários horríveis”, salientando um outro que gosta dos treinos no final das aulas, pois é uma forma de “descarregar a energia” e o *stress* do dia de aulas. Por último, os alunos que frequentam clubes situados fora da cidade do Porto afirmam que não valeria a pena um protocolo como o existente, devido à distância. Já os alunos que acham que o protocolo seria benéfico (37,5%), justificam a sua opção pelo facto de poderem ter “treinos todos os dias e os horários serem compensados”, por usufruírem de mais ajuda ou para “expandir o horizonte da vida desportiva”.

### 3.3. Os resultados escolares.

Para concluir o nosso estudo, vamos analisar os resultados finais dos nossos alunos na disciplina de Geografia<sup>31</sup>, comparando os resultados dos alunos atletas e “regulares” de ambas as turmas dos dois diferentes anos de escolaridade.

Comparando os resultados das avaliações finais das turmas LH10.1 e LH10.2 do 10º ano de escolaridade (gráfico 44), tendo em conta que a primeira integra os alunos que beneficiam do protocolo ESAN/FCP, podemos verificar que o número de negativas é o mesmo, assim como é igual o número de alunos com classificação entre 10 e 15 valores, embora na turma LH10.1 predominem os valores intermédios (12 e 13 valores). Ao nível dos resultados superiores, a nota mais elevada (18 valores) foi obtida por um aluno do LH10.1. Em termos gerais, podemos considerar que, na disciplina de geografia, as duas turmas tiveram notas muito equivalentes, não se verificando, assim, muita interferência do protocolo neste aspeto.

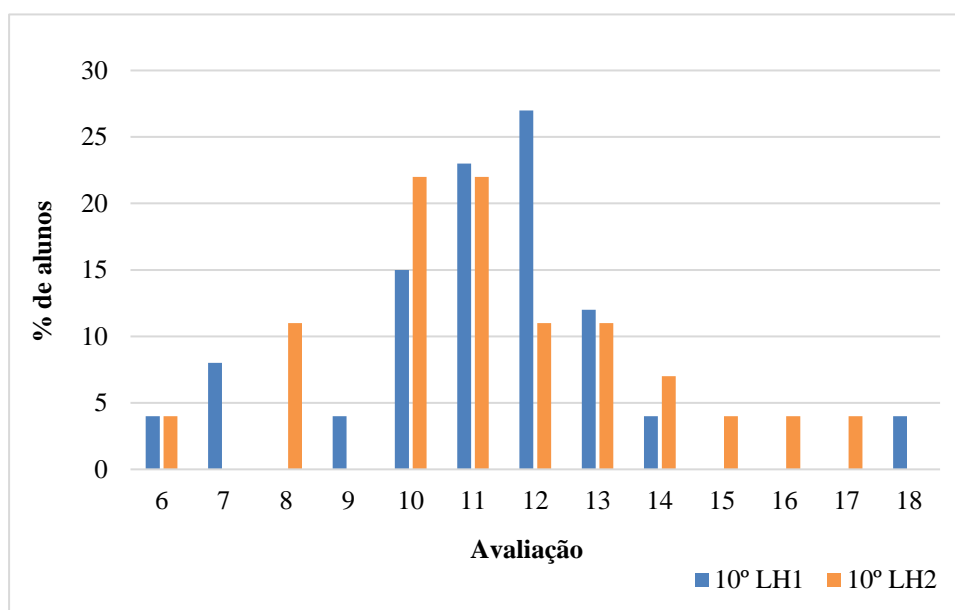


Gráfico 44: Avaliação final dos alunos das turmas LH1 e LH2 do 10º ano em Geografia.

<sup>31</sup>. Embora de início tivéssemos previsto incluir nesta análise os resultados no conjunto das disciplinas, o que permitiria definir uma classificação média global, questões logísticas impediram esta concretização, por esse motivo analisamos apenas a disciplina de Geografia, disciplina que lecionamos e à qual tivemos acesso logo que terminou o estágio, o que não aconteceu com as restantes.

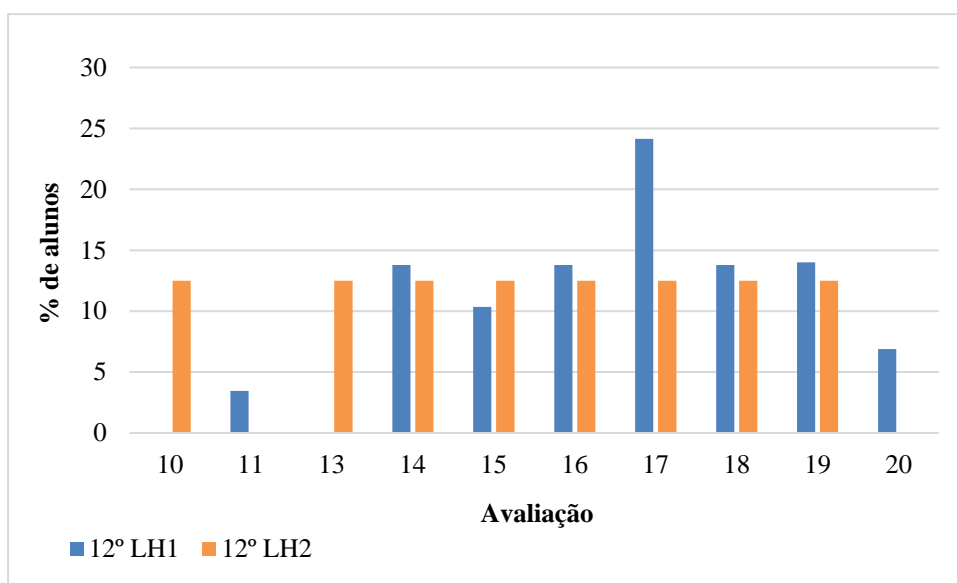
Relativamente à avaliação final de Geografia C nas turmas de 12º ano (gráfico 45), comparar torna-se um pouco complicado, pelo facto da LH12.1 ser constituída por 29 alunos e ter apenas um atleta, enquanto a LH12.2 - destinada aos alunos com protocolo - é constituída apenas por 8 alunos.

Não existindo nenhuma negativa em qualquer das turmas, na LH12.2 existe uma distribuição relativamente uniforme dos alunos com classificação entre 10 e 15 valores a nota mais baixa fixa-se nos 11 valores e no LH12.2 nos 10 valores.

Vamos iniciar a nossa análise dos resultados pelos valores entre os 10 e os 15. Assim sendo, podemos observar que na turma LH12.1 temos 27% alunos com notas compreendidas entre estes valores, ou seja, mais de metade dos alunos tem avaliação superior a 15 valores; já na turma do LH12.2, metade dos alunos (50%) tem média inferior a 15 valores.

Nos últimos níveis de avaliação os números são de mais difícil análise, uma vez que no LH12.1 a maioria dos alunos conseguiram alcançar estes valores (77% dos alunos); já na turma LH12.2 “apenas” 50% conseguiu avaliação superior a 15 valores. Na turma LH12.1 é de destacar os 7% dos alunos que conseguiram alcançar os 20 valores (valor que no LH12.2 nenhum aluno alcançou); dos restantes níveis de avaliação destacam-se os 17 valores, atribuídos a 24% dos alunos. Na turma LH12.2 os alunos distribuíram-se pelos níveis de avaliação, uma vez que 12.5% dos alunos teve 16, 17, 18 e 19 valores.

A nível de avaliação final por turma na disciplina de geografia, podemos concluir que a turma que não integra alunos que pertencem ao protocolo teve uma média superior (cerca de 17 valores), é também de realçar o facto desta turma ter apenas um atleta federado (gráfico 45).



*Gráfico 45: Avaliação final dos alunos das turmas LH1 e LH2 do 12º ano em Geografia*

Depois de concluirmos que nas turmas de 12º ano é possível ver uma diferença nas notas, tendo a turma que integra alunos que beneficiam do protocolo uma média mais baixa. E depois de verificarmos que no 10º ano isso não acontecia, é importante analisar se existe alguma diferença de média entre os alunos atletas e os alunos não atletas, bem como analisar as mesmas categorias entre turmas, para observar se os alunos que estão em turmas com alunos beneficiários do protocolo estão a ter alguma consequência derivada do mesmo.

Analisando o gráfico 46, podemos observar que na turma LH10.1 uma das diferenças entre alunos atletas e não atletas é que existem mais alunos com negativas na categoria “não atletas” do que na dos alunos atletas, o que pode ser desde já um fator que denuncia algumas dificuldades que os alunos podem estar a sentir com o horário e as consequências que o mesmo pode trazer para os seus estudos. Outro fator de realce é que apenas alunos atletas conseguiram avaliações superiores a 13 valores (um aluno com 14 valores e outro aluno com 18 valores), é ainda importante referir que os alunos que fazem parte do protocolo tiveram notas intercaladas entre os 12 e os 18 valores e os restantes alunos atletas tiveram todas avaliações inferiores a 12 valores, o que vem reforçar a ideia anterior. A nível de médias a situação também é preocupante, uma vez que os alunos não atletas tem média inferior de quase dois valores (10,7 valores contra



os 12,2 dos alunos atletas). As quatro horas de tempo livre durante a transição horário da manhã e da tarde poderá estar a provocar nos alunos problemas de concentração nas aulas da tarde (horário em que têm um maior número de aulas), problema este que pode ser a melhor explicação para esta diferença de médias.

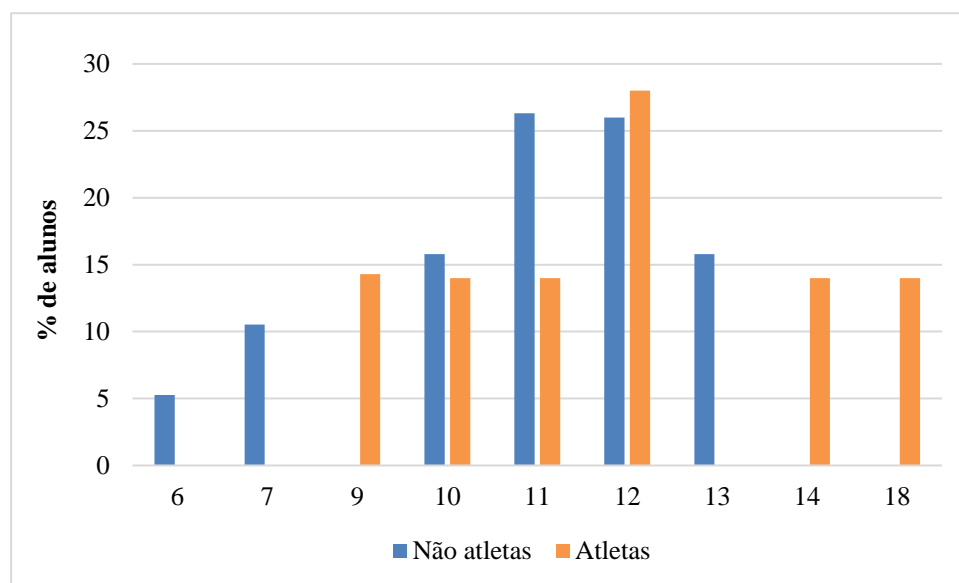


Gráfico 46: Notas dos alunos Atletas e Não Atletas da turma LH1 do 10º ano.

Será que esta tendência também se observa na turma LH10.2 do 10º ano? Turma essa que apesar de incluir alunos atletas, não inclui nenhum aluno que integre o protocolo, o que faz com que a turma não tenha nenhuma flexibilidade a nível de horários.

Observando as notas dos alunos da turma LH10.2 (gráfico 47), é possível verificar que os valores já são mais equilibrados. O número de alunos com avaliações negativas é igual em ambas as categorias (2 alunos atletas e 2 alunos não atletas), sendo os alunos atletas que obtiveram a avaliação mais baixa e mais elevada. Note-se ainda que se na turma LH10.1 existe uma diferença de quase dois valores de média entre os alunos atletas e não atletas, nesta turma a diferença é de apenas uma décima (11,3 valores para os alunos não atletas e 11,4 valores para os alunos atletas), resultado que nos pode ajudar a tirar várias conclusões. É notável que a avaliação dos alunos não atletas que integram turmas do 10º ano com o protocolo ESAN/FCP estão um pouco abaixo do

esperado, uma vez que a sua média final é muito inferior ao dos atletas, coisa que não acontece na turma em que não se aplicam as medidas do protocolo, pois apesar de os alunos atletas terem também uma avaliação superior, a diferença é de apenas uma décima, sendo que a média de avaliação dos alunos não atletas da turma sem protocolo (LH10.2) é superior à turma LH10.1.

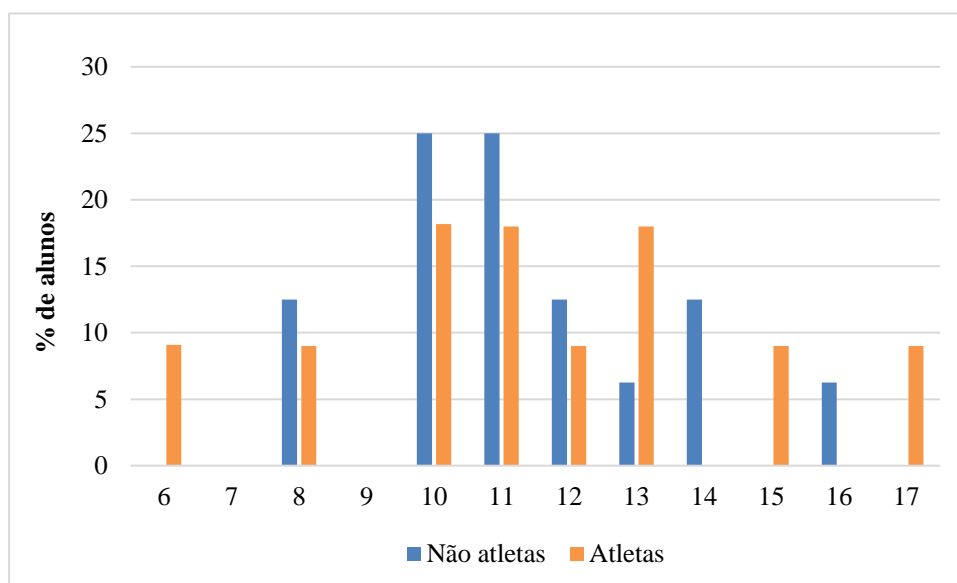
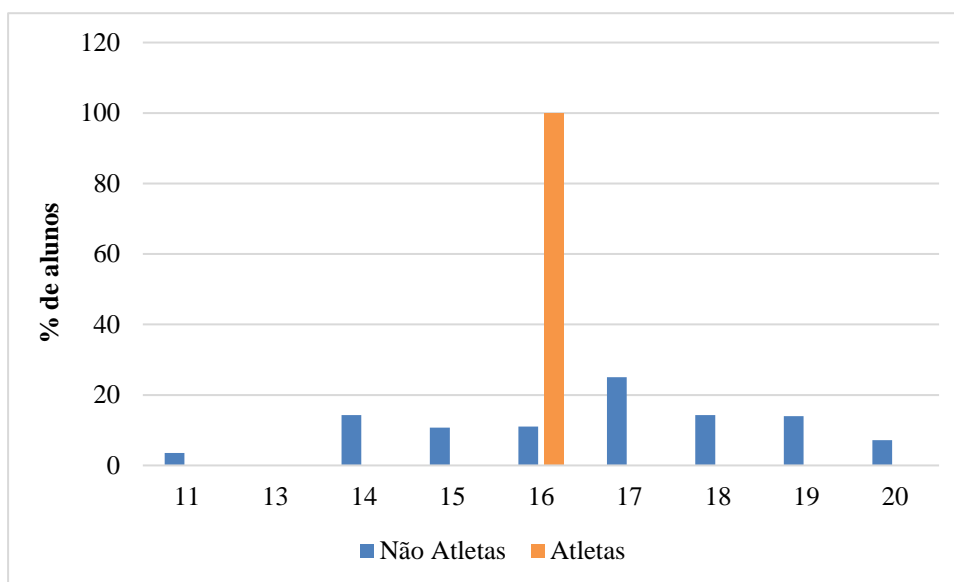


Gráfico 47: Notas dos alunos Atletas e Não Atletas da turma LH10.2.

Será que nas turmas de 12º ano os resultados são os mesmos, ou será que pelo facto de os alunos estarem no seu último ano de formação desportiva deixaram os estudos um pouco de lado para se focarem apenas no desporto? A verdade é que nesta idade os alunos estão a passar por momentos de verdadeira pressão, uma vez que na escola estão a frequentar o último ano no ensino secundário, o último ano antes da entrada no ensino superior, e no desporto estão também no último ano de formação, o que significa que têm de mostrar ao treinador das equipas “B” e principais dos seus clubes que têm talento para subir a essas equipas, tornando-se assim profissionais, o que pode provocar nos alunos concentrarem-se apenas em uma das atividades

Nesta turma de 12º ano não existem muitas irregularidades, uma vez que possui apenas um aluno atleta. A única diferença que pode existir é devida ao protocolo, pois os alunos da turma LH12.2 têm aulas na parte da tarde, enquanto a de LH12.1 fica limitada ao horário da manhã. Analisando o gráfico 48 destacamos a regularidade, uma

vez que nenhum aluno teve negativa, as notas são na sua maioria superiores a 16 valores e a média de alunos atletas e não atletas ronda os 16 valores, valores estes que já não se verificam na turma LH12.2, como vamos poder observar de seguida.

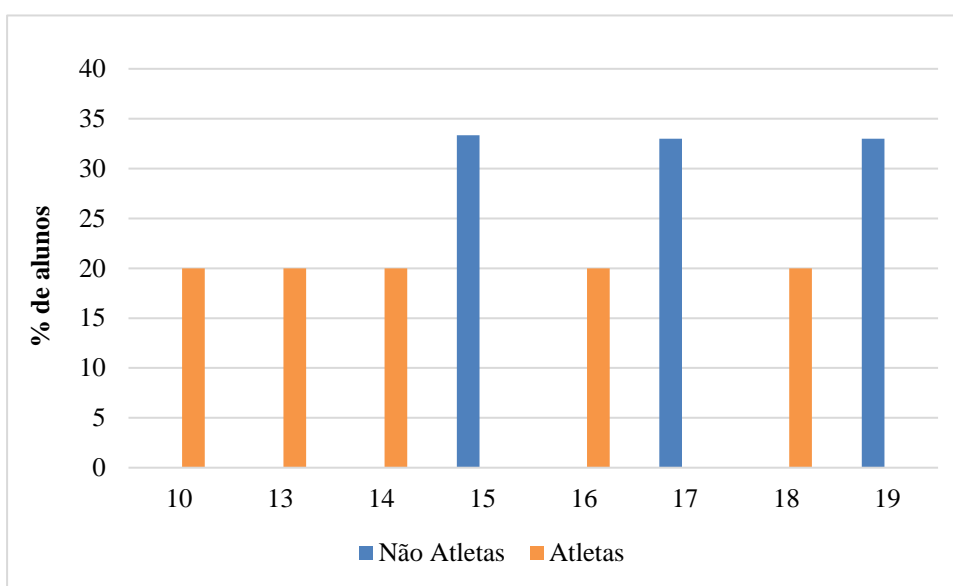


*Gráfico 48: Notas dos alunos Atletas e Não Atletas da turma LH12.1.*

Na turma LH12.2 do 12º ano a realidade é um pouco diferente. Esta turma integra apenas alunos atletas do FCP - 4 alunos dos sub-19 de futebol e 1 aluno da equipa B de basquetebol - que já recebem um salário ao final do mês por estarem no último ano de formação, sendo um deles já profissional e representante da equipa principal de basquetebol do mesmo clube. Devido às competições internacionais e aos estágios da seleção nacional, no final do primeiro período já tínhamos alunos com 14 faltas justificadas à disciplina Geografia. E como não existe formalmente um ‘professor acompanhante’ que os ajude nesta simbiose entre o desporto e os estudos, a conciliação tende a tornar-se mais difícil. Aliás, como já referimos, o facto de os alunos estarem no último ano de formação desportiva, a um passo de se tornarem profissionais pela equipa B do FCP, sentem uma maior pressão no campo do desporto pelo que tendem a centrar a sua atenção e preocupação nesta área.

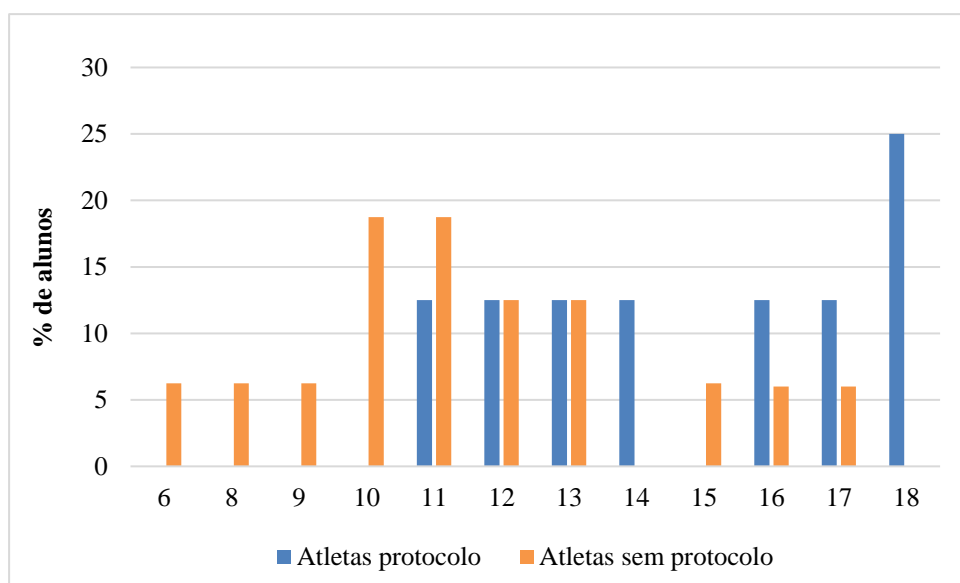
Os resultados apresentados no gráfico 49 são significativos, verificando-se que os alunos atletas têm notas inferiores aos alunos não atletas (a pior avaliação dos alunos

não atletas foi de 15 valores enquanto nos alunos atletas foi de 10 valores), o que se reflete igualmente na média, que corresponde a 17 valores no caso do alunos 'regulares e 14,2 nos atletas. Estes valores têm um significado relativo, que devem ser enquadrados, por exemplo, à luz do maior número de faltas dos desportistas, beneficiando os outros alunos das suas ausências porque os professores lhes podem dedicar mais tempo e atenção.



*Gráfico 49: Notas dos alunos Atletas e Não Atletas da turma LH12.2.*

Questionamo-nos ainda qual será o impacto que o protocolo entre o FCP e a ESAN tem nos alunos atletas, para chegar à resposta, analisamos as avaliações dos alunos que beneficiam do protocolo e dos que pelo contrário, não beneficiam. Analisando o gráfico 50, podemos constatar que existem diferenças significantes, uma vez que os alunos que beneficiam do protocolo tem todos avaliações positivas, ao contrário dos alunos que não beneficiam, uma vez que 18% dos alunos tem avaliação negativa. É ainda de salientar que 50% dos alunos que beneficiam do protocolo têm avaliação superior a 15 valores, pelo contrário, apenas 18% dos alunos que não beneficiam ultrapassam essa marca, aliás, mais de metade dos alunos (64% dos alunos) tem avaliação compreendida entre os 10 e os 15 valores.



*Gráfico 50: Notas dos alunos atletas que beneficiam do protocolo e dos alunos que não beneficiam.*

## Conclusão (ou Considerações finais)

Concluída a apresentação e análise dos resultados obtidos para dar resposta aos nossos objetivos, finalizamos o nosso RIPP com uma síntese do trabalho desenvolvido, destacando os seus aspetos principais.

Recordando a questão de partida da nossa investigação - *Como conciliar as atividades de ensino/aprendizagem com a prática desportiva?* - consideramos que embora os alunos atletas estejam submetidos a uma maior pressão e esforço relativamente aos alunos regulares, é possível concretizar esta conciliação sem pôr em causa as expectativas dos estudantes. No entanto, independentemente da flexibilidade/benefícios que a comunidade escolar e desportiva lhes pode proporcionar, reconhecemos que lhes é pedida uma maior entrega e empenho relativamente aos alunos que não praticam desporto, uma vez que para serem bem-sucedidos nas sua ‘dupla carreira’ têm por vezes de limitar os seus tempos livres (da escola e do desporto) e definir regras que para um jovem nem sempre é fácil de cumprir.

Efetivamente, ao estarem comprometidos com ambas as atividades, mas normalmente mais motivados pela concretização profissional no desporto, há um vasto conjunto de fatores que interferem no seu maior ou menor interesse pela escolarização - e que não se colocam aos estudantes regulares – que coligimos a partir da bibliografia consultada (i.e. Dierson, 2005; Yopyk & Prentice, 2005; Castro, 2012; Conceição, 2015):

- a ‘maturidade do jovem’, no sentido de ter consciência das suas reais capacidades e oportunidades no contexto da modalidade que pratica, muito exigente e competitiva no caso do mercado do futebol;
- ‘consciência da fragilidade da carreira desportiva’, que nunca é a profissão de toda a vida, para além de impor uma preocupação constante com lesões que podem ditar um ‘fim’ precoce;
- a falta de um acompanhamento profissional e emocional que o ajude a definir estratégias para um melhor desempenho escolar e desportivo;

- a insegurança e ansiedade gerada pela procura da aprovação e vínculo a um clube, sempre dependente da sua prestação competitiva;
- a descontinuidade no processo de ensino, em consequência das ausências por vezes prolongadas em fases de treino mais intenso e competições;
- a exigência de gerir a sua imagem na escola, clube, junto dos familiares amigos, colegas e fãs;
- a dualidade ‘estudante-atleta’ ou atleta-estudante’ com que é sempre confrontado.

Convidados a participar neste estudo, através do preenchimento de um questionário, os nossos alunos da ESAN foram parte importante para perceber qual a opinião de estudantes atletas e não atletas quanto à articulação ensino-desporto. Depois de analisar todos os dados, percebemos que, para os primeiros, os horários escolares (que 83,3% dos inquiridos considera “importante” ou “muito importante”) e de treino (75% assinala como “importante” ou “muito importante”) são considerados os principais problemas à conciliação do estudo com a prática desportiva. Esta mesma conclusão é apontada por Zenha, Resende e Gomes (2009, p.8), salientando (...) *que quanto aos factores promotores do sucesso escolar, a possibilidade dos atletas poderem adaptar o seu horário escolar ao seu horário de treino, foi tida como a principal “reivindicação” para um caminho de sucesso no seu percurso escolar.*

Ainda relacionado com o problema anterior, 70,8% dos inquiridos considera que chegar atrasado aos treinos devido às aulas é “importante” ou “muito importante” no processo de articulação. Neste contexto, salientamos que esta opinião estava ligada ao facto da maioria dos alunos treinarem no final das aulas, recordando que dos 24 inquiridos apenas 8 alunos beneficiam de um horário adaptado, devido à existência de um protocolo entre a escola e o seu clube.

A opinião dos alunos também foi importante para nos ajudar a refletir sobre as alterações que poderiam ser colocadas em prática para garantir uma conciliação mais efetiva da ‘dupla carreira’, solucionando os problemas que enfrentam diariamente. Neste contexto, consideraram como medidas que mais gostariam de ver concretizadas, a

possibilidade de alteração das datas dos testes e da carga horária, bem como a atividade física deixar de ser obrigatória - o que lhes permitiria 'ganhar' algum tempo.

Mas um dos aspetos que consideramos mais importante, remetendo até para os fatores de interferência que atrás elencamos, é a necessidade de um maior diálogo e entendimento entre a escola e os agentes desportivos, não esquecendo obviamente o papel importantíssimo da família, fomentando canais de comunicação que permitam gerar consensos para garantir que os alunos estão a ter o melhor acompanhamento em ambas as atividades. Neste sentido, seria de extrema importância a existência de um tutor que fosse o elo de ligação entre os alunos e as instituições, acompanhando-os nas duas vertentes, pois é importante que (...) *os diferentes agentes educativos reúnam esforços no sentido de ajudar os alunos a melhor gerirem e organizarem o seu tempo, de modo a não comprometerem a concretização do seu sucesso escolar* (Costa 2007, p. 29). E acrescentaríamos, sucesso desportivo.

Outro dos objetivos da nossa investigação, era perceber a perspetiva dos alunos atletas em relação ao seu futuro académico e profissional. No primeiro caso, verificamos que a maioria dos nossos alunos pretende ingressar no ensino superior, demonstrando que não estão na escola pela sua obrigatoriedade, mas sim porque têm um objetivo concreto. E relativamente à licenciatura desejada são várias as opções que estes alunos de Línguas e Humanidades consideraram, embora refiram preferencialmente os cursos de desporto, direito, gestão e comunicação social e 17,6% ainda estejam indecisos. Quanto às perspetivas dos alunos que não pretendem frequentar a universidade, a maior parte refere apenas a carreira no desporto, ou profissões na área da modalidade que pratica (i.e. tirar o curso de treinador de futebol). Alguns dizem apenas que pretendem arranjar um emprego rentável ou que ainda não pensaram sobre o assunto.

E qual a postura dos encarregados de educação/pais neste contexto? Que papel exercem junto dos filhos/educandos? Segundo todos alunos inquiridos, os encarregados de educação/pais apoiam-nos e incentivam a sua prática desportiva, até porque alguns deles, ou familiares próximos, tiveram ou têm uma carreira nesta área. Mas será que mostram mais preocupação com a componente desportiva ou com o seu percurso



escolar? A professora Salomé Ribeiro respondeu a esta questão, referindo que: *Os encarregados de educação têm grandes expectativas em relação ao futebol. O investimento e o sonho são muito grandes, todos gostariam de que o filho fosse um futebolista de sucesso.*

Outra das questões que se nos colocou na perspetiva da escola inclusiva, pretendeu indagar se “os alunos que frequentam turmas com flexibilidade imposta pelo protocolo ESAN/FCT não são lesados”. Na realidade, se se pretende incluir todos os jovens em escolas regulares, de forma a promover a ‘equidade e democracia’ e demonstrando ‘respeito pela diversidade humana e cultural’ (DGE, 2017) é importante (...) *integrar jovens atletas em escolas secundárias padrão, para seu próprio benefício educacional e social* (Radtke e Coalter, 2007, p.3, nossa tradução). Mas será que incluir numa mesma turma alunos de diferentes realidades, é a melhor opção? Tendo em conta os dados que recolhemos durante a realização do presente relatório, chegamos à conclusão que a resposta não é fácil nem linear, dependendo muito dos ‘protagonistas’. E apontamos a situação que mais nos intrigou: a turma LH10.1 do 10ºano da ESAN, tendo em conta as horas ‘livres’ que os alunos não atletas passam durante a transição do horário matinal para a tarde. Na nossa opinião estes alunos são prejudicados por estas horas ‘sem atividade’, que impede os que moram mais longe de ir a casa e os ‘obriga’ a ficar até mais tarde na escola. Salomé Ribeiro, focou precisamente esta questão, na entrevista que nos concedeu: *Desde o início debati-me com o facto de o horário ser prejudicial para os alunos que não eram atletas. A maioria morava longe da escola, passavam muitas horas na escola e não aproveitavam esse tempo para estudar. Nas aulas de fim de tarde encontravam-se esgotados.*

Se a flexibilidade de horários tem reflexos na prestação dos alunos, um dos objetivos específicos que nos propusemos cumprir foi precisamente comparar os resultados de avaliação dos alunos praticantes e não praticantes de desporto. Neste sentido, analisamos os resultados finais da disciplina de Geografia de todos os alunos das quatro turmas que constituíram a nossa amostra, sendo importante recordar que apenas em duas delas (LH10.1 e LH12.2) vigora o protocolo entre o FCP e a ESAN.

Considerando uma comparação entre turmas do mesmo ano de escolaridade, podemos observar que nas turmas de 10º ano, apesar de em ambos os casos os alunos atletas terem uma média mais elevada, na turma em que o protocolo está a permitir uma flexibilidade aos alunos do FCP (LH10.1), essa diferença é superior à turma LH10.2. No 12º ano esta análise é mais complicada uma vez que numa das turmas existe apenas um aluno atleta (LH12.1), assim sendo, na turma que não pertence ao protocolo, a média de alunos atletas e não atletas ronda os 16 valores cada, o que não se verifica na turma LH12.2, uma vez que os alunos não atletas tem uma média de 17 valores, contra os 14,2 dos alunos não atletas, acontecendo o oposto do que em todas as outras turmas, que os atletas tem valores superiores.

Refletindo agora sobre as turmas que fazem parte do protocolo de ambos os anos de escolaridade (LH10.1 e LH12.2) observamos que na turma LH10.1, as notas dos alunos atletas foram superiores aos dos alunos não atletas, o que não acontece na turma LH12.2, verificando-se resultados inverso, assim sendo podemos concluir que nesta turma, os alunos atletas podem não estar a receber o apoio necessário para que consigam conciliar os estudos e o desporto, uma vez que estão numa fase desportiva com mais competições internacionais o que significa o aumento do número de ausências do país, logo um aumento do número de ausências na escola. A inclusão de um psicólogo desportivo na escola, poderia ser um grande acréscimo para a ajuda à conciliação por parte dos alunos deste ano em especial, pois os alunos estão num último ano de escolaridade e de formação desportiva (estão a apenas um ano de se tornarem profissionais), existindo imensa pressão dos dois lados, o que pode ser uma das causas destes resultados entre turmas que fazem parte do protocolo.

Podemos então concluir que o facto de os alunos serem praticantes de desporto não implica que requeiem para segundo plano os estudos, sendo possível conciliar as duas atividades. Mas é importante que as medidas de flexibilização não afetem os alunos ‘regulares’. Escolas, clubes e encarregados de educação devem trabalhar em conjunto. No caso da ESAN, consideramos que as parcerias deveriam ser estendidas a outros clubes ou entidades desportivas da cidade do Porto. Tal permitiria abranger mais alunos atletas e de várias modalidades, permitindo a criação de turmas específicas que

poderiam também significar uma maior flexibilidade curricular. Como defende a professora Salomé Ribeiro *os alunos deveriam ser integrados em turmas próprias, com o mesmo desenho das escolas artísticas. Isso permitiria uma adaptação curricular.*

Levanta-se assim a questão se esta perspetiva inclusiva é o mais correto, uma vez que como podemos concluir, os alunos não atletas saem em alguns casos lesados desta conciliação. Na perspetiva de se criarem turmas para atletas, seria importante a escola e as entidades desportivas intervirem para construírem um currículo adaptado a estes alunos, para que fosse mais fácil a sua adaptação, mas também para que as duas atividades se aproximassem. A questão do ensino profissional também seria uma alternativa a ter em conta, uma vez que existe uma maior facilidade em adaptar o currículo (e como sabemos a ESAN tem um curso profissional relacionado com o desporto), mas, como sabemos, os cursos profissionais pedem uma presença em sala, sendo mais rigorosos em relação às faltas, como referiu a professora Salomé Ribeiro: *o ensino profissional é mais inflexível em relação às faltas. Nestes cursos são financiados pelo POCH e regidos por legislação própria (...), sendo que, a professora afirma ainda que se existissem horários adaptados neste tipo de ensino os alunos optariam por ele, sendo que (...) teria de existir uma forma de se contabilizar as horas de treino como horas da componente técnica.*

## Referências bibliográficas

Alves, R. (2015). *Atletas – Diferenças motivacionais para uma carreira desportiva: influência na saliência, satisfação com papéis e percepção de controlo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia, Lisboa.

Canavarro, A. P. (2003). *Práticas de ensino da Matemática: Duas professoras, dois currículos*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa. Lisboa.

Carr, S., Weigand, D., & Jones, J. (2000). The relative influence of parents, peers, and sporting heroes on goal orientations of children and adolescents in sport. *Journal Sport Pedagogy*, 6, pp. 34-55.

Carvalho, M. (2002). A inserção da alta competição nos programas dos governos constitucionais em Portugal e o seu enquadramento normativo. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol. 2, nº 4, pp. 64–71.

Conceição, D. (2015). *O estudante-atleta: desafios de uma conciliação*. Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação.

Costa, A. (2007). *Prática desportiva e rendimento académico – Um estudo com alunos do ensino secundário*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra.

Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, 13, pp.395-417.

Curtis, T.R., (2006). Encouraging Student-Athletes' Academic Success Through Task Orientation Goal-Setting. *Journal of College and Character*, vol, nº3, pp. 1- 5.

European Commission. (2013). *EU Guidelines on Dual Careers of Athletes*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 43p.

Frade, I. (2012). *A influência da prática desportiva extracurricular nos resultados escolares*. Seminário/Relatório de Estágio em Ensino da Educação Física nos ensinos Básicos e Secundários, Faculdade de Educação Física e Desporto, Portimão.

Lang, G., Dunham, R.G., Alpert, G.P. (1988). Factors related to the academic success and failure of college football players. *Youth & Society*, vol.20, nº 2, pp.29-222.

Melo, L.; Soares, A.; Rocha, H. 2014. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro. *Rev Bras Educ Fís Esporte*, (São Paulo), 28(4), pp.617-28.

Monteiro, R. (2014). *Estudo Comparativo do Rendimento Escolar obtido por Alunos Praticantes de Desporto Federado e Alunos não Praticantes (Desportos Individuais e Coletivos)*. Dissertação de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

Oliveira, A. (2012). *A influência do esporte no rendimento escolar na opinião de alunos e professores da escola estadual cora coralina da cidade de Ariquemes-RO*. Universidade de Brasília. Ariquemes.

Petitpas, A.; Van Raalte, J.; Cornelius, A.; Presbrey, J. (2004). A Life Skills Development Program for High School Student-Athletes. *The Journal of Primary Prevention*, vol. 24, nº. 3, pp. 325-334.

Radtke, S., Coalter, F. (2007). *Sports Schools: An International Review. Report to the Scottish Institute of Sport Foundation*. Technical Report. University of Stirling.

Rodrigues, P. (1999). Avaliação Curricular. In Estrela, A & Nóvoa, A. *Organização de Avaliações em Educação: Novas perspectivas*. Porto: Porto Editora.

Santos, J. *A conciliação entre o Desporto de Alto Rendimento e o Sucesso Escolar. Estudo Centrado na Região Autónoma dos Açores*. Dissertação de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

Simons, D.H., Van Rhee, D. (2000). Noncognitive Predictors of Student Athletes' Academic Performance. *Journal of College Reading and Learning*, vol.30, nº2, pp. 167-181.

Soares, J.P., Aranha, A.M., Antunes, H.L. (2013). Relação entre os setores de prática desportiva, as modalidades desportivas e o aproveitamento escolar. *Motricidade*, vol.9, n. 3, pp. 3-11.

Teques, P. (2009). *Envolvimento Parental no Futebol*. Dissertação de mestrado em psicologia do desporto, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.

Torregrosa, M., Cruz, J., Sousa, C., Viladrich, C., Villamarín F., Garcia-Mas, A., & Palou, P. (2007). La influencia de padres y madres en el compromiso deportivo de futbolistas jóvenes. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 39 (2), pp. 227-237.

Tuckman, Bruce (2000). *Manual de investigação em educação*. Fundação Calouste Gulbenkian, 744p.

Yopyk, D.J, Prentice, D.A. (2005). Am I an Athlete or a Student? Identity Salience and Stereotype Threat in Student-Athletes. *Basic and Applied Social Psychology*, vol.27, nº4, pp. 329-336.

Zenha, V., Resende, R., & Gomes, A.R. (2009). Desporto de alto rendimento e sucesso escolar: Análise e estudo de factores influentes no seu êxito. In J. Fernández, G. Torres, & A. Montero (Eds.), *II Congresso Internacional de Deportes de Equipo* Editorial y Centro de Formación Alto Rendimiento. Corunha. Espanha.

## **Documentos Legais**

Decreto-Lei nº 257/90 de 7 de agosto de 1990. Diário da República n.º 181 Série I.

Lei n.º 30/2004, de 21 de julho - Diário da República n.º 170/2004, Série I-A.

Lei nº 5/2007, de 16 de janeiro. Diário da República n.º 11/2007, Série I.

Decreto-Lei nº 272/2009 de 1 de outubro. Diário da República n.º 191, Série I.

Portaria n.º 325/2010 de 16 de junho. Diário da República n.º 115/2010, Série I.

Decreto-Lei nº 139/2012 de 5 de julho. Diário da República, 1.ª série-N.º 129.

Decreto-Lei n.º 45/2013 de 5 de abril. Diário da República n.º 67/2013, Série I.

Despacho nº 9386-A/2016 de 21 de julho. Diário da República n.º 139/2016, 1º Suplemento, Série II.

Decreto-Lei nº 55/2018 de 6 de julho. Diário da República n.º 129/2018, Série I.

## **Anexos**

## **Anexo 1 – Inquérito por questionário aos alunos atletas das turmas LH10.1, LH10.2, LH12.1 e LH12.2**



Inquérito por questionário

Ano letivo 2017/18

### **Inquérito por questionário**

O presente questionário realiza-se no âmbito de uma investigação para a elaboração do relatório de estágio do Mestrado em Ensino de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e tem como principal objetivo compreender a visão dos desportistas em relação à escola e quais as suas propostas para melhorar a sua integração no ensino. Destina-se a estudantes do ensino secundário (alunos do 10º e 12º), pelo que o teu contributo é essencial. Este questionário não é anónimo, mas as respostas destinam-se, unicamente, aos objetivos do referido relatório sendo garantida a sua confidencialidade. Assim sendo, peço-te que sejas o mais rigoroso possível nas tuas respostas.

#### **Identificação**

- 1) Nome: \_\_\_\_\_
- 2) Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐
- 3) Idade: \_\_\_\_\_
- 4) Local de residência (freguesia, concelho): \_\_\_\_\_
- 5) Ano de escolaridade:  ano.
- 6) Escola: \_\_\_\_\_
- 7) Modalidade desportiva praticada: \_\_\_\_\_
- 8) Clube: \_\_\_\_\_



### Contexto familiar

1) Parentesco do encarregado de Educação: \_\_\_\_\_

2) Pai: Idade:  Profissão: \_\_\_\_\_

3) Mãe: Idade:  Profissão: \_\_\_\_\_

4) Com quem vives durante a semana? \_\_\_\_\_

5) Com quem vives ao fim-de-semana? \_\_\_\_\_

6) Tens familiares ligados ao desporto?

Sim  Não

7) Se respondeste “sim” na questão anterior, identifica qual a relação dos teus familiares com o desporto:

---



---



---

8) Assinala o teu grau de concordância com as seguintes afirmações:

	<b>DISCORDO TOTALMENTE</b>	<b>DISCORDO</b>	<b>CONCORDO</b>	<b>CONCORDO TOTALMENTE</b>
1. Os meus pais/encarregado de educação apoiam e incentivam a minha prática desportiva.				
2. Os meus pais/encarregado de educação condicionam a minha prática desportiva aos meus resultados escolares.				
3. Os meus pais/encarregado de educação querem que eu frequente o				

ensino superior.				
4. Os meus pais/encarregado de educação aceitam a minha decisão de frequentar ou não o ensino superior.				

### Ensino e desporto

1) Modalidade de Ensino frequentada

Regular ☐ Área: \_\_\_\_\_

Profissional ☐ Curso: \_\_\_\_\_ (Avança para a questão 4)

2) Porque optaste pelo ensino regular?

---



---

3) Tendo em conta que o desporto é uma atividade que te ocupa grande parte do teu dia, nunca pensaste na possibilidade de ingressar no ensino profissional?

Sim ☐ Não ☐

4) Porque optaste pelo Ensino Profissional?

---



---

5) O clube que representas teve algum tipo de influência na tua escolha?

Sim ☐ Não ☐

6) Se respondeste afirmativamente, que tipo de influência é que o clube teve nessa escolha?

---



---



---

7) Qual é o teu horário de treinos?

Horário	Segunda-Feira	Terça-Feira	Quarta-Feira	Quinta-Feira	Sexta-Feira	Sábado	Domingo
Início							
Fim							

8. Por dia, quanto tempo dedicas ao estudo (fora das aulas)?

- Não estudo todos os dias ☐
- Menos de 1 hora ☐
- Aproximadamente 1 hora ☐
- Aproximadamente 2 horas ☐
- Aproximadamente 3 horas ☐
- 4 horas ou mais horas ☐

9. Já reprovaste alguma vez?

Sim ☐ Não ☐ Em que ano(s) de escolaridade? \_\_\_\_\_

10. Em que local estudas habitualmente?

Casa ☐ Escola ☐ Clube ☐ Centro de explicações ☐

Outro (especifica) ☐ \_\_\_\_\_

11) Assinala o teu grau de concordância com as seguintes afirmações:

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. O meu Clube/treinador incentiva a minha frequência escolar.				
2. O meu Clube/treinador interessa-se pelos meus resultados no ensino.				
3. O meu Clube/treinador condicionam a minha prática desportiva aos meus resultados escolares.				
4. O meu Clube/treinador adapta/facilita o horário do meu treino em função dos meus testes de avaliação.				
5. O meu Clube/treinador				

incentivam a frequência do ensino superior.				
6. Seria melhor atleta se não estudasse				
7. Seria melhor aluno se não praticasse desporto de forma tão intensiva.				

12) Das seguintes problemáticas, expressa o seu grau de importância relativamente à dificuldade que podem impor na articulação entre a prática desportiva e o ensino

	<b>Nada Importante</b>	<b>Pouco Importante</b>	<b>Importante</b>	<b>Muito Importante</b>
Horários escolares				
Horário dos treinos				
Chegar atrasado aos treinos devido às aulas				
Chegar atrasado às aulas devido aos treinos				
Em alguns casos ter de faltar de forma prolongada às aulas				
A escola ser longe do clube de prática desportiva				
Ter de frequentar escolas que tenham protocolo com o clube				
Falta de tempo/motivação para estudar				

13) Para além das anteriores, sentes mais algum(ns) obstáculo(s) na articulação entre o ensino e futebol? Se responderes afirmativamente, especifica.

---



---

14) Achas que o facto de frequentares uma turma com alunos que não praticam uma atividade desportiva com intensidade similar à tua lhes pode trazer algumas desvantagens? Quais

---



---



---

15) Sentes alguma alteração de comportamento por parte dos teus colegas pelo facto de seres praticante desportivo? Se sim, explicita.

---

---

---

16) Sentes alguma alteração de comportamento por parte dos teus professores pelo facto de seres praticante desportivo? Se sim, explicita.

---

---

---

### **Estatuto face ao desporto**

1. Tens algum tipo de apoio no sentido da conciliação entre a prática de desporto e a formação e sucesso académico?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, quais os benefícios desenvolvidos pela escola?

---

---

2) Tens conhecimento da existência do Estatuto de Alto Rendimento?

Sim ☐ Não ☐

3) És titular do Estatuto de Alto Rendimento?

Sim ☐ Não ☐

Se respondeste afirmativamente, avança para a questão 6

4) Tens conhecimento dos objetivos que tens de alcançar para adquirir esse Estatuto?

Sim ☐ Não ☐

5) És atleta federado?

Sim ☐ Não ☐

6) Estás ciente das vantagens que o Estatuto de Alto Rendimento pode trazer para os teus estudos?

Sim ☐ Não ☐

7) Das seguintes vantagens que o Estatuto de Alto Rendimento oferece assinala com um “X” as três opções que achas que iriam melhorar o teu percurso escolar.

Vantagens	
Horário escolar adaptado	
Alteração de datas de provas de avaliação (quando ocorrem durante o período de preparação e participação em competições desportivas)	
Professor acompanhante (tutor)	
Aulas de compensação	
Cursos ou lições	
Bolsas académicas	

### Perspetivas de futuro

1) Pretendes ingressar no ensino superior?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, que curso pretendes frequentar e porquê

---

---

Se não, o que pretendes fazer e porquê

---

---

2) Se seguires carreira no desporto, até que idade pensas poder prolongar essa atividade?

---

---

3) O que pensas fazer depois de terminada essa carreira?

---

---

4) O que achas que será mais útil no teu futuro: o Desporto ou os Estudos? Justifica.

---

---

---

---

### Opinião

Se tens Estatuto de Atleta de Alto Rendimento, avança para a questão 2.

1. Achas que seria benéfica a criação de legislação específica para que pudesses usufruir de alguns dos direitos dos atletas com Estatuto de Atleta de Alto Rendimento? Porquê?

---

---

---

---

---

2. Que alterações gostarias de ver concretizadas, para que a articulação entre o desporto e o ensino fosse mais fácil? Ou seja, o que consideras fundamental que fosse melhorado ou alterado?

---

---

---

---

Se és atleta do FC Porto o questionário acaba por aqui. Obrigada pela tua colaboração!!

3) Achas que poderias ser melhor sucedido na escola se a instituição que representas tivesse um protocolo com a escola que te permitisse ter os mesmos horários de treinos dos teus colegas do FC Porto?

Sim ☐

Não ☐

Explica porquê

---

---

---

Obrigada pela tua colaboração!!



## Anexo 2 - Inquérito por questionário aos alunos não atletas das turmas LH10.1 e LH12.2



Inquérito por questionário

Ano letivo 2017/18

### Inquérito por questionário

O presente questionário realiza-se no âmbito de uma investigação para a elaboração do relatório de estágio do Mestrado em Ensino de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e tem como principal objetivo compreender a visão dos desportistas em relação à escola e quais as suas propostas para melhorar a sua integração no ensino. Destina-se a estudantes do ensino secundário (alunos do 10º e 12º), pelo que o teu contributo é essencial. Este questionário não é anónimo, mas, as respostas destinam-se, unicamente, aos objetivos do referido relatório sendo garantida a sua confidencialidade. Assim sendo, peço-te que sejas o mais rigoroso possível nas tuas respostas.

#### Identificação

- 1) Nome: \_\_\_\_\_
- 2) Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐
- 3) Idade: \_\_\_\_\_
- 4) Localidade: \_\_\_\_\_
- 5) Ano de escolaridade:  ano.
- 6) Escola: \_\_\_\_\_

#### Parentesco

- 1) Parentesco do encarregado de Educação: \_\_\_\_\_
- 2) Pai: Idade:  Profissão: \_\_\_\_\_
- 3) Mãe: Idade:  Profissão: \_\_\_\_\_
- 4) Com quem vives durante a semana? \_\_\_\_\_
- 5) Com quem vives ao fim-de-semana? \_\_\_\_\_

### Ensino e o desporto

- 1) Conheces o protocolo que o FC Porto tem com a Escola António Nobre?

Sim ☐ Não ☐

- 2) Achas que és de alguma forma prejudicado face aos alunos que beneficiam desse protocolo?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, porquê?

---



---



---

- 3) Achas que és de alguma forma beneficiado por integrares uma turma com alunos que usufruem desse protocolo?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, porquê?

---



---



---

- 4) Das seguintes problemáticas em relação à inclusão de desportistas no ensino, expressa o seu grau de importância relativamente às que mais te afetam:

	Nada Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante
Horário escolar				
Constantes interrupções no início da aula devido aos atrasos				

Benefícios desses estudantes em relação às faltas				
Turmas pequenas (12º ano)				
Comportamento inadequado				
Esses alunos são pouco motivados e desconcentram-se				
Os programas das disciplinas não são por vezes cumpridos na sua totalidade				
Os professores são menos exigentes e aprofundam menos os conteúdos				
É difícil estabelecer relações de amizade com esses alunos, porque tendem a formar ‘grupos fechados’.				
Nos intervalos raramente interagem com os alunos não desportistas				

5) O facto de teres várias horas sem aulas na transição entre o horário matinal e o da tarde dificulta a tua concentração nas aulas?

Sim ☐ Não ☐

6) Os teus pais/encarregado de educação já se manifestaram alguma vez contra a tua inclusão numa turma que usufrui de condições associadas ao protocolo que o FC Porto tem com a Escola António Nobre?

Sim ☐ Não ☐

Se respondeste afirmativamente, especifica.

---



---



---

7) Consegues ir a casa durante os tempos livres em que os teus colegas do FC Porto estão nos treinos?

Sim ☐ Não ☐

Se respondeste não, explica porquê

---

---

---

8) Aproveitas essas horas para estudar?

Sim ☐ Não ☐

Se respondeste negativamente, como costumavas aproveitar essas horas livres?

---

---

---

### Eu e o desporto

1) Praticas algum desporto fora do tempo de aulas?

Sim ☐ Não ☐

(Se respondeste não o teu questionário termina por aqui! Obrigada pela tua colaboração)

2) Praticas desporto, apenas por diversão ou por outro motivo?

Diversão ☐

Outro ☐

Qual? \_\_\_\_\_

3) Qual é o teu horário de treinos?

Horário	Segunda- Feira	Terça- Feira	Quarta- Feira	Quinta- Feira	Sexta- Feira	Sábado	Domingo
Início							
Fim							

4) Achas que poderias ser melhor sucedido na escola se a instituição que representas tivesse um protocolo com a escola que te permitisse ter os mesmos horários de treinos dos teus colegas do FC Porto?

Sim ☐ Não ☐

Explica porquê

---

---

---

Obrigada pela tua colaboração!!

### **Anexo 3 – Entrevista à professora Salomé Ribeiro, orientadora de estágio do Núcleo da Escola Secundário António Nobre**



Inquérito por questionário

Ano letivo 2017/18

#### **Entrevista**

A presente entrevista realiza-se no âmbito de uma investigação para a elaboração do relatório de estágio do Mestrado em Ensino de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e tem como principal objetivo compreender a visão dos desportistas em relação à escola e quais as suas propostas para melhorar a sua integração no ensino. Esta entrevista destina-se à professora e orientadora de estágio Salomé Ribeiro, que conta com uma vasta experiência no ensino e, sobretudo, com turmas que são adaptadas a alunos atletas.

#### **Questão um**

Durante o ano letivo 2017/2018, os alunos atletas eram integrados em turmas com alunos regulares, num tipo de ensino “totalmente integrado” na comunidade escolar, concorda com esta junção ou seria preferível a existência de turmas apenas de atletas com flexibilidade/adaptação curricular?

Resposta: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### Questão dois

Os alunos que não praticam desporto e frequentam a escola em regime regular, podem sair lesados caso frequentem turmas com alunos que fazem parte do protocolo? Porquê?

Resposta: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### Questão três

Como professora de turmas com atletas, sente que nessas turmas faz uma maior adaptação dos conteúdos? A forma de lecionar é igual?

Resposta: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

### Questão quatro

Durante o ano letivo, conseguiu identificar alguma alteração de comportamento na transição entre o horário matinal e o da tarde nas turmas que fazem parte do protocolo? E em relação aos alunos não atletas, identifica algum tipo de comportamento que pode

estar derivado do facto de estarem quase quatro horas sem aulas durante esta transição de horário?

Resposta: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

#### **Questão cinco**

Tem conhecimento da existência de alguma reunião de esclarecimento no início do ano letivo, entre algum representante da ESAN e do FC Porto com os Encarregados de Educação sobre o protocolo entre ambas as instituições?

Resposta: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

#### **Questão seis**

Como é que vê a postura dos Encarregados de Educação dos alunos atletas face à dicotomia desporto e aprendizagem? Na sua opinião, os Encarregados de Educação mostram mais preocupação com a carreira dos estudantes no desporto ou com o seu percurso escolar?



Resposta:\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

#### **Questão sete**

Porquê que os alunos atletas não optam por cursos profissionais (na ESAN existe o curso de Técnico de Apoio à Gestão Desportiva), uma vez que estes permitem uma maior flexibilidade curricular?

Resposta:\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

#### **Questão oito**

É da opinião de que se existissem horários adaptados nos cursos profissionais os alunos atletas poderiam mostrar preferência por esse tipo de ensino, uma vez que conta com cursos ligados ao desporto?

Resposta:\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

---

---

---

### Questão nove

No ano letivo 2018/2019, o protocolo entre o FC Porto e a ESAN chegou ao fim, concorda com este romper de ligação? Acha benéfico para a ESAN e para os alunos “regulares”?

Resposta: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

---

---

---

#### Anexo 4 – Quadro Legislação

Ano	Leis		Decreto-Lei	Objetivos
1942			Decreto-Lei n.º 32 241, de 5 de setembro	Organização da atividade desportiva. Estado Novo
1976			Decreto-Lei n.º 559/76, 16 de julho	
1980			Portaria n.º 730/80, de 26 de setembro	Marco substancial na valoração política e conceptual da alta competição (Carvalho, 2002)
1988			Decreto-Lei n.º 442 - A/88, de 30 de novembro	Código do Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares tratamento fiscal consentâneo para os prémios auferidos pelos praticantes de alto rendimento, derivados dos resultados desportivos de excelência que obtenham, e para as bolsas de que os mesmos beneficiem, excluindo uns e outros da incidência deste imposto.
1990	Lei de Bases do Sistema Desportivo	Lei n.º 1/90, de 13 de janeiro	Decreto-Lei n.º 257/90, de 7 de agosto	Estabelece o quadro geral do sistema desportivo e tem por objetivo promover e orientar a generalização da atividade desportiva. Incorpora um conjunto de medidas de apoio ao então designado subsistema de alta competição
1995			Decreto-Lei n.º 125/95, de 31 de maio	Aperfeiçoamento das medidas de apoio ao subsistema de alta competição
1995			Portaria n.º 947/95, de 1 de agosto	Define os critérios técnicos para a qualificação como praticante desportivo de alta competição e praticante integrado no percurso de alta competição
1996			Decreto-Lei n.º 123/96, de 10 de	Alteração do anterior

			agosto	
1997			Portaria n.º 393/97, de 17 de junho	Concede prémios aos cidadãos com deficiência que se classifiquem num dos três primeiros lugares de provas dos jogos paraolímpicos ou de campeonatos do Mundo ou da Europa e da Taça do Mundo de Boccia
1998			Portaria n.º 205/98, de 28 de março	Estabelece normas relativas à concessão de bolsas académicas a praticantes de alta competição
1998			Portaria n.º 211/98, de 3 de abril	Fixa o valor dos prémios a atribuir aos praticantes desportivos das disciplinas das modalidades integradas no programa olímpico que se classificarem num dos três primeiros lugares dos jogos olímpicos e dos campeonatos do mundo e da Europa, no escalão absoluto. Revoga a Portaria n.º 953/95, de 4 de agosto
1998			Portaria n.º 392/98, de 11 de julho	Seguro desportivo especial dos praticantes em regime de alta competição
1999			Decreto-Lei n.º 393-A/99, de 2 de outubro	Regula os regimes especiais de acesso e ingresso no ensino superior.
2004	Lei de Bases do Desporto	Lei n.º 30/2004, de 21 de julho		Define as bases gerais do sistema desportivo e estrutura as condições e oportunidades para o exercício da atividade desportiva
2007	Lei de Bases da Atividade Física e do Desporto	Lei n.º 5/2007, de 16 de janeiro		Equaciona em novos termos a problemática referente ao desporto de alto rendimento.
2009			Decreto-Lei n.º 10/2009, de 12 de janeiro	Novo sistema de seguro que cobre os especiais riscos a que estão sujeitos os

				praticantes de alto rendimento
2009			Decreto-Lei n.º 272/2009 de 1 de outubro	Estabelece as medidas específicas de apoio ao desenvolvimento do desporto de alto rendimento. <sup>32</sup>
2011			Decreto-Lei n.º 98/2011, de 21 de setembro	Criação do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ). O IPDJ, I. P., terá por missão apoiar a definição, execução e avaliação da política pública do desporto, promovendo a generalização do desporto, bem como o apoio à prática desportiva regular e de alto rendimento, através da disponibilização de meios técnicos, humanos e financeiros. A preservação da ética no desporto será ainda um dos escopos essenciais do IPDJ, I. P.
2013			Decreto-Lei n.º 45/2013, de 5 de abril	Estabelece as medidas específicas de apoio à preparação e participação internacional das seleções ou outras representações desportivas nacionais.
2016			Despacho n.º 9386-A/2016	É criado o projeto piloto denominado de “Apoio ao Alto Rendimento na Escola”, coordenado pela Direção-Geral da Educação em colaboração com o Instituto Português da Juventude e do Desporto, Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares e com os agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas posteriormente

<sup>32</sup>. Para efeitos do presente decreto -lei, considera -se: a) «Alto rendimento» a prática desportiva em que os praticantes obtêm classificações e resultados desportivos de elevado mérito, aferidos em função dos padrões desportivos internacionais; c) «Praticantes desportivos de alto rendimento» aqueles que, preenchendo as condições legalmente estabelecidas, constarem do registo organizado pelo Instituto do Desporto de Portugal, I. P. (IDP, I. P.);

				convidados. Projeto-piloto UAARE - “Unidades de Apoio ao Alto Rendimento na Escola (UAARE)” <sup>33</sup>
--	--	--	--	---

---

<sup>33</sup>. As UAARE visam uma articulação eficaz entre os agrupamentos de escola, os encarregados de educação, as federações desportivas e seus agentes e os municípios, entre outros interessados, tendo por objetivo conciliar, com sucesso, a atividade escolar com a prática desportiva de alunos/atletas do ensino secundário enquadrados no regime de alto rendimento ou seleções nacionais.